ALMANACH LITTERARIO

DE

SÃO PAULO

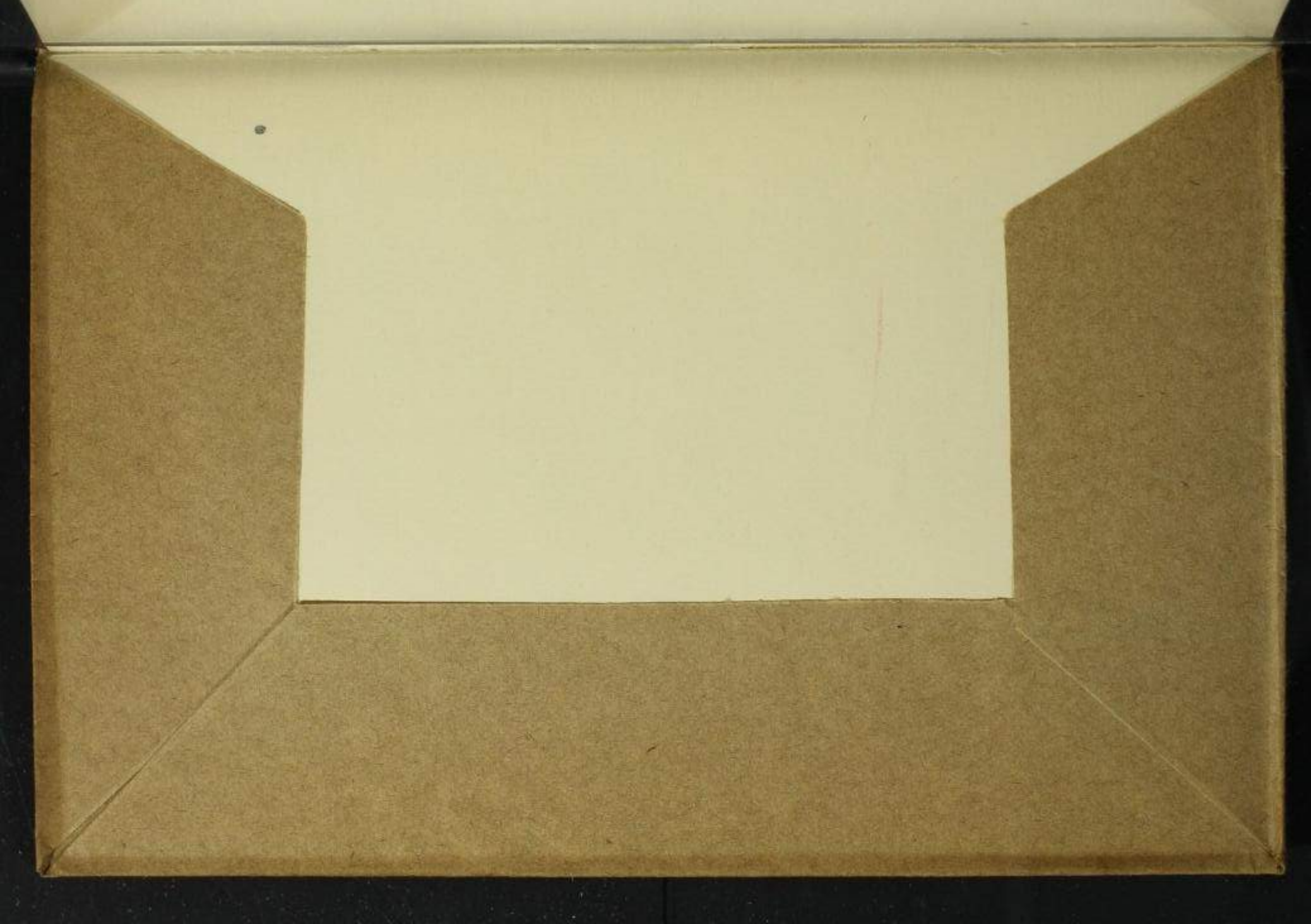
PARA O ANNO DE

1877

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

2.º ANNO



ALMANAK LITTERARIO

DE

SÃO PAULO

PARA

1877

PUBLICADO POR

JOSÉ MARIA LISBOA

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA DA «PROVINCIA».
1876

DUAS PALAVRAS

O lisongeiro acolhimento dispensado ao *Almanak Litterario* para 1876, animou-nos a publicar para 1877 um livrinho da mesma natureza, na convicção de que será elle recebido com egual favor.

Como no do anno passado foram enviadas circulares aos diversos cavalheiros que cultivam ou cultivaram as bellas lettras, havendo muitos delles correspondido ao nosso appello, escusando-se outros, e não poucos deixando de responder-nos, talvez por descaminho das circulares.

Embora a melhor vontade para fazer um livrinho interessante e essencialmente paulista, nosso constante alvo, entretanto é difficil a realisação de tal desejo, attenta a incrivel repugnancia com que uma grande parte dos melhores talentos se exime a figurar em trabalhos de caracter mais ou menos litterario.

Felizmente o contagio não é geral, e orgúlhamo-nos de enfeixar no presente *Almanak* não poucos artigos de notavel merecimento, devidos á penna primorosa de muitas illustrações paulistas e de alguns honrados cidadãos de outras provincias.

Acreditamos que a publicação frequente de livros desta ordem, que a creação mesmo de uma folha litteraria na provincia, prestando um relevante serviço ás lettras do paiz, traria a terreiro essa infinidade de bellos talentos retrahida por todos os cantos e quasi imprestavel por falta de incentivo.

Não nos falta para o commettimento coragem e boa vontade, mas o nosso melindroso estado de saude infelizmente não nos permittirá continuar nesta tarefa; entretanto o caminho está aberto e outros mais competentes proseguirão e realisarão melhor o que mal temos esboçado.

Terminamos, agradecendo, penhoradissimos, aos que nos têm honrado com seus escriptos, com seus applausos, com seu concurso emfim.

S. Paulo, 20 de Novembro de 1876.

José Maria Lisboa.

NOMES

DAS

PESSOAS QUE ILLUSTRAM AS PAGINAS DESTE ALMANAK

AMERICO BRASILIENSE DE ALMEIDA MELLO (dr.)

A. BRASILIENSE CARNEIRO

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA MACHADO E SILVA (dr.)

ANTONIO CARLOS (o velho)

ANTONIO CASIMIRO MACEDO SAMPAIO

ANTONIO RODRIGUES GUIMARÃES JUNIOR

ALVARES MACHADO

A. SAINT-HILAIRE

BENEDICTO MARCONDES HOMEM DE MELLO (tenente-coronel)

BRASILIO MACHADO (dr.)

CARLOS RATH (dr.)

DIOGO ANTONIO FEIJÓ (senador)

EZEQUIEL FREIRE

FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO (cons.)

FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES (conego)

FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS (dr.)

FRANCISCO RANGEL PESTANA (dr.)

FRANCISCO XAVIER DOS PASSOS (padre)

HYPOLITO DE CAMARGO (dr.)

JOÃO BAPTISTA A. MARQUES

JOÃO QUIRINO DO NASCIMENTO (dr.)

JOÃO SOARES (capitão)

JOAQUIM DE ALMEIDA LEITE MORAES (dr.)

JOAQUIM JOSÉ MACHADO DE OLIVEIRA (brigadeiro)

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO (dr.)

JOAQUIM MARIANO DE ALMEIDA MORAES (dr.)

JOAQUIM DE PAULA SOUZA (dr.)

JULIO RIBEIRO

J. G. CHAVES

J. R. S. DUTRA

LAVRADOR (um)

LUCIO DE MENDONÇA

LUCAS DE LIMA

MARTIM FRANCISCO (o velho)

MANOEL EUFRAZIO D'AZEVEDO MARQUES (major)

N. P. DE C. VERGUEIRO (senador)

OLYMPIO CATÃO

PAULO ANTONIO DO VALLE (dr.)

PAULO EGYDIO DE OLIVEIRA CARVALHO (dr.)

PAULO EIRÓ

PAULISTA (um)

PEDRO AZEVEDO

PEDRO GOMES DE CAMARGO (padre)

PRUDENTE DE BARROS (dr.)

RAYMUNDO MOTTA (dr.)

SERVULO GONÇALVES

TRISTÃO MARIANO DA COSTA

UBALDINO DO AMARAL (dr.)

URBANO AMARAL

VICENTE FELIX DE CASTRO

COMPUTO ECCLESIASTICO

Epacta	XV
Aureo Numero	16
Cyclo Solar	10
Lettra Dominical	g
Lettra do Martyrologio	g
Indicção Romana	5

Festas moveis

Septuagesima	28 de Janeiro.
Dia de Cinzas	14 de Fevereiro.
Paschoa	1 de Abril.
Rogações *(Ladainhas)*	7, 8, 9 de Maio.
Ascenção	10 de Maio.
Pentecoste (Espirito-Santo)	20 de Maio.
Dominga da SS. Trindade	27 de Maio.
Corpo de Deus	31 de Maio.
Santissimo Coração de Jesus	8 de Junho.
Primeira Dominga do Advento	2 de Dezembro.

Temporas

Primeiras	21, 23, 24 de Fevereiro.
Segundas	23, 25, 26 de Maio.
Terceiras	19, 21, 22 de Setembro.
Quartas	19, 21, 22 de Dezembro.

Nupcias

As Bençãos Nupciaes são prohibidas desde o 1º Domingo de Advento (2 de Dezembro) até o dia de Reis, inclusive, (6 de Janeiro) e desde quarta-feira de Cinzas (14 de Fevereiro) até a Dominga *in Albis*, inclusive, 8 de Abril

Estações do anno referidas ao Hemispherio do Sul

Outono	20 de Março.
Inverno	20 de Junho.
Primavera	22 de Setembro.
Verão	21 de Dezembro.

ECLIPSES

No anno de 1877 haverá tres eclipses do sol e dous da lua.

O primeiro.—Da lua total e invisivel no Rio de Janeiro será no dia 27 de Fevereiro.

Primeiro contacto com a penumbra a 1 h. 41' 24" da tarde.
Primeiro contacto com a sombra ás 2 h. 37' 6" da tarde.
Meio do eclipse ás 4 horas 22' 48" da tarde.
Ultimo contacto com a sombra ás 6 h 8' 30" da tarde.
Ultimo contacto com a penumbra ás 7 h. 4' 12" da tarde.

A grandeza deste eclipse é de 1,663, sendo o diametro da lua—1

O segundo.—Do sol, parcial e invisivel no Rio de Janeiro será no dia 14 para 15 de Março.

Principio geral na terra dia 14 ás 10 h. 22' 30" da tarde.
Maxima phase dia 14 ás 11 horas 45' 30" da tarde.
Fim geral na terra dia 15 á 1 h. 8' 36" da manhã.

A grandeza deste eclipse é de 0,295, sendo o diametro do sol—1.

O terceiro.—Do sol parcial e invisivel no Rio de Janeiro será no dia 9 de Agosto.

Principio geral na terra á 1 h. 19' 24" da manhã.
Maxima phase ás 2 h. 37' 36" da manhã.
Fim geral na terra ás 3 h. 49' 42" da manhã.

A grandeza deste eclipse é de 0,392, sendo o diametro do sol—1.

O quarto.—Da lua total e visivel em parte no Rio de Janeiro será no dia 23 de Agosto.

Primeiro contacto com a penumbra ás 5 h. 11' 12".
Primeiro contacto com a sombra ás 6 h. 21' 12".
Meio do eclipse ás 8 h. 18' 54".
Ultimo contacto com a sombra ás 10 h. 16' 36"
Ultimo contacto com a penumbra ás 11 h. 26' 36".

A grandeza deste eclipse é de 1,682, sendo o diametro da lua—1.

O quinto.—Do sol parcial e de simples contacto no Rio de Janeiro (como que invisivel) será no dia 7 de Setembro.

Principio geral na terra ás 8 h. 17' 30" da manhã.
Maxima phase ás 9 h. 56' 0" da manhã.
Fim geral na terra ás 11 h. 34' 30" da manhã.

A grandeza deste eclipse é de 0,039, sendo o diametro do sol—1.

Tempo médio no Rio de Janeiro.

(Imperial Observatorio).

JANEIRO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 6, ás 11 h. 24' 36" da manhã.
● *Nova*, a 14, ás 10 h. 35' 24" da manhã.
☽ *Crescente*, a 22, á 1 h. 0' 36" da tarde.
○ *Cheia*, a 29, ás 5 h. 46' 24" da manhã.

1 *Segunda*, ✠ Circumcisão de Nosso Senhor Jesus-Christo.
2 *Terça*, s. Isidoro, b.; os Ss. Argêo, Narciso e Marcellino, mm.
3 *Quarta*, s. Antero, papa m.
4 *Quinta*, s. Tito, b,
5 *Sexta*, s. Telesphoro. papa m.
6 ☾ *Sabbado*, ✠ Dia de Reis; s. Marca, s. m.
7 *Domingo*, O B. Luciano, presb.; s. Clero, diac. e m.
8 *Segunda*, os Ss. Luciano, presb., Maximiano e Julião, mm.
9 *Terça*, s. Pedro, b.; s. Marcellino, b.
10 *Quarta*, s. Nicanor, diac.
11 *Quinta*, s. Hygino, papa e m.
12 *Sexta*, s. Taciana, m.; s. Satyro, m.
13 *Sabbado*, s. Potito, m.; os Ss. Hermylo e Stratonico, mm.
14 ● *Domingo*, Santissimo Nome de Jesus.
15 *Segunda*, s. Paulo, 1º eremita.
16 *Terça*, s. Marcello, papa e m.
17 *Quarta*, s. Antão, abb.
18 *Quinta*, s. Prisca, v. e m.
19 *Sexta*, s. Canuto rei da Dinamarca.
20 *Sabbado*, s. Sebastião, m.
21 *Domingo*, s. Ignez, v. e m.
22 ☽ *Segunda*, s. Vicente, m.
23 *Terça*, Desposorio de Nossa Senhora com S. José.
24 *Quarta*, s. Timotheo, b. e m.
25 *Quinta* ✠ Conversão de S. Paulo, apostolo. Festa solemne na cathedral e procissão á tarde.
26 *Sexta*, s. Polycarpo.
27 *Sabbado*, s. João Chrisostomo, b. e d.
28 *Domingo*, da Septuagesima. S. Gonçalo de Amarante.
29 ○ *Segunda*, s. Francisco de Salles, b.
30 *Terça*, s. Martinha, v. e m.
31 *Quarta*, s. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO (TEM 28 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 5, ás 2 h. 7' 6" da manhã.
● *Nova*, a 13, ás 6 h. 6' 6" da manhã.
☽ *Crescente*, a 21, á 1 h. 22' 48" da manhã.
○ *Cheia*, a 27, ás 4 h. 21' 36" da tarde.

1 *Quinta*, s. Ignacio.
2 *Sexta* ✠ Purificação de Nossa Senhora.
3 *Sabbado*, s. Braz, b. e m.; s Celerino, d. e m.
4 *Domingo*, da Sexagesima. S. André Cursino.
5 ☾ *Segunda*, s. Agueda, v. e m.
6 *Terça*, As Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo.
7 *Quarta*, s. Romualdo, abb.; o B. Angulo.
8 *Quinta*, s. João da Matta.
9 *Sexta*, s. Apollonia, v. m.
10 *Sabbado*, s. Escolastica, v.
11 *Domingo*, da Quinquagesima. Os Ss. Saturnino, Dativo, Felix, Ampelio e companheiros m.
12 *Segunda*, s. Eulalia, v. m.; s. Damião, soldado.
13 ● *Terça*, s. Catharina de Riccis.
14 *Quarta*, Cinzas. S. Valentim.
15 *Quinta*, os Ss. Faustino e Jovita, Crato e sua mulher.
16 *Sexta*, o B. Onesimo.
17 *Sabbado*, s. Faustino e quatro companheiros, m.
18 *Domingo*, 1ª da Quaresma. S. Theotonio.; s. Simeão.
19 *Segunda*, s. Conrado Placentino.
20 *Terça*, os Ss. Tyrannio, Silvano, Pelêo e Nilo.
21 ☽ *Quarta*, s. Severiano.
22 *Quinta*, A Cadeira de S. Pedro, apostolo, em Antiochia.
23 *Sexta*, s. Pedro Damião.
24 *Sabbado*, s. Mathias, apostolo.
25 *Domingo*, 2ª da Quaresma. O B. Constancio Fabiano.
26 *Segunda*, o B. Nestor.
27 ○ *Terça*, os Ss. Alexandre, Abundio, Antigono e Fortunato.
28 *Quarta*, os Ss. Macario, Rufino, Justo e Theophilo.

MARÇO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 6, ás 7 h. 8' 18" da tarde.
● *Nova*, a 15, ás 0 h. 1' 6" da manhã.
☽ *Crescente*, a 22, ás 10 h. 16' 42" da manhã.
○ *Cheia*, a 29, ás 2 h. 56' 18" da manhã.

1 *Quinta*, os Ss. Leão, Donato, Abundancio, Nicephoro e companheiros m.
2 *Sexta*, os Ss. Jovino e Basilêo, m.
3 *Sabbado*, os Ss. Marino, soldado, e Asterio, senador.
4 *Domingo*, 3ª da Quaresma, S. Casimiro.
5 *Segunda*, s. Phocas, m.
6 ☾ *Terça*, os Ss. Victor, Victorino, Claudiano e Bassa, m.
7 *Quarta*, s. Thomaz de Aquino.
8 *Quinta*, s. João de Deus.
9 *Sexta*, As Sagradas Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo.
10 *Sabbado*, os Ss. Caio e Alexandre, m.
11 *Domingo*, 4ª da Quaresma. Os Ss. Heraclio e Zosimo, m.
12 *Segunda*, s. Gregorio Magno, papa e doutor.
13 *Terça*, s. Sancha, v.
14 *Quarta*, os Ss. Pedro e Aphrodisio, m.
15 ● *Quinta*, s. Longuinhos, soldado, m.
16 *Sexta*, s. Agapito, b.
17 *Sabbado*, s. Patricio, b.
18 *Domingo*, da Paixão. S. Gabriel, archanjo.
19 *Segunda*, s. José, esposo de Nossa Senhora.
20 *Terça*, s. Archippo.
21 *Quarta*, s Bento, abb.
22 ☽ *Quinta*, s. Emygdio, b. m.
23 *Sexta*, As Sete Dôres de Nossa Senhora.
24 *Sabbado*, os Ss. Marcos e Timotheo, m.
25 *Domingo*, de Ramos. S. Quirino, m.
26 Segunda-feira Santa. S. Castulo, m.
27 Terça-feira Santa, S Alexandre, soldado, m.
28 Quarta-feira de Trevas, S. Esperança, abb.
29 ○ Quinta-feira Santa, (✠ do meio-dia em diante).
30 Sexta-feira Santa da Paixão, (✠ até o meio-dia).
31 Sabbado Santo de Alleluia. S. Amós, propheta.

ABRIL (TEM 30 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 5, á 1 h. 37' 6" da tarde.
● *Nova*, a 13, ás 2 h. 57' 18" da tarde.
☽ *Crescente*, a 20, ás 4 h. 44' 30" da tarde.
○ *Cheia*, a 27, á 1 h. 43' 18" da tarde.

1 *Domingo*, de Paschoa. Resurreição de Nosso Senhor Jesus-Christo.
2 *Segunda*, s. Francisco de Paula.
3 *Terça*, s. Pancracio, b. m.
4 *Quarta*, s. Isidoro, b. e d.
5 ☾ *Quinta*, s. Vicente Ferreira.
6 *Sexta*, s. Xisto 1°, papa, m.
7 *Sabbado*, os Ss. Epiphanio, b.. Donato e Rufino, m.
8 *Domingo*, (In Albis) s. Edesio, m.
9 *Segunda*, Nossa Senhora dos Prazeres.
10 *Terça*, s. Ezechiel, propheta e m.
11 *Quarta*, s. Leão, papa, d.
12 *Quinta*, s. Zeno, b. m.
13 ● *Sexta*, s. Hermenegildo, m.
14 *Sabbado*, os Ss. Tiburcio, Valeriano e Maximo, m.
15 *Domingo*, as Ss. Basilissa e Anastasia, m.
16 *Segunda*, s. Engracia, v. m.
17 *Terça*, s. Aniceto, papa, m.
18 *Quarta*, o B. Apollonio, senador, m.
19 *Quinta*, s. Timon, diac. m.
20 ☽ *Sexta*, os Ss. Apicio e Serviliano, m.
21 *Sabbado*, s. Anselmo. b. e d.
22 *Domingo*, Patrocinio de S. José. S. Sotero, papa.
23 *Segunda*, s. Jorge, m.
24 *Terça*, s. Fidelis de Sygmaringa, m.
25 *Quarta*, s. Marcos, evangelista.
26 *Quinta*, Nossa Senhora do Bom Conselho.
27 ○ *Sexta*, o B. Pedro Armengario.
28 *Sabbado*, s. Paulo da Cruz.
29 *Domingo*, s. Pedro, m.
30 *Segunda*, s. Catharina de Sena.

MAIO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 5, ás 8 h. 26' 12" da manhã.
● *Nova*, a 13, ás 2 h. 36' 42" da manhã.
☽ *Crescente*, a 19, ás 10 h. 3' 54" da tarde.
○ *Cheia*, a 27, á 1 h. 12' 30" da manhã.

1 *Terça*, os Ss. Philippe e Santiago, apostolo.
2 *Quarta*, s. Athanasio, b.
3 *Quinta*, Invenção da Santa Cruz.
4 *Sexta*, s. Monica, mãe de s. Agostinho.
5 ☾ *Sabbado*, s. Pio V, papa.
6 *Domingo*, s. João, apostolo.
7 *Segunda*, s. Estanislau, b. m.
8 *Terça*, s. Victor, m.
9 *Quarta*, s. Gregorio Nazianzeno.
10 *Quinta* ✠ Ascenção. S. Antonio.
11 *Sexta*, s. Francisco de Jeronimo.
12 *Sabbado*, os Ss. Nerêo e Achilles.
13 ● *Domingo*, s. Lucio, presb. e m.
14 *Segunda*, s. Bonifacio.
15 *Terça*, s. Isidoro Agricola, m.
16 *Quarta*, s. João Nepomuceno.
17 *Quinta*, s. Paschoal Baylão.
18 *Sexta*, s. Venancio.
19 ☽ *Sabbado*, s. Pedro Celestino, papa.
20 *Domingo*, pentecoste. S. Bernardino de Sena.
21 *Segunda*, os Ss. Timotheo, Palio e Eutychio.
22 *Terça*, a B. Rita de Cassia, viuva.
23 *Quarta*, os Ss. Epitacio, b., e Basilêo.
24 *Quinta*, s. Afra, m.
25 *Sexta*, s. Gregorio VII, papa.
26 *Sabbado*, s. Philippe Nery.
27 ○ *Domingo*, da Santissima Trindade. S. Maria Magdalena de Pazzis.
28 *Segunda*, os Ss. Emilio, Felix, Priamo e Luciano.
29 *Terça*, s. Restituta, m.
30 *Quarta*, s. Felix, papa.
31 *Quinta* ✠ Corpo de Deus. S. Angela Mericia, v.

JUNHO (TEM 30 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 4, ás 2 h. 18' 36" da manhã.
● *Nova*, a 11, ás 11 h. 39' 48" da manhã.
☽ *Crescente*, a 18, ás 3 h. 31' 48" da manhã.
○ *Cheia*, a 25, ás 2 h. 0' 12" da tarde.

1 *Sexta*, s. Juvencio, m.
2 *Sabbado*, os Ss. Marcellino, presb. e Pedro, m.
3 *Domingo*, os Ss. Pergentino e Laurentino Irmãos.
4 ☾ *Segunda*, s. Francisco Caracciolo.
5 *Terça*, s. Bonifacio, papa.
6 *Quarta*, s. Norberto.
7 *Quinta*, s. Paulo, b.
8 *Sexta*, O Sagrado Coração de Jesus. S. Maximino.
9 *Sabbado*, os Ss. Primo e Feliciano, m.
10 *Domingo*, s. Margarida, viuva, rainha da Escossia.
11 ● *Segunda*, s. Barnabé, apostolo.
12 *Terça*, s. João de s. Facundo.
13 *Quarta*, Santo Antonio de Lisboa.
14 *Quinta*, s. Basilio Magno.
15 *Sexta*, os Ss. Vito, Modesto e Cressencia, m.
16 *Sabbado*, s. João Francisco Regis.
17 *Domingo*, s. Thereza, v.
18 ☽ *Segunda*, os Ss. Marcos e Marciliano.
19 *Terça*, s. Juliana Falconeria, v.
20 *Quarta*, s. Silverio, papa.
21 *Quinta*, s. Luiz Gonzaga.
22 *Sexta*, s. Paulino, b.
23 *Sabbado*, s. João, presb.; s. Agrippina, v. m.
24 *Domingo*, Nascimento de S. João Baptista.
25 ○ *Segunda*, s. Sosipater; s. Lucia, v. m.
26 *Terça*, os Ss. João e Paulo, irmãos, m.
27 *Quarta*, s Crescente, b.
28 *Quinta*, s. Leão II, papa.
29 *Sexta* ✠ Os Ss. Apostolos Pedro e Paulo.
30 *Sabbado*, Commemoração de S. Paulo, apostolo.

JULHO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 3, ás h. 9' 6" da tarde.
● *Nova*, a 10, ás 7 h 13' e 30" da tarde.
☽ *Crescente*, a 17, ás 10 h. 20' 0" da manhã.
○ *Cheia*, a 25, ás 4 h. 27' 0" da manhã.

1 *Domingo*, s. Arão 1°, sacerdote na ordem levitica.
2 *Segunda*, A Visitação de Nossa Senhora á Santa Izabel.
3 ☾ *Terça*, s. Triphon, m.
4 *Quarta*, os Ss. Ozeas e Aggeo, proph.
5 *Quinta*, s. Miguel dos Santos.
6 *Sexta*, s. Izaias, proph.
7 *Sabbado*, s. Pulcheria, v.
8 *Domingo*, s. Izabel, viuva, rainha de Portugal.
9 *Segunda*, s. Veronica Juliana, v.
10 ● *Terça*, os Ss. Januario, Felix, Philippe, Silvano, Alexandre, Vital e Marcial, filhos de Santa Felicidade, m.
11 *Quarta*, s. Pio, papa, m.
12 *Quinta*, s. João Gualberto, abb.
13 *Sexta*, s. Anacleto, papa, m.
14 *Sabbado*, s. Boaventura.
15 *Domingo*, O Anjo Custodio do Imperio; s. Henrique, imperador.
16 *Segunda*, Nossa Senhora do Monte do Carmo.
17 ☽ *Terça*, s. Aleixo.
18 *Quarta*, as Ss. Simphorosa e seus sete filhos.
19 *Quinta*, s. Vicente de Paulo.
20 *Sexta*, s. Jeronymo Emiliano.
21 *Sabbado*, s. Praxedes, v.
22 *Domingo*, s. Maria Magdalena.
23 *Segunda*, s. Apollinario, b.
24 *Terça*, s. Christina, v. m.
25 ○ *Quarta*, Sant'Iago, apostolo.
26 *Quinta*, s. Erasto, m.
27 *Sexta*, s. Pantaleão, medico, m.
28 *Sabbado*, s. Victor, papa, m.
29 *Domingo*, Santa Anna Mãi de Nossa Senhora.
30 *Segunda*, os Ss. Abdon e Sennen, m.
31 *Terça*, s. Ignacio de Loyola.

AGOSTO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

☾ *Minguante*, a 2, ás 7 h. 28' 12" da manhã.
● *Nova*, a 9, ás 2 h. 24' 30" da manhã.
☽ *Crescente*, a 15, ás 7 h. 35' 24" da tarde.
☾ *Cheia*, a 23, ás 8 h. 18' 6" da tarde.
○ *Minguante*, a 31, ás 6 h. 22' 42" da tarde.

1 *Quarta*, s. Pedro, *ad Vincula*.
2 ☾ *Quinta*, s. Affonso Maria de Ligorio, b.
3 *Sexta*, Invenção do Corpo de S. Estevam, proto-martyr.
4 *Sabbado*, s. Domingos, instituidor da ordem dos prégadores.
5 *Domingo*, Nossa Senhora das Neves.
6 *Segunda*, s. Xisto II, papa, m.
7 *Terça*, s. Caetano, conf.
8 *Quarta*, s. Cyriaco, diac.
9 ● *Quinta*, s. Romão.
10 *Sexta*, s. Lourenço, diac.
11 *Sabbado*, s. Tiburcio, m.
12 *Domingo*, s. Clara, v.
13 *Segunda*, os Ss. Hippolyto e Concordia, m.
14 *Terça*, s. Euzebio, presb.
15 ☽ *Quarta* ✠ Assumpção de Nossa Senhora.
16 *Quinta*, s. Jacintho, conf.
17 *Sexta*, os Ss. Liberato, Bonifacio, Servo e Rustico.
18 *Sabbado*, s. Agapito.
19 *Domingo*, s. Joaquim, pai de Nossa Senhora.
20 *Segunda*, s. Bernardo, abb. e d.
21 *Terça*, s. Joanna Francisca Fremiot de Chantal.
22 *Quarta*, s. Timotheo, m.
23 ○ *Quinta*, s. Philippe Benicio.
24 *Sexta*, s. Bartholomeu, apostolo.
25 *Sabbado*, s. Luiz, rei de França.
26 *Domingo*, O Sagrado Coração de Maria.
27 *Segunda*, s. José Calasans.
28 *Terça*, s. Agostinho.
29 *Quarta*, Degolação de S. João Baptista.
30 *Quinta*, s. Rosa, de Lima.
31 ☾ *Sexta*, s. Raymundo Nonnato.

SETEMBRO (TEM 30 DIAS)

PHASES DA LUA

● *Nova*, a 7, ás 10 h. 7' 54" da manhã.
☽ *Crescente*, a 14, ás 8 h. 15' 24" da manhã.
○ *Cheia*, a 22, á 0 h. 42' 12" da tarde.
☾ *Minguante*, a 30, ás 3 h. 27' 42" da manhã.

1 *Sabbado*, s. Egydio, Ab.
2 *Domingo*, s. Estevam, rei da Hungria.
3 *Segunda*, s. Serapia, s. Phebes.
4 *Terça*, s. Rosa de Viterbo.
5 *Quarta*, s. Lourenço Justiniano.
6 *Quinta*, s. Zacarias, propheta.
7 ● *Sexta*, s. João, M.
8 *Sabbado* ✠ Nascimento de Nossa Senhora.
9 *Domingo*, o B. Pedro de Claver.
10 *Segunda*, s. Nicolau Tolentino, conf.
11 *Terça*, s. Proto e Jacintho, M.
12 *Quarta*, os Ss. Hierionides, Leoncio, Selerio, Serapião, Valeriano e Stratão, M.
13 *Quinta*, o B. Philippe, M.
14 ☽ *Sexta*, Exaltação de Santa Cruz.
15 *Sabbado*, s. Nicomedes, presb., m.
16 *Domingo*, As sete Dôres de Nossa Senhora.
17 *Segunda*, As Chagas de s. Francisco; s. Pedro de Arbues.
18 *Terça*, s. José de Cupertino.
19 *Quarta*, s. Januario, b.
20 *Quinta*, s. Eustachio e sua mulher Theopistes, e dous filhos Agapito e Theopisto, mm.
21 *Sexta*, s. Matheus, apostolo
22 ○ *Sabbado*, s. Thomaz de Villa Nova, b.
23 *Domingo*, s. Lino, papa, m.
24 *Segunda*, Nossa Senhora das Mercês.
25 *Terça*, o B. Cleophas.; s. Herculano, soldado.
26 *Quarta*, os Ss. Cypriano e Justina, v. mm.
27 *Quinta*, os Ss. Cosme e Damião.
28 *Sexta*, S. Wenceslau Duque, m.
29 *Sabbado*, Dedicação de s. Miguel, archanjo.
30 ☾ *Domingo*, s. Jeronymo, presb. e d.

OUTUBRO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

● *Nova*, a 6, ás 7 h. 5' 42" da tarde.
☽ *Cresceute*, a 14, á 0 h. 49' 42" da manhã.
○ *Cheia*, a 22, ás 4 h 38' 12" da manhã.
☾ *Minguante*, a 29, ás 11 h. 28' 30" da manhã.

1 *Segunda*, s. Remigio, b.
2 *Terça*, os Anjos Custodios; s. Eleuterio, soldado, m.
3 *Quarta*, s. Candido, m.
4 *Quinta*, s. Francisco de Assis.
5 *Sexta*, S Placido, monge e seus irmãos.
6 ● *Sabbado*, s. Bruno, conf.
7 *Domingo*, Commemoração de Nossa Senhora da Victoria, (Nossa Senhora do Rosario).
8 *Segunda*, s. Birgitta, viuva.
9 *Terça*, os s. Dionysio, areopagita, b.
10 *Quarta*, s. Francisco de Borgia.
11 *Quinta*, os Ss. Tharaco, Probo e Andronico, mm.
12 *Sexta*, os Ss. Evagrio e Prisciano, mm.
13 *Sabbado*, s. Eduardo, rei.
14 ☽ *Domingo*, Maternidade de Nossa Senhora.
15 *Segunda*, s. Thereza de Jesus, v.
16 *Terça*, os Ss. Martiniano e Saturiano, mm.
17 *Quarta*, s. Hedwiges, viuva.
18 *Quinta*, s Lucas, evangelista.
19 *Sexta*, s. Pedro de Alcantara,
20 *Sabbado*, s. João de Cancio.
21 *Domingo*, a Pureza de Nossa Senhora.
22 ● *Segunda*, dedicação da Basilica de Mafra.
23 *Terça*, festa do Ss. Redemptor.
24 *Quarta*, s. Raphael Archanjo.
25 *Quinta*, os Ss. Chrysantho e Daria, sua mulher, mm.
26 *Sexta*, s. Evaristo, papa, m
27 *Sabbado*, os Ss. Vicente, Sabina e Christeta, mm.
28 *Domingo*, s. Simão e s. Judas, apostolos.
29 ☾ *Segunda*, Trasladação do corpo de s. Izabel.
30 *Terça*, o B. Affonso Rodrigues; s. Marcello, centurião, m.
31 *Quarta*, s. Wolfgango, b.

NOVEMBRO (TEM 30 DIAS)

PHASES DA LUA

● *Nova*, a 5, ás 5 h. 55' 18" da manhã.
☽ *Crescente*, a 12, ás 8 h. 51' 54" da tarde.
○ *Cheia*, a 20, ás 7 h. 26' 42" da tarde.
◐ *Minguante*, a 27, ás 7 h. 12' 48" da tarde.

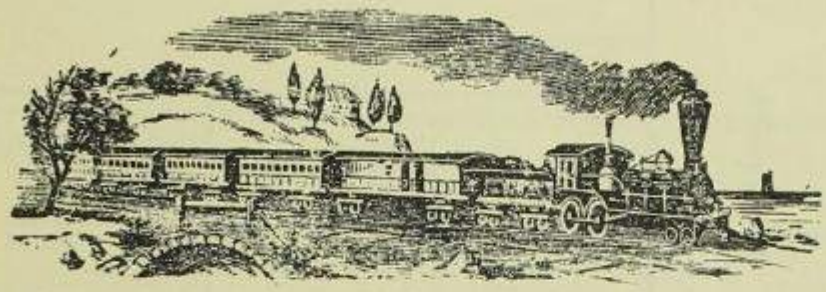
1 *Quinta*, ✠ Festa de Todos os Santos.
2 *Sexta*, Commemoração de todos os fieis defuntos.
3 *Sabbado*, s. Quarcto; os Ss. Germano, Theophilo, Cezario e Vital.
4 *Domingo*, s. Carlos Barromêo.
5 ● *Segunda*, s. Zacharias, propheta e sacerdote.
6 *Terça*, s. Felix; s. Severo.
7 *Quarta*, s. Prosdocimo.
8 *Quinta*, os Ss. Severo, Severiano.
9 *Sexta*, dedicação da Basilica de S. Salvador.
10 *Sabbado*, s. André Avelino.
11 *Domingo*, Patrocinio de Nossa Senhora.
12 ☽ *Segunda*, s. Martinho.
13 *Terça*, s. Diogo; s. Stanislau Kostka.
14 *Quarta*, os Ss. Clementino, Theodoto e Philomeno, m.
15 *Quinta*, s. Gertrudes, v.
16 *Sexta*, s. Gonçalo de Lagos.
17 *Sabbado*, s. Gregorio Thaumaturgo.
18 *Domingo*, dedicação da Basilica de s. Pedro e S. Paulo.
19 *Segunda*, s. Izabel, viuva; s. Ponciano, papa, m.
20 ○ *Terça*, s. Felix de Valois.
21 *Quarta*, Apresentação de Nossa Senhora no Templo.
22 *Quinta*, s. Cecilia, v. m.
23 *Sexta*, s. Clemente, papa m.
24 *Sabbado*, s. João da Cruz.
25 *Domingo*, s. Chatharina, v. m.
26 *Segunda*, s. Pedro Alexandrino, b.
27 ◐ *Terça*, s. Leonardo de Porto Mauricio.
28 *Quarta*, s. Rufo, m.
29 *Quinta*, os Ss. Saturnino Senex e Sisinio, m.
30 *Sexta*, s. André, apostolo.

DEZEMBRO (TEM 31 DIAS)

PHASES DA LUA

● *Nova*, a 4, ás 7 h. 11' 12" da tarde.
☽ *Crescente*, a 12, ás 6 h. 41' 42" da tarde.
○ *Cheia*, a 18, ás 8 h. 58' 48" da manhã.
☾ *Minguante*, a 27, ás 3 h. 27' 6" da manhã.

1 *Sabbado*, os Ss. Diodoro, presb. e Mariano, diac.
2 *Domingo*, 1ª do Advento, s. Bibiana, v.
3 *Segunda*, s. Francisco Xavier, apostolo das Indias.
4 ● *Terça*, s. Pedro Chrisologo, b.
5 *Quarta*, s. Sabba, abb., s. Chrispina, m.
6 *Quinta*, s. Nicolau, b.
7 *Sexta*, s. Ambrosio, b.
8 *Sabbado*, ✠ A Immaculada Conceição de Nossa Senhora.
9 *Domingo*, 2ª do Advento, s. Leocadia, v. m.
10 *Segunda*, s. Melchiades.
11 *Terça*, s. Damaso, papa.
12 ☽ *Quarta*, s. Synesio, m.
13 *Quinta*, s. Luzia, v. m.
14 *Sexta*, os Ss. Heron, Arsenio, Isidoro e Dioscoro, meninos, m.
15 *Sabbado*, os Ss. Irinêo, Antonio, Theodoro, Saturnino, Victor e mais dezesete, m.
16 *Domingo*, 3ª do Advento, os Ss. Valentim e seu filho Concordio, Navales e Agricola, m.
17 *Segunda*, s. Lazaro, ressuscitado, b.
18 ○ *Terça*, A Expectação do Parto de Nossa Senhora.
19 *Quarta*, o B. Nemesio, m.
20 *Quinta*, os Ss. Liberato e Bajulo, m.
21 *Sexta*, s. Thomé, apostolo.
22 *Sabbado*, s. Flavio, m.
23 *Domingo*, 4ª do Advento, s. Servulo; s. Victoria, v. m.
24 *Segunda*, s. Gregorio, presb. e m.
25 *Terça* ✠ O Nascimento de N. S. Jesus-Christo.
26 *Quarta*, s. Estevam, proto-mortyr.
27 ☾ *Quinta*, s. João, apostolo.
28 *Sexta*, os Ss. Innocentes; os Ss. Castor, Victor e Rogaciano, m.
29 *Sabbado*, s, Thomaz de Cantuaria.
30 *Domingo*, os Ss. Sabino, b., Exuperancio e Marcello.
31 *Segunda*, s. Silvestre, papa.



Estrada de Ferro de São Paulo

HORARIO

Estações	Para baixo					
	TRENS DE PASSAGEIROS NOS DIAS UTEIS				TREM DE PASSAGEIROS NOS DOMINGOS E DIAS SANTOS	
	CHEG.	PART.	CHEG.	PART.	CHEG.	PART.
				M		M
Jundiahy . .	—	—	—	10—45	—	10—45
Bethlem . .	—	—	11—17	11—20	11—17	11—20
Perús . . .	—	—	11—42	11—43	11—42	11—43
Agua Branca.	—	—	12— 6	12— 8	12— 6	12— 8
S. Paulo . .	—	7—30	12—15	12—30	12—15	12—30
Braz . . .	7—33	7—34	12—33	12—34	12—33	12—34
S. Bernardo .	7—59	8— 0	12—59	1— 0	12—59	1— 0
Rio-Grande .	8—28	8—30	1—28	1—3	1—28	1—30
Alto da Serra	8—45	—	1—45	—	1—45	—
Raiz da Serra	—	10— 0	—	3— 0	—	3— 0
Cubatão . .	10—14	10—15	3—14	3—15	3—14	3—15
Santos. . .	10—30	—	3—30	—	3—30	—

Estações	Para cima					
	TRENS DE PASSAGEIROS NOS DIAS UTEIS				TREM DE PASSAGEIROS NOS DOMINGOS E DIAS SANTOS	
	CHEG.	PART.	CHEG.	PART.	CHEG.	PART
		M		T		M
Santos . . .	—	9— 0	—	2— 0	—	12—30
Cubatão . .	9—15	9—16	2—15	2—16	12—45	12—46
Raiz da Serra	9—30	—	2—30	—	1— 0	—
Alto da Serra	—	10—45	—	3—45	—	2—15
Rio-Grande .	11— 0	11— 2	4— 0	4— 2	2—30	2—32
S. Bernardo .	11—30	11—32	4—30	4—32	3— 0	3— 2
Braz . . .	11—54	11—56	4—54	4—56	3—24	3—26
S. Paulo . .	12— 0	12—45	5— 0	—	3—30	3—45
Agua Branca.	12—52	12—53	—	—	3—52	3—53
Perús . . .	1—17	1—18	—	—	4—17	4 - 18
Bethlem . .	1—43	1— 46	—	—	4—43	4—46
Jundiahy . .	2—15	—	—	—	5—15	—

OBSERVAÇÕES

Nos dias uteis o trem de mercadorias de 6—30 da manhã, de S. Pauto, e o de 4—0 da tarde, de Jundiahy, conduzirão passageiros entre S. Paulo e Jundiahy.

———

Nos domingos e dias santificados, em que partir o vapor para a côrte, o trem de S. Paulo para Santos sahe ás 7 horas e meia da manhã.

Preços das passagens

De S. Paulo a	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
Agua Branca	$600	$200	$900
Perús	2$100	1$000	3$100
Bethlem	3$500	1$500	5$250
Jundiahy	6$000	2$500	9$000
De S. Paulo a			
Braz	$500	$200	$760
S. Bernardo	1$800	$700	2$700
Rio-Grande	3$500	1$500	5$250
Alto da Serra	4$400	2$000	6$600
Raiz da Serra	5$300	2$500	7$960
Cubatão	6$000	2$600	9$000
Santos	7$000	3$000	10$500

Estrada de Ferro de Jundiahy a Campinas

ESTAÇÕES		TREM MIXTO	TREM DE PASSAGEIROS	
			DIAS UTEIS	DOMINGOS E DIAS SANTOS
		Partida	Partida	Partida
Campinas		1—15	9—20	9—20
Vallinhos		1—53	9—43	9—43
Cachoeira		2—15	9—56	9—56
Louveira .	Chegada.	2—36	—	—
	Partida .	2—51	10— 9	10— 9
Jundiahy		3—35	10—35	10—35
—		—	—	—
Jundiahy		9—10	2—25	5—25
Louveira .	Chegada.	9—54	—	—
	Partida .	10— 9	2—51	5—51
Cachoeira		10—30	3— 4	6— 4
Vallinhos		10—52	3—17	3—17
Campinas		11—30	3—40	6—40

Preços das passagens

De Campinas a	BILHETES SINGELOS		IDA E VOLTA	
	1ª CLAS.	2ª CLAS.	1ª CLAS.	2ª CLAS.
Vallinhos	1$220	$420	1$830	1$320
Cachoeira	1$940	$640	2$910	2$050
Louveira	2$600	$880	3$900	2$700
Jundiahy	4$000	1$340	6$000	4$200

Companhia Paulista

PROLONGAMENTO

HORARIO

Estações	DIAS UTEIS	DOMINGOS E DIAS SANTOS	Estações	DIAS UTEIS	DOMINGOS E DIAS SANTOS
Rio-Claro . .	5—50	5—50	Campinas . .	3—50	10—30
Cordeiro . .	6—26	6—26	Boa-Vista . .	4— 8	10—48
Limeira. . .	6—51	6—51	Rebouças . .	4—41	11—21
Tatú. . . .	7—18	7—18	Santa Barbara.		
Santa Barbara:			Chegada	5— 6	11—46
Chegada	7—45	7—45	Partida.	5—11	11—51
Partida.	7—50	7—50	Tatú. . . .	5—38	12—18
Rebouças . .	8—15	8—15	Limeira. . .	6— 5	12—45
Boa-Vista . .	8—48	8—48	Cordeiro . .	6—33	1—10
Campinas . .	9— 6	9— 6	Rio-Claro . .	7—15	1—46

Preços das passagens

Estações	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
DO RIO-CLARO A			
Cordeiro	1$530	$510	2$300
Limeira	2$520	$840	3$780
Tatú	3$600	1$200	5$400
Santa Barbara	4$60 0	1$560	7$020
Rebouças	5$810	1$940	8$720
Boa-Vista.	7$290	2$430	10$940
Campinas.	8$100	2$700	12$150

Estrada de Ferro Mogyana

HORARIO

TRONCO

Estações	MANHÃ	TARDE
IDA	H. M.	H. M.
Campinas	6—50	4— 0
Anhumas	7—20	4—23
Tanquinho	8— 5	4—45
Jaguary	9— 0	5—23
Resaca	10— 5	6— 3
Mogy-mirim	11— 0	6—45
VOLTA		
Mogy-mirim	6— 0	1—35
Resaca	6—44	2—40
Jaguary	7—30	3—50
Tanquinho	8— 2	4—45
Anhumas	8—25	5—20
Campinas	8—45	5—45

RAMAL

Estações	MANHÃ	TARDE
IDA	H. M.	H. M.
Jaguary	9— 0	5—30
Pedreira	9—25	5—57
Coqueiros	9—55	6—25
Amparo	10—15	6—45
VOLTA		
Amparo	6— 0	2—45
Coqueiros	6—23	3—15
Pedreira	6—48	3—45
Jaguary	7—10	4—10

N. B.—O trem que parte de Jaguary ás 9 horas e de Amparo ás 2—45, só corre nas quintas-feiras, domingos e dias santificados.

Preços das passagens

Estações	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
Mogy-mirim	—	—	—
Resaca	2$000	1$000	3$000
Jaguary	3$400	1$900	5$100
Amparo	5$600	3$200	8$400
Coqueiros	4$800	2$800	7$200
Pedreira	4$700	2$300	6$300
Tanquinho	4$600	2$500	6$900
Anhumas	5$200	3$000	7$800
Campinas	6$000	3$500	9$000

COMPANHIA SOROCABANA

HORARIO

Estações	CHEGA	PARTE	Estações	CHEGA	PARTE
Sorocaba . .	—	6—45	São Paulo. .	—	1— 0
Piragybú . .	7—45	7—50	Baruery . .	2— 0	2— 5
São Roque .	8—45	8—50	São João . .	2—50	2—55
São João . .	9—35	9—40	São Roque .	3—45	3—50
Baruery . .	10—35	10—28	Piragybú . .	4—45	4—50
São Paulo. .	11—30	—	Sorocaba . .	5—45	—

Preços das passagens

De S. Paulo a	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
Baruery	2$700	1$960	4$050
São João	5$000	3$500	7$500
São Roque	6$000	4$200	9$000
Piragybú	8$000	5$600	12$000
Sorocaba	10$000	7$000	15$000

ESTRADA DE FERRO YTUANA

HORARIO

Entre Capivary e Jundiahy

IDA			VOLTA		
ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE	ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Capivary . .	—	6—30	Jundiahy . .	—	2—35
Monte-mór. .	7—15	—	Itupeva. . .	3—22	3—24
Indaiatuba. .	8—13	8—15	Quilombo . .	3—49	3—53
Itaicy . . .	8—30	8—37	Itaicy . . .	4—18	4—25
Quilombo . .	9— 2	9— 6	Indaiatuba. .	4—40	4—42
Itupeva. . .	9—31	9—33	Monte-mór. .	5—36	5—40
Jundiahy . .	10—20	—	Capiaary . .	6—25	—

Entre Ytú e Itaicy (Entroncamento)

1.º TREM *Para alcançar o de Jundiahy*			2.º TREM *Para alcançar o de Capivary*		
ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE	ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
IDA			IDA		
Ytú	—	7—25	Ytú	—	3—15
Salto . . .	7—43	7—45	Salto . . .	3—32	3—34
Itaicy . . .	8—25	—	Itaicy . . .	4—13	—
VOLTA			VOLTA		
Itaicy . . .	—	8—45	Itaicy . . .	—	4—35
Salto . . .	9—25	9—27	Salto . . .	5—15	5—17
Ytú	2—45	—	Ytú	5—35	—

Observações

O trem que parte de Itaicy ás 8—45 e o que parte de Ytú ás 3—15, só correm nas quintas-feiras e domingos.

Esta estrada já funcciona até o Rio das Pedras e dentro em pouco chegará a Piracicaba, estação terminal da linha. Não se publica o horario por ser provisorio o que está em vigor.

Preços das passagens

De Ytú a	1ª CLASSE	2ª CLASSE
Salto	$600	$400
Itaicy	2$000	1$400
Quilombo	3$000	2$000
Itupeva	3$800	2$600
Jundiahy	6$000	4$000
Indaiatuba	2$600	1$700
Monte-mór	4$800	2$900
Capivary	6$500	4$000
Mombuca	7$000	4$800
Rio das Pedras	9$300	5$600
Piracicaba	11$000	6$500

Companhia São Paulo e Rio de Janeiro

TRAFEGO PROVISORIO

De São Paulo para Caçapava—parte a 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27 e 29 de Novembro.

De Cacapava para São Paulo—parte a 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28 e 30 do mesmo.

HORARIO

DE SÃO PAULO PARA CAÇAPAVA			DE CAÇAPAVA PARA SÃO PAULO		
Estações	CHEGA	PARTE	**Estações**	CHEGA	PARTE
Norte (S. Paulo) . . .	—	10— 0	Caçapava . .	—	9— 0
Mogy das Cruzes . . .	11—38	11—48	S. José. . .	9—55	10— 0
Parahyba . .	12—35	12—40	Jacarehy . .	10—40	11— 0
Jacarehy . .	1—19	1—30	Parahyba . .	11—42	12—44
S. José . . .	2— 4	2—10	Mogy das Cruzes . . .	12—35	12—45
Caçapava . .	3— 0	—	Norte (S. Paulo) . . .	2—20	—

Preços das passagens

Estações	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
Norte (S. Paulo)	—	—	—
Penha	$680	$510	1$020
Mogy das Cruzes	4$400	3$520	6$600
Parahyba	6$520	5$220	9$780
Jacarehy	8$280	6$620	12$420
S. José	9$800	7$840	14$700
Caçapava	12$000	9$600	18$000

ALMANAK LITTERARIO DE S. PAULO

MEMORIAS

SOBRE A

Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo

O glorioso acontecimento que teve lugar nos Campos do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822, derrocando os alicerces sobre que assentava o dominio portuguez no Brasil, e aniquillando para sempre o privilegio que Portugal havia se arrogado sobre a pessoa e propriedade dos seus colonos americanos, não podia deixar de repercutir na metropole estimulando, embora passageiramente, o rancor e o despeito de seus naturaes.

Esta repercussão deu-se; e como resultado appareceram as manifestações hostis contra os brasileiros que n'essa época, achavam-se em Portugal; nem della escaparam os estudantes da Universidade de Coimbra, que pressurosos appellaram para a mãe patria, queixando-se de seus soffrimentos.

Foi assim que a primeira idéa da creação de um curso de sciencias sociaes e juridicas na cidade de São Paulo manifestou-se, e della tornou-se orgam o finado paulista, de jámais esquecida memoria, dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois Barão e Visconde de S. Leopoldo, o qual na Assembléa Constituinte, em sessão do dia 24 de Junho de 1823, fundamentou indicação para a creação de uma Universidade, nos termos seguintes:

«As disposições e efficacia desta Assembléa sobre o impor-

tantissimo ramo da instrucção publica (a) não deixam duvidar de que essa base solida de um Governo Constitucional ha de ser lançada em o nosso codigo sagrado de uma maneira digna das luzes do tempo e da sabedoria de seus collaboradores. Todavia, esta convicção, e ao longe as melhores esperanças, nem por isso me devem acanhar de submetter já á consideração desta Assembléa, uma indicação de alta monta, e que parece urgir. Uma porção escolhida da grande familia brasileira, a quem um nobre estimulo levou á Universidade de Coimbra, geme ali debaixo dos mais duros tratamentos e oppressões, não se decidindo apezar de tudo a interromper e a abandonar sua carreira, já incertos de como será semelhante conducta avaliada por seus paes, já desanimados por não haver ainda no Brasil institutos onde prosigam e rematem seus encetados estudos. Nessa amarga conjunctura, voltados sempre para a patria por quem suspiram, lembraram-se de constituir-me com a carta que aqui apresento. Correspondendo, pois, o quanto em mim cabe a tão lisongeira confiança e usando ao mesmo tempo das faculdades que me permitte o cap. 6º do nosso Regimento interno, offereço a segu nte

INDICAÇÃO

Proponho que no Imperio do Brasil se crie quanto antes uma Universidade pelo menos, para assento da qual parece dever ser preferida a cidade de S. Paulo, pelas vantagens naturaes e razões de conveniencias geraes. Que na Faculdade de Direito Civil, que será sem duvida uma das que comporá a nova Universidade, em vez de multiplicadas cadeiras dê Direito Romano, se substituam duas, uma de Direito Publico Constitucional, outra de Economia Politica.

Paço da Assembléa, 12 de Junho de 1823.—*Fernandes Pinheiro.*»

Esta indicação foi remettida á commissão de instrucção publica, e na sessão de 19 de Agosto do mesmo anno o deputado

---

(a) Alludia á um programma ou Memoria, para a creação de estabelecimentos de instrucção primaria, secundaria e scientifica, apresentado pelo deputado José Bonifacio de Andrada e Silva.

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, como relator da mesma commissão, apresentou o seguinte projecto:

«A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brasil, decreta:

«1.º Haverá duas Universidades, uma na cidade de São Paulo e outra na de Olinda; nas quaes se ensinarão todas as sciencias e bellas letras.

«2.º Estatutos proprios regularão o numero e ordenados dos professores, a ordem e arranjamento dos Estudos.

«3.º Em tempo competente se designarão os fundos precisos a ambos os estabelecimentos.

«4.º Entretanto haverá desde já um curso juridico na cidade de S. Paulo, para o qual o Governo convocará mestres idoneos, os quaes se governarão provisoriamente pelos Estatutos da Universidade de Coimbra, com aquellas alterações e mudanças que em mesa, presidida pelo Vice-Reitor, julgarem adequadas ás circumstancias e luzes do seculo.

«5.º S. M. o Imperador escolherá d'entre os mestres um para servir de Vice-Reitor.

«Paço da Assembléa, 19 de Agosto de 1823.—*Martim Francisco Ribeiro de Andrada.—Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.—Belchior Pinheiro de Oliveira.—Antonio Gonçalves Gomide.—Manoel Jacintho Nogueira da Gama.*»

Este projecto, tendo passado por longo debate, foi approvado na sessão de 4 de Novembro daquelle anno.

Faliaram pró os deputados José Feliciano Fernandes Pinheiro, Antonio Gonçalves Gomide, Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, José Arouche de Toledo Rendon, Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Venancio Henriques de Rezende e Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois Marquez de Abrantes.

Fallaram a favor da idéa da creação de Universidade e de Curso de Sciencias juridicas, porém contra o estabelecimento delles em S. Paulo, os deputados Luiz José de Carvalho e Mello, depois Visconde da Caxoeira, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois Marquez de Baependy, Antonio Ferreira França, José Martiniano de Alencar, Francisco José Acayaba de Montezuma, depois Visconde de Jequitinhonha, Antonio

Luiz Pereira da Cunha, depois Marquez de Inhambupe, Pedro José da Costa Barros, José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cayrú, Lucio Soares Teixeira de Gouvêa e Joaquim Manoel Carneiro da Cunha: os quatro primeiros eram de opinião que a Universidade fosse estabelecida na Côrte; os quatro seguintes queriam na Bahia; o deputado Teixeira de Gouvêa queria na Provincia de Minas-Geraes, e o deputado Carneiro da Cunha indicava a Provincia da Parahyba.

O deputado José da Silva Lisboa, na enumeração dos motivos contra o estabelecimento da Universidade em S. Paulo, disse entre outras cousas que—« a pronuncia incorrecta e o dialecto desagradavel dos Paulistas havia de influir para que a mocidade adquirisse o mesmo defeito. »

Não foram, porém, realisados os votos daquelles patriotas, que desejavam dotar o seu paiz com estabelecimentos de instrucção superior, a qual, si em todos os tempos se constitue necessidade imperiosa das sociedades civilisadas, era para o Brasil daquella época a condição vital de um Estado que acabava de emancipar-se; a dissolução, pois, da assembléa constituinte, a 12 de Novembro daquelle mesmo anno, veio deixar sem sancção o projecto da creação de Universidade e Curso Juridico.

A segunda tentativa teve lugar no anno de 1825, sendo Ministro do Imperio Antonio Luiz Pereira da Cunha, que pretendia a creação de um curso de Sciencias sociaes e jnridicas na Côrte do Rio de Janeiro; este projecto teve começo de execução n'esse mesmo anno, sendo convidado de Portugal o dr. José Maria de Avelar Brotero, que d'ali veio contractado para o Rio de Janeiro.

Melhor avisado porém, andou o governo de sua pretenção até que por decreto de 11 de Agosto de 1827 creou duas academias de Sciencias Sociaes e Juridicas, uma ao Norte e outra ao Sul do Brazil; aquella na cidade de Olinda e esta na de S. Paulo, attendendo assim a uma das mais palpitantes necessidades do nascente Imperio. Era então Ministro da pasta respectiva o dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, que soube arrostar com todos os embaraços oppostos pelo espirito de bairrismo, fazendo prevalecer o pensamento que quatro annos antes tinha concebido e procurado realisar como deputado.

Como principio de execução appareceu o Decreto de 13 de

Agosto do mesmo anno de 1827 pelo qual foram nomeados o tenente-general dr. José Arouche de Toledo Rendon para director, e o dr. José Maria de Avelar Brotero para lente da cadeira do 1º anno da Academia de S. Paulo, e a 1.º de Março de 1828 foi celebrada com toda pompa compativel com os recursos da epoca, a solemne abertura e installação da mesma Academia, em presença do então presidente da Provincia conselheiro Thomaz Garcia Xavier da Veiga, bispo Diocesano, d. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, funccionarios civis, militares e ecclesiasticos, e grande concurso de pessoas gradas.

«A inauguração e as primeiras lições, diz o dr. Carlos Honorio de Figueiredo em sua *Memoria sobre a fundação das Faculdades de Direito do Brazil*, tiveram logar na sala que foi preparada para este fim, na antiga sachristia do Convento dos Religiosos Franciscanos, que a cederam, e que afinal largaram todo o convento, voluntariamente cedido pelo Provincial, a 8 de Novembro de 1828.

O visconde da Caxoeira, Luiz José de Carvalho e Mello, havia formulado os estatutos para a projectada Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, a cuja installação obstou o Conselho de Estado, e esses estatutos regeram os dois cursos juridicos até 30 de Março de 1832, em que foram postos em execução os de 7 de Novembro de 1831 organisados pelos lentes, drs.: Brotero, Fagundes Varella, Carneiro de Campos, Fernandes Torres e Pinto Cerqueira.»

Assim continuou o curso de sciencias sociaes e juridicas da cidade de S. Paulo até que o governo imperial, usando da auctorisação que lhe fôra dada pelo Decreto n.º 608 de 16 de Agosto de 1851, reformou os estatutos, e deu melhor distribuição ás materias de ensino pelos Decretos ns. 1,134 de 30 de Março de 1853, 1,386 de 28 de Abril de 1854 e 1,568 de 24 de Fevereiro de 1855, mudando a antiga denominação de *Academia de Sciencias Sociaes e Juridicas* pela de—*Faculdade de Direito.*

Sua bibliotheca, que é composta em grande parte com a livraria que pertenceu ao finado bispo d. Matheus de Abreu Pereira, e a mesma que foi creada em 1825 com o titulo de—*Bibliotheca Publica* pelo primeiro presidente da Provincia, Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois visconde de Congonhas do Campo. Posteriormente tem feito a mesma bibliotheca

acquisição de diversas obras, porém não conta ainda hoje mais de 10.000 volumes.

Não cansaremos a attenção do leitor com a exposição das materias de ensino, suas divisões e numero de cadeiras, por suppormos sabidas de todos. Daremos portanto, em seguida, noticia circumstanciada do pessoal que tem servido os cargos de director e lentes, por sua ordem chronologica.

DIRECTORES

1.° Tenente general dr. José Arouche de Toledo Rendon, serviu desde a creação em 1827, até 23 de Agosto de 1833.

2.° Dr. Carlos Carneiro de Campos, hoje visconde de Caravellas, de 1833 até 5 de Novembro de 1835.

3.° Dr. José da Costa Carvalho, depois marquez de Monte Alegre, de 1835 até 24 de Junho de 1836.

4.° Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, de 8 de Março de 1837 até 4 de Fevereiro de 1842.

5.° Visconde de Goyana, não tomou posse.

6.° Conselheiro dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, de 1° de Novembro de 1857 até seu fallecimento a 15 de Novembro de 1864.

7.° Conselheiro dr. Vicente Pires da Motta, nomeado por Decreto de 30 de Janeiro de 1865: acha-se em exercicio até o presente.

Nos impedimentos temporarios tem servido o cargo de director o lente mais antigo, ou aquelles que obtiveram nomeação especial para este fim.

LENTES

As cadeiras de lentes têm sido occupadas pelos que seguem, segundo a ordem da collocação:

1.° José Maria de Avelar Brotero (*) nomeado a 13 de Outubro de 1827, jubilado em 1872, fallecido em 1873.

2.° Balthazar da Silva Lisboa, nomeado a 22 de Junho de 1828, demittiu-se em 1830, fallecido.

———

(*) Aos que levam este signal (*) mandou o governo por Decreto de 16 de Setembro de 1834 conferir o gráo de Doutor.

3.° Nicolau Fagundes Varella, nomeado a 22 de Julho de 1828, fallecido em 1831.

4.° Thomaz José Pinto Cerqueira, nomeado a 22 de Julho de 1828, demittiu-se a 24 de Abril de 1834.

5.° Antonio Maria de Moura * padre, nomeado a 11 de Agosto de 1828, fallecido a 12 de Março de 1842.

6.° Carlos Carneiro de Campos, * hoje visconde de Caravellas, nomeado a 9 de Fevereiro de 1829, jubilado a 29 de Janeiro de 1858.

7.° José Joaquim Fernandes Torres, nomeado a 21 de Fevereiro de 1820, demittiu-se a 22 de Agosto de 1833, fallecido em Dezembro de 1869.

8.° Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral * nomeado a 8 de Abril de 1829, jubilado a 22 de Janeiro de 1861, fallecido em 1862.

9.° João Candido de Deus Silva, nomeado a 30 de Outubro de 1830, não tomou posse; fallecido.

10. Clemente Falcão de Souza, nomeado a 5 de Novembro de 1830, jubilado a 17 de Setembro de 1864, fallecido a 28 de Abril de 1868.

11. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, padre, nomeado a 12 de Outubro de 1833, jubilado a 18 de Março de 1858, fallecido a 18 de Novembro de 1864.

12. Vicente Pires da Motta, padre, nomeado a 22 de Maio de 1834, jubilado a 7 de Agosto de 1860.

13. Manuel Dias de Toledo, nomeado a 22 de Maio de 1834, jubilado a 26 de Outubro de 1870, fallecido em 1874.

14. Anacleto José Ribeiro Coutinho, nomeado a 20 de Junho de 1834, jubilado a 1 de Janeiro de 1859.

15. José Ignacio Silveira da Motta, nomeado a 20 de Junho de 1834, jubilado a 31 de Maio de 1856.

16. Francisco José Ferreira Baptista, nomeado a 3 de Setembro de 1834, demittiu-se a 31 de Março de 1837.

17. Francisco Bernardino Ribeiro, nomeado a 22 de Dezembro de 1835, fallecido em 1837.

18. João Chrispiniano Soares, nomeado a 23 de Abril de 1836, jubilado a 22 de Novembro de 1871, fallecido em 1876.

19 Joaquim Ignacio Ramalho, nomeado a 23 de Abril de 1836, é presentemente o lente mais antigo em exercicio.

20. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje visconde do Bom Retiro, nomeado a 25 de Outubro de 1839, demittiu-se em 1868.
21. Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, nomeado a 26 de Outubro de 1839.
22. João da Silva Carrão, nomeado a 10 de Junho de 1845.
23. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, nomeado a 1.º de Julho de 1854.
24. Antonio Joaquim Ribas, nomeado a 1.º de Julho de 1854, jubilado a 23 de Fevereiro de 1870.
25. Gabriel José Rodrigues dos Santos, nomeado a 1.º de Julho de 1854, fallecido a 23 de Maio de 1858.
26. João Dabney de Avelar Brotero, nomeado para a Faculdade de Pernambuco a 1.º de Julho de 1854, removido para S. Paulo a 3 de Maio de 1856, fallecido a 1.º de Setembro de 1859.
27. José Bonifacio de Andrada e Silva, nomeado para a Faculdade de Pernambuco a 1.º de Julho de 1854, removido para a de S. Paulo a 5 de Maio de 1858.
28. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, nomeado a 3 de Agosto de 1859.
29. Francisco Justino Gonçalves de Andrade, nomeado a 17 de Setembro de 1859.
30. Clemente Falcão de Souza Filho, nomeado a 16 de Maio de 1860.
31. João Theodoro Xavier, nomeado a 6 de Novembro de 1860.
32. Ernesto Ferreira França, nomeado a 20 de Julho de 1861.
33. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, nomeado a 30 de Julho de 1862.
34. José Maria Corrêa de Sá Benevides, nomeado a 8 de Julho de 1865.
35. João Jacintho Gonçalves de Andrade, padre, nomeado a 6 de Março de 1869.
36. Carlos Leoncio da Silva Carvalho, nomeado a 4 de Janeiro de 1871.
37. José Joaquim de Almeida Reis, nomeado a 27 de Setembro de 1871, fallecido a 18 de Agosto de 1873.
38. Francisco Antonio Dutra Rodrigues, nomeado a 9 de Outubro de 1872.

39. Joaquim José Vieira Carvalho, nomeado a 17 de Junho de 1874.
40. Joaquim Augusto de Camargo, nomeado a 4 de Dezembro de 1875.

Têm sido formados desde 1831, em que obtiveram o grão os primeiros estudantes da Faculdade de S. Paulo, até o anno de 1875, 1,776 bachareis, a saber:

Da Côrte e provincia do Rio de Janeiro	578
De S. Paulo	462
De Minas Geraes	332
De S. Pedro do Sul	102
Da Bahia	100
Do Paraná	25
Do Maranhão	19
De Goyaz	19
De Matto Grosso	15
De Santa Catharina	14
De Pernambuco	13
Do Ceará	11
De Alagoas	10
Do Espirito Santo	9
De Piauhy	8
De Sergipe	8
Do Pará	6
Do Espirito Santo	1
Nascidos fóra do Imperio	34
	1:776

Destes tomaram o grão de Doutores 87, que em seguida vão designados por ordem de antiguidade:

1.° Manoel Dias de Toledo	1833
2.° Manoel Joaquim do Amaral Gurgel	»
3.° Vicente Pires da Motta	»
4.° Anacleto José Ribeiro Coutinho	1834

5.º	Francisco José Ferreira Baptista	1834
6.º	Francisco de Assis Monte Carmelo	»
7.º	Manuel Libanio Pereira de Castro	»
8.º	Miguel Archanjo Ribeiro de Castro Camargo	»
9.º	José Ignacio Silveira da Motta	»
10	Francisco Antonio de Araujo	»
11	Rafael de Araujo Ribeiro	»
12	Joaquim José Pacheco	»
13	Marcellino José da Ribeira Silva Bueno	»
14	Francisco Bernardino Ribeiro	1835
15	Joaquim Ignacio Ramalho	»
16	João Chrispiniano Soares	»
17	José Joaquim de Siqueira	»
18	Cypriano José Lisboa	1836
19	José Thomaz de Aquino	»
20	Gabriel José Rodrigues dos Santos	1838
21	Ildefonso Xavier Ferreira	»
22	Joaquim José Ribeiro Guimarães	»
23	João da Silva Carrão	»
24	Luiz Pereira do Couto Ferraz	1839
25	Francisco Maria de Souza Furtado Mendonça	»
26	Joaquim Antonio Pinto Junior	»
27	Antonio Joaquim Ribas	1840
28	José Antonio Pimenta Bueno	1843
29	Eduardo Olympio Machado	1846
30	Agostinho Marques Perdigão Malheiros	1849
31	Olegario Herculano de Aquino e Castro	»
32	Francisco Maria Velho da Veiga	»
33	Francisco Justino Gonçalves de Andrade	1851
34	João Dabney de Avelar Brotero	»
35	Martim Francisco Ribeiro de Andrada	1852
36	João Theodoro Xavier	1856
37	Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva	»
38	Antonio Ferreira Vianna	»
39	Domingos de Andrade Figueira	1857
40	Clemente Falcão de Souza Filho	»
41	João Baptista Pereira	1858
42	José Maria Corrêa de Sá Benevides	»
43	José Maria da Camara Leal	»
44	Tito Augusto Pereira de Mattos	»

45	Mamede José Gomes da Silva	1858
46	Hygino Alves de Abreu e Silva	1859
47	Aureliano C. Tavares Bastos	»
48	Vicente Mamede de Freitas	»
49	Balthazar da Silva Carneiro	»
50	Manoel Antonio Duarte de Azevedo	»
51	José Carlos de Oliva Maia	»
52	Luiz Joaquim Duque Estrada Teixeira	»
53	Paulo Antonio do Valle	1860
54	José Vieira Couto de Magalhães	»
55	Americo Braziliense de Almeida Mello	»
56	Joaquim de Almeida Leite Moraes	»
57	Emilio Valentim Barrios	1862
58	Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes	»
59	Francisco Gomes dos Santos Lopes	»
60	José Joaquim de Almeida Reis	»
61	Joaquim José Vieira de Carvalho	1863
62	José da Silva Costa	»
63	Egydio Barboza de Oliveira Itaqui	»
64	João Jacintho Gonçalves de Andrade	1865
65	Joaquim Augusto de Camargo	1866
66	Francisco Antonio Dutra Rodrigues	»
67	Emygdio Joaquim dos Santos	»
68	Ezequiel de Paula Ramos	1867
69	Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra	»
70	Carlos Leoncio da Silva Carvalho	1869
71	Antonio Candido da Cunha Leitão	»
72	José Rubino de Oliveira	»
73	Antonio Ferreira França	»
74	José Julio de Albuquerque Barros	1870
75	Affonso Augusto Moreira Penna	1871
76	José Pereira Terra Junior	1872
77	Victorino Caetano de Brito	»
78	Benedicto Cordeiro de Campos Valladares	1873
79	Genuino Firmino Vidal Capistrano	1874
80	João Pereira Monteiro	»
81	José Luiz de Almeida Nogueira	»
82	Julio Cesar de Moraes Carneiro	1875
83	Brazilio Augusto Machado de Oliveira	»
84	Romualdo de Andrade Baena	»

85 João Evangelista de Bulhões Carvalho »
86 Antonio Augusto de Bulhões Jardim 1876
87 Antonio Dino da Costa Bueno »

S. Paulo—Outubro de 1876.

M. E. A. Marques.

O Brigadeiro Machado de Oliveira

...Nas luctas politicas, nos certamens constitucionaes, no movimento ardente, na acção do grande theatro como no esquivo retiro das fadigas e das illusões, foi sempre liberal, e deixou no mundo immenso das côres cambiantes o exemplo da firmeza inabalavel na religião dos principios, da constancia energica que póde quebrar mas não torce, daquelles velhos paulistas que se chamaram Feijó e Andradas, Paula Souza e Alvares Machado.

No primeiro reinado a opinião politica de Machado de Oliveira provou-se em solemne e arriscado pleito, como o ouro que se prova no fogo. Na camara temporaria, de que elle era membro, discutia-se a accusação do ministro da guerra, Joaquim de Oliveira Alvares, que além de ministro era general: officiaes do exercito, enchendo as galerias do parlamento, ameaçavam os eleitos do povo, ousando até interromper com insultuosa grita o velho dr. França, o impavido philosopho: soou a hora da votação, que foi nominal, e Machado de Oliveira, liberal, arrostou as ameaças que tentavam coagir, deputado não se lembrou que era soldado, votou pela accusação do ministro da guerra.

Não apreciamos as questões politicas desse recente passado: exhibimos sómente um facto que glorifica a independencia daquelles tempos de tormenta politica.

Dr. J. M. de Macedo.

(Sessão do Instituto Historico.)

A um engeitado

Ai! quem um dia te amasse!
Nenhum perfumado affecto
abre-te um beijo na face.

A' sombra de extranho tecto,
quando soluças baixinho
talvez de medo, inquieto,

quem se aconchega do ninho
e se inclinando te falla,
nos anceios de um carinho?

Na solidão que se cala
tens a mãe! essa te beija
emquanto a noite resvala...

E se um sonho máu corveja,
da noite ás horas silentes,
e sem ar teu seio arqueja,

abandonado! não sentes
o effluvio que se derrama
de umas azas transparentes...

azas de mãe, que na chamma
do amor se embebem, formosas,
como n'agua flórea rama.

Ninguem! o aroma das rosas
que as auras da vida embalam,
as crenças, que presurosas

na mocidade nos fallam,
as saudades de um passado
que entre suspiros resvalam...

nem uma terás ao lado
do coração que se apresta
para o futuro sonhado!

Tua mãe? quiz ser *honesta*...
Ai! que do amor condemnado
sempre a historia é como esta!

Dr. Brasilio Machado.

Lagrimas e soluços de um patriota

Quando, senhores, perdemos um amigo querido, a ultima consolação da nossa dôr, o dever derradeiro, que temos de cumprir, é acompanhar á sua lugubre morada os seus restos inanimados, e orvalhal-os com o pranto da saudade. Eis o motivo que me trouxe do retiro que o estado de minha saude me aconselhava, e faz-me de novo apparecer nesta assembléa. O ominoso projecto de reformas do codigo é o golpe de morte da Constituição Brazileira; sua passagem será a companhia do enterro da finada liberdade. Eu, para quem ella foi os primeiros amores desde que me apontou a razão; eu, para quem ella será os ultimos amores, e com cujo trespasso se extinguirá toda a minha sensibilidade: eu, que a via em sonhos dourando-me uma vida de amarguras; eu, a quem ao acordar desenrugára a fronte a sua meiga idéa, como deixar de assistir ao fatal evento, para dar-lhe o que só lhe posso dar, lagrimas e soluços?...

Antonio Carlos.

Novissima charada (1)

1—2 O instrumento é vazo no mar.
Iguape

J. G. Chaves.

Uma Paulista illustre

D. Roza Maria de Sequeira, casada com o desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, foi esmeradamente educada por seus paes, Francisco Luiz Castello Branco e d. Izabel da Costa Sequeira, pessoas nobres e naturaes de S. Paulo.

Em Dezembro de 1713 embarcou para a Bahia, e d'ali para Lisboa na náu « Nossa Senhora do Carmo » com viagem feliz até ás costas de Portugal; porém n'essa altura foi a náu atracada por tres vellas de corsarios argelinos, que nesses tempos, infestavam aquellas paragens.

Eram sete horas da manhã, e já o trovão de Marte retumbava naquelles mares, porque em combate encarniçado disputavam, uns a honra e liberdade, outros a escravidão e o roubo.

Na primeira refrêga, conseguiu d. Roza Maria de Sequeira, com esforço varonil, e coragem inaudita, ganhar os animos da tripulação, occupando sempre posições arriscadas, distribuindo armas e cartuchos, e animando os combatentes com a palavra, e com o exemplo. Como as forças, porém, eram muito desiguaes (28 peças d'um lado contra 132 do outro) houve um momento de desalento, e alguns opinavam, que a troco das vidas, se entregasse a náu aos corsarios.

A nossa heroina que já vestira um trajo militar, e que entre os soldados combatia como o mais valente, levanta a voz energica e insinuante contra tão reprehensivel cobardia, fortifica os animos fracos e deserentes, e invocando o nome de Deus, prefere uma morte gloriosa a capitulação infamante.

As descargas de mosquetaria e artilheria succediam-se da parte dos argelinos com pontarias certeiras, acompanhadas de alarido infernal, e gritos da tripulação de—*amaina, amaina*— ao que a illustre guerreira respondia—*viva a fé de Christo.*

Na occasião em que o condestavel ia descarregar uma peça, uma balla de artilheria o degolla instantaneamente; acode a este ponto a nossa heroina, levanta o murrão, arvora-se em artilheiro, dá fogo, e não desampara tão arriscada posição sem ser substituida por outro artilheiro.

A batalha acabou com a noite, d. Roza cuida dos feridos e gasta o resto do tempo em fazer cartuchos.

Ao raiar do sol no dia seguinte fere-se novo combate, ainda mais desesperado e sangrento. Cinco vezes abordaram os argelinos a náu, e outras tantas foram rechaçados occupando sempre a illustre Paulista os pontos mais arriscados e perigosos, e praticando feitos de inexcedivel bravura.

O inimigo gasta o ultimo cartucho, e, espantado da intrepidez da tripulação an mada de coragem d'esta illustre brazileira, desampara o posto e favorecido pelos ventos, some-se na extensão dos mares.

A nossa heroina, coberta de gloria e cingida de loiros, entra depois em Lisboa a 22 de Março de 1714; contava apenas 24 annos de idade.

O chronista Damião de Froes Perim falla desta matrona illustre no Tomo 2º do seu *Theatro Heroino*, e o Instituto Historico Brazileiro, presta-lhe honrosa menção no Tomo 3.º pag. 222 e 225.

Trovas populares em S. Paulo

I

Esta noite dormi fóra,
me esqueci do cobertor:
deu o vento na roseira,
me cobriu todo de flôr.

Não póde o historiador ter consciencia de sua alta missão, nivelar-se com o seu assumpto quando não lhe é dado o suster-se em presença da imparcialidade, quando adultera os factos por espirito de maledicencia, ou pelos estimulos da dependencia.

Brigadeiro Machado d'Oliveira.

O senador Feijó

...Para um genio ambicioso, para um homem dominado pelo espirito do mundo, que mais tinha que appetecer no Brasil? Regente do Imperio, possuia tudo que ha de grande na ordem politica; Bispo eleito de Mariana, devia sentar-se em uma das mais importantes sés da igreja brasileira. Grande no estado civil e politico; grande no estado ecclesiastico; elle só se achava pequeno e humilde aos seus proprios olhos. Seus amigos encontravam sempre no Regente e no Bispo o mesmo Padre Feijó, sempre igual, sempre ingenuo, sempre benevolo e affavel. Collocado em uma posição tão alta, austero observador das maximas inalteraveis da justiça, não sacrificando jámais o principio do dever ás exigencias das paixões humanas, era impossivel que não excitasse contra si a furia insana d'uma opposição em delirio, aliás facil de contentar, se o espirito justo e inflexivel do regente pudesse obrar contra os dictames da sua consciencia, sacrificando á sua grandeza pessoal, o que julgava contrario ao bem ser do estado.

Foi nesta conjunctura melindrosa e especial, que mais appareceu a grandeza d'alma e desinteresse, póde dizer-se inimitavel n'este seculo, do virtuoso Paulista.

Soffrendo em seu physico males que se aggravavam com os males moraes, renunciou a regencia, chamando para este importante emprego um cidadão, que lhe pareceu capaz de neutralizar os partidos e dar direcção á náu do estado. Era pouco para o grande Paulista ter deixado a primeira magistratura do estado; na humildade de seu coração não se julgava digno de reger a igreja de Deus, tomando sobre os seus hombros o pezado encargo episcopal. Conhecendo que o episcopado é na linguagem dos santos padres um lugar mais de onus, que de honra, que o Bispo deve ser um homem irreprehensivel, não acceita o bispado de Mariana, para que fôra eleito. Oh! exemplo inimitavel! oh! virtude rara.

Ainda não é tudo, Diogo Antonio Feijó, deixando a Regencia e o Bispado, ficou pobre; sem meios mesmo para passar

uma vida commoda, a ponto que privado por suas enfermidades de ir assistir ás sessões do senado, que lhe proporcionariam o vencimento do subsidio, pediu ao governo uma modica pensão apenas sufficiente para soccorrer as primeiras e mais urgentes necessidades. Basta só esta consideração para fazer todo o seu elogio.

O ministro do Imperio, o primeiro Regente do Brasil, o homem que não acceitou um bispado, esmolou uma modica pensão para conservar seus ultimos dias enfermos, e morreu pobre!...

PADRE PEDRO GOMES DE CAMARGO.

(Oração funebre recitada por occasião das exequias feitas de corpo presente, na Igreja do Carmo, em S. Paulo, a 15 de Novembro de 1843.)

Peixes de rios Paulistas

Encontram-se nos rios Tieté, Sorocaba, Paranapanema, Tatuhy, Capivary e outros tributarios do Tieté e Paraná, os seguintes peixes:

PEIXES DE COURO:—*Jaúpéva*, côr amarella; como outros peixes, tem até 7 palmos de comprimento. *Jaú*, o preto tem 8 palmos de comprimento; o pintado, de pintas grandes e cabeça comprida, 5 palmos. *Suruvi*, tem pintas miudas, é muito bravo; tem de 5 a 6 palmos. *Jurupocca*, tem o queixo inferior mais comprido, côr avermelhada, 3 palmos. *Piacururú*, preto, grosso, 3 palmos. *Mandy*, amarello, tem um ferrão nas costas, que fere perigosamente. *Bagre*, peixe fino, bom de comer; morde; 1 1/2 palmos. *Sebastião*, branco, bom de comer; 1 1/2 palmos.

PEIXES DE ESCAMAS.—*Tambaré*, tem catinga; 2 palmos. *Ilambary*, branco; 1/2 palmo. *Dourado*, de côr amarella; bom de comer; 5 a 6 palmos. *Paracanjuva*, vermelho; muito bom de comer. *Paracanjuvira*, bom de comer; vermelho; 3 palmos. *Tabarana*, branco, com a cauda vermelha; tem de 1

1/2 a 2 palmos. *Piaba-mirim*, amarello ; 2 palmos. *Piaba-assú*, tem a cabeça arqueada, côr vermelha ; 3 a 3 1/2 palmos. *Piaba*, preta pintada ; 1 1/2 palmos. *Ferreira*, rajado de vermelho ; 1 palmo, *Tanchina*, riscada ; 1/2 palmo. *Pacuva-assú*, tem duas carreiras de dentes, côr vermelha e branca. *Pacupeva*, fórma arredondada ; 1 palmo. *Piranha*, peixe perigoso, devorador de todo o vivente que póde alcançar ; 6 pollegadas. *Curimbatahy*, branco, bom de comer ; 4 palmos. *Curimbatahy-mirim*, bom de comer ; 1 1/2 palmos. *Curimbatahyra*, não é bom de comer ; 1 palmo. *Suairú*, tem catinga forte ; 1 palmo. *Parapitinga*, preto ; 2 palmos. *Cambiú*, vermelho amarellado ; 1/2 palmo. *Tatuvira*, preta ; 3 palmos. *Taira*, preta ; 1 1/2 palmos. *Torterinho*, branco e amarello ; 1 palmo. *Siacangá*, ou *cachorro*, côr branca ; tem dentes como cachorro.

Peixes de escudos :—*Cascudo*, pintado ; 3 a 4 palmos. *Cascudo*, preto ; tem compridos espinhos nas costas. *Espada*, tem espinhos dos lados ; 1 palmo *Cascudo*, pintado, amarello ; 2 1/2 palmos. *Pitirantan*, tem olhos vermelhos ; 1/2 palmo.

E além destes o *Pirambaya*, peixe cobra ; tem 3 palmos. *Muraena* de nove olhos, ou *Enguía-assú*. Na Europa é prato apreciado ; aqui não se come este peixe.

Dr. Carlos Rath.

Charadas (1)

Ao amigo e inclito charadista A. B. C.

Eis aqui uma charada
Mui facil de decifrar ;
No jardim do meu amigo
Tu a pódes encontrar :—2.
Ella tem mui linda côr
Se ás avessas estiver :
A's direitas significa
Lindo nome de mulher :—2
Sendo ella formoza
Seduz seu olhar ;
Já vez meu amigo,
Que é só decifrar.

Iguape J. G. Chaves.

*

LIVRARIA

DE

RICARDO MATTHES

43--RUA DA IMPERATRIZ--43

S. Paulo

Livros de direito, educação, litteratura, sciencias, artes, religião, etc.

Agencia de todos os jornaes brasileiros e estrangeiros.

Loja de papel e musicas.

Deposito de pianos Pleyel, Herz e Elcké.

Charutos de Havana, Hamburgo e Bahia.

Fumo e cigarros Daniel, Pomba e Goyano.

Machinas de costura.

Brinquedos, perfumarias e muitos outros artigos.

Casa de commissões

Martim Lopes Lobo de Saldanha

Capitão general de São Paulo

PEÇA INTERESSANTE DO PROCESSO QUE LHE FOI INSTAURADO EM LISBOA POR CAUSA DO ASSASSINATO DO SOLDADO CAETANINHO

O procurador da Fazenda do Ultramar respondeu sobre este requerimento tão sabia e judiciosamente, que só me resta louvar a sua resposta, e com ella conformar-me. Pelo que respeita porém, á queixa que contra o supplicante se fez por mandar como governador e capitão general de S. Paulo fazer segundo conselho de guerra a um mulato, trombeta do regimento dos Voluntarios Reaes, e executar logo a sentença proferida pelo dito conselho de guerra, acrescentaria a seguinte reflexão:

O supplicante na sua defeza de fls. 4 até fls. 8, mostra com toda a evidencia as notorias transgressões das leis militares, e nullidades insanaveis, que se commetteram no primeiro conselho de guerra, por cuja causa mandou pela ordem copiada a fls. 188 proceder a segundo, ao qual elle não presidiu nem assistiu. Pela devassa fls. 19 até fls. 47, tirada pelo mesmo Ouvidor Estevam Gomes Teixeira (inimigo declarado do supplicante como se vê das contas que deu contra elle a fls. 84 e fls. 92) consta com toda a clareza e individuação, que a facada que o dito trombeta deu no filho do supplicante, capitão ajudante das ordens d'aquelle governo, fôra de proposito e de caso pensado, atraiçoadamente, e com animo de o matar na presença do supplicante e no meio de um numeroso concurso que fazia um festejo publico em obsequio do supplicante, pelas boas estradas e pontes que este mandára fazer em utilidade do concelho e dos transportes d'aquella capitania.

Como o art. 8º do cap. 9º do Novo Regulamento da Guerra determina expressamente, que o soldado que ferir o seu camarada á traição, seja condemnado a carrinho perpetuamente, ou castigado com pena de morte, conforme as circumstancias concurrentes. E não sendo facil acontecer um caso semelhan-

te em que concorram circumstancias tão atrozes como a de ser feito o ferimento de proposito, e atraiçoadamente por um mulato trombeta, não a um simples camarada, ou egual, mas sim a um capitão seu superior, na maior publicidade, e mais que tudo na presença do seu mesmo general, que ali representava a auctoridade de S. Magestade, não se póde dizer que o dito trombeta foi injustamente condemnado á morte, sem ao mesmo tempo se despresar, e pôr de parte a expressa determinação do dito art. 8°.

Sendo pois, indubitavel, como fica mostrado, que o dito trombeta foi justamente condemnado á morte pelo dito conselho de guerra; é tambem indubitavel que o supplicante estava obrigado a fazer cumprir e não retardar a execução da sentença um só instante, por serem as nossas leis regias tão severas em castigar até com pena de morte, semelhantes arruidos e injurias publicas, que ellas não esperam, que os revestidos da auctoridade do seu rei, sejam atacados e feridos em suas pessoas, ou na de seus filhos; basta que na presença delles se fira alguem. São palavras expressas da Ordenação Liv. 5° Tit. 51—se alguem de proposito levantar ruido em juizo, contra a justiça, ou contra outrem em sua presença, e ferir, morra por isso. Duarte Nunes de Leão na sua Chronica fls. 180, refere que o sr. rei d. Pedro mandou degolar um fidalgo por arrancar as barbas e dar uma pancada em um porteiro que o foi notificar.

Estes e outros exemplos de severidade, de que está cheia a nossa Historia, fazem bem vêr, que os nossos soberanos conhecendo muito bem, que para se manterem os povos em tranquillidade, paz e socego, é mister que elles tenham sugeição, e obediencia ás leis, e que estas se não podem fazer observar, sem sustentar a auctoridade d'aquelles que as hão de executar; muito de proposito desembainharam a espada contra aquelles que pretendessem atacar, ou injuriar, não digo só a um general, ou a um magistrado da maior graduação, mas ainda a um porteiro, e ao mais inferior official de justiça.

Nem pareça que por ser aquelle ferimento feito ao filho do supplicante não devia este mandar executar a sentença de morte proferida por aquelle conselho de guerra, sem primeiro, ao menos, por decencia, dar parte e esperar a solução de S. Magestade. Porque a Ordenação Liv. 5° Tit. 50 no pr. conhecendo

que para se não abrir a porta á desobediencia e á rebellião, que é a ultima ruina da sociedade, é muito melhor e indispensavel, que todos aquelles que estão encarregados do socego e da tranquillidade do Estado, tenham por primeiro e principal objecto, o fazer sustentar a auctoridade publica em toda a sua força e vigor; não manda que o magistrado, em presença do qual fôr ultrajada a auctoridade publica, recorra e espere pela decisão do superior para castigar o delinquente; nem exceptua os casos de ser o offendido seu filho, ou qualquer terceiro, mas sim muito pelo contrario geral e indistinctamente determina que o dito magistrado em cuja presença se commetteu o delicto seja o mesmo que julgue, e castigue o réu, conforme a qualidade da pessoa e das leis, para assim evitar o prejuiso, que possa trazer qualquer demora; e não se póde dizer, que elle nesse caso viria a ser juiz em causa propria, porque só se reputaria sel-o na causa publica. E como aquelle dito trombeta pelo seu horroroso attentado notoria e indubitavelmente offendeu, e vilipendiou a auctoridade publica de general, de que o supplicante se achava revestido. E' claro, que o supplicante estava obrigado a mandal-o logo castigar e executar a sentença proferida pelo dito conselho de guerra, em conformidade das sobreditas leis; sem mais dever esperar por decisão alguma superior; e tão longe está de ser attendivel a razão de ser o filho do supplicante o offendido para se dever suspender aquella sentença até a resolução de S. Magestade, que antes pelo contrario, por ser o filho do supplicante o ferido, foi mais e mais ultrajada a auctoridade publica, e por consequencia as leis, que a mandam respeitar e sustentar em forma e vigor, pediam mais, e mais um prompto e exemplar castigo.

A outra Ord. do mesmo Liv. 5º Tit. 39, querendo tambem por todos os modos sustentar a auctoridade publica, manda tributar um sumo respeito, não só ás pessoas dos soberanos, mas ainda ás paredes dos seus palacios, e aos transgressores manda castigar com penas gravissimas, degredos, de cortamento de membros, até de morte, conforme a gravidade do insulto. E se as leis, para sustentarem o sagrado da auctoridade publica, mandam castigar com tanto rigor aos que perdem o respeito ainda ás paredes da habitação do soberano, não se póde dizer, que devam ser menos severos, ou que peçam um castigo

menos prompto para aquelles que ultrajam a auctoridade publica, de que se achaim revestidos os que vivamente representam os mesmos soberanos, em partes tão remotas, e em uma capitania de tão vastos e dilatados sertões. E menos se póde dizer tambem, que ellas queiram que se atropellem as mesmas leis que mandam sustentar o respeito da auctoridade publica para se dar lugar ás outras leis particulares denominadas da decencia, do decoro e da prudencia, as quaes, em taes termos seriam de pessimas consequencias para o estado, porque o mesmo seria dissimular, ou retardar os castigos da offensa publica, que convidar a um, a outro e outro para atacar, destruir, e aniquillar a auctoridade publica, e chamar em seu favor a desobediencia, o motim, a sedição; assim como ordinariamente acontece com os ladrões, matadores e perturbadores do socego publico, que o mesmo é dissimulal-os ou retardar-lhes o castigo, que augmentar o atrevimento, a atrocidade, e o numero delles.

Se os regulos e revoltosos d'aquelle continente vissem que o supplicante mandava suspender a execução da sentença d'aquelle conselho de guerra em um crime de tanta atrocidade, ficariam sem duvida persuadidos de que o supplicante, ou não podia mandar executar as sentenças proferidas sobre semelhantes crimes, sem ordem expressa de S. Magestade (porque seria preciso esperar ao menos mais de um anno) ou que o supplicante os temia, ou que era muito frouxo em defender a auctoridade publica, e de qualquer sorte seria deixar a segurança do Estado á dependencia dos que a quizessem ou não perturbar. E porisso, ou se ha de dizer, que o supplicante deve ser castigado por não abrir a porta ao atrevimento, ao insulto publico, e á destruição do Estado, o que certamente é um absurdo, ou necessariamente se deve confessar, que elle obrou justa e prudentemente conforme as leis da verdadeira decencia e do decoro devido á auctoridade publica.

O sabio legislador das nossas leis conhecendo que muitos homens ainda que revestidos da auctoridade publica são mais zelosos das coisas que tocam ao seu amor proprio do que das que são do interesse publico, e falsamente persuadidos do que a elles é mais honroso perdoar, ou deixar de castigar, ainda as injurias que são feitas á auctoridade publica, posto que a lei lhes imponha a obrigação de os castigar, sem advertirem

que não póde haver decoro, prudencia, honra, nem acção boa em um facto pelo que se desobedece, e quebranta a lei, e que quando corre a causa particular com a publica, aquella deve ceder e desapparecer á vista desta, expressamente determina na dita Ord. Liv. 5º Tit. 50 no pr. que o magistrado que deixasse de proceder contra aquelle que injuriasse em razão de seu officio, isto é, contra aquelle que injuriasse a auctoridade publica, fosse degradado por um anno para a Africa. E por isso, se o supplicante deixasse de mandar executar logo a pena imposta áquelle réu pelas sobreditas Ordenações e pelo dito conselho de guerra (a que o supplicante não assistiu, nem prezidiu, nem influiu para a sua devassa e processo fls. 19, que foi feito pelo dito Ouvidor seu inimigo) ou se lembrasse da falsa generosidade, de o perdoar, não só lhe não seria honroso e louvado este procedimento, mas tambem deveria ser asperamente reprehendido e castigado como desobediente e transgressor das leis publicas, que respeitam ao intereresse do Estado; pois que por parecer generoso na sua causa particular, e de seu filho, deixava de punir a offensa publica, e se intromettia a dispensar na lei do superior.

Finalmente, se um tal desacato na presença de algum juiz fosse feito, não ao filho do mesmo juiz, mas sim a qualquer do povo, é indubitavel que o dito juiz em conformidade das sobreditas leis regias, e principalmente da Ord. Liv. 5º Tit. 50 e 51, podia não só mandar executar a sentença proferida contra o delinquente, mas tambem elle mesmo, não havendo outro juiz, podia á vista da devassa, e da notoriedade do facto em flagrante, julgal-o e mandal-o castigar até com pena de morte.

E sendo isto indubitavel a respeito de qualquer do povo, não ha lei alguma, nem S. Magestade quereria, que o filho do supplicante fosse de peor condição do que o mais infimo da plebe; e menos quereria deixar as vidas do filho do supplicante, e deste mesmo, expostas aos insultos d'aquelle que as quizesse atacar, na certeza de que o supplicante sim podia mandar castigar os insultos feitos a qualquer do povo, mas não a seu filho ou a elle.

Estas consequencias, que por si mesmo saltam aos olhos, fazem bem vêr que o supplicante estava obrigado a mandar logo executar aquella sentença, sem attenção a que o ferido

fosse seu filho ou qualquer outro ; pois que se a vida e a honra do general ou de seu filho fôr menos defendida do que a de algum outro vassalo, o mesmo Estado de nenhuma sorte está firme nem seguro.

Mostrado pois, pela resposta do procurador da Fazenda, pelo que acabo de dizer, e pelos solidos fundamentos com que o supplicante nervoza e evidentemente na sua resposta e defeza, faz vêr que os seus adversarios falsa e dolosamente o accusaram. Que elle supplicante sustentou o posto de general na sua devida auctoridade, castigando logo os insolentes, e regulos, que sem respeito, nem temor de Deus e das leis, mandavam por auctoridade propria prender alguns miseraveis, açoital-os e fazel-os subir a uma forca, como fez o tenente coronel de Auxiliares, Policarpo Joaquim de Oliveira, e se mostra a fls. 200.

Que elle supplicante livrou os pequenos da oppressão e dispotismos que lhes faziam os grandes e revoltosos, como se vê dos justos agradecimentos que elles deram ao supplicante nos papeis fls. 239.

Que elle supplicante fez distribuir a justiça com egualdade, dando a cada um o que é seu, castigando os réus, e absolvendo os innocentes sem grandes delongas, como queria o Ouvidor daquella capitania, e consta a fls. 186.

Que elle supplicante fez augmentar o erario regio sem oppressão dos povos, e tão sómente pela sua vigilancia e boa arrecadação, como se vê do calculo fls. 57 v.

Que elle supplicante creou de novo o regimento de infantaria e cavallaria daquella capitania com a educação e disciplina mili ar, que consta das cartas de elogios que ao supplicante escreveram o vice-rei e tenente general d'aquelle estado e vem por copia a fls. 178 e fls. 180.

Que elle supplicante foi sempre tão desinteressado e limpo de mãos, que os seus inimigos por mais que se empenharam em amontoar queixas e contas contra elle, jámais se atreveram a tocar nesta parte tão sagrada da sua honra, virtude tanto mais louvavel quanto menos praticada, principalmente naquelle continente.

Por todas estas qualidades e circumstancias, que na verdade constituem o supplicante por um dos mais honrados e melhores governadores, que modernamente tem servido n'aquelle

estado, me parece digno sem duvida de que S. Magestade o admitta á sua graça, ao seu real serviço, e lhe remunere de justiça os serviços que tem feito, quando elle se resolva a pedir sua justa recompensa.—Com uma rubrica.

A traços largos

I

EMILIO DO LAGO

Distincto musico paulista, fallecido na capital da provincia, a 7 de Janeiro de 1871.

A morte levou-o, quando seu nome crescia á sombra dos louros.

Deixou um verdadeiro primor de sentimento em varias composições musicaes, sempre acolhidas pelo publico.

Eis o elenco:

Primeiro amôr.—Reminiscencias.—Lagrimas da aurora.—Canto da coruja.—A serêa.—Cabrion.—Marcha militar.—Hymno patriotico.—Canção da Bohemia.—Rosa mystica e *Seraphica*, a ultima de suas composições.

Companheiro e amigo de Carlos Gomes, Emilio do Lago, como elle estava destinado a enobrecer, ao lado de Elias Lobo, a musica nacional.

De suas composições para piano as mais populares são—as *Reminiscencias*, *Lagrimas da aurora* e *Canto da coruja*.

M.

Trovas populares em S. Paulo

II

Dessa lima—dae-me um gommo,
d'essa laranja—um pedaço;
d'essa bocca—dae-me um beijo,
d'esse corpinho—um abraço.

A casinha de sapé

Existia, antigamente, em o bairro de Itagaçaba, deste termo, uma casinha de sapé, que pertencia a uma pobre mulher que vivia em companhia de uma sua neta, menina dos seus 16 para 18 annos; porém nenhuma dellas tinha esse typo peculiar dos nossos caipiras do interior: essas mulheres patenteavam na phisionomia o pronunciamento de sua estirpe: uma era caracterisada pela gravidade de seus modos, e outra, pela doçura do semblante, tão fresco e sereno como a madrugada, e tão angelico como o céo.

Quem eram essas mulheres? Era a pergunta que faziam aquelles que por acaso as avistavam no rude trabalho de sua casinha de sapé, toda caiadinha, qual uma branca pombinha, entre as larangeiras que alli vicavam carregadas de aureos fructos.

Porém ninguem podia responder a essa interrogação.

Naquella casinha havia um mysterio, mas pessoa alguma o podia penetrar.

Antes, porém, de entrarmos nos pormenores deste romancinho, cumpre-nos dar ao leitor os retratos das nossas duas personagens.

Uma, tinha a imagem do soffrimento, que rala o intimo dos corações, e outra a cópia fiel da innocencia, florescida pela luz do céo.

Aquella era uma matrona, que fazia-se respeitavel por seu semblante cheio de pezares; e esta era a angelical formosura, com os seus perfumes suavissimos, qual anjo do Omnipotente, que habita as regiões da perfeição.

A mimosa menina tinha um diamante no coração, que lhe fazia dar á phisionomia os raios da crença divina—a virtude.

Essas duas creaturas alli viviam na casinha de sapé, sempre ignoradas em sua origem; e, aquelles que tinham o prazer de as

contemplar, não se achavam com animo de perscrutar o intimo dessas almas, em que um arcano as envolvia.

Porém, um dia, assim não aconteceu.

Alguem chegou a obter o fio de Ariadne para penetrar esse laberyntho, que occultava a todos a estirpe das nossas duas personagens.

D. E. da C. era viuva. O orgulho era um immenso peccado que lhe minava a alma. Sem lembrança do futuro, cuidando sómente do presente, olhava sobranceira para a pobre humanidade e ninguem como D. E. da C. se sentia tão aristocrata quão importante em nossa vil e ambiciosa sociedade.

Esta senhora, no fausto em que vivia, nesses gosos da materia, não tinha o pensamento de Deus; e, por conseguinte, essa delicia ineffavel que faz a satisfação da alma christã e caridosa, não se abrigava em seu coração.

Seu marido, rico figurão de outros tempos, mandão considerado de sua aldêa, em nada contrariava os desejos de sua mulher; e sevava-lhe esse vicio, que tanto corróe o seio da humanidade, e que tanto tambem retarda o progresso social para sua edificação com Deus.

Mas os bens mundanos não são perduraveis.

O esposo de D. E. da C. tinha uma filha que era o seu idolo, a sua vida, o seu tudo emfim.

Essa filha tivera o desejo de casar-se com um mancebo, por quem se apaixonára. O mandão de aldêa não teve poder para evitar semelhante enlace. Sujeitou-se, pois, aos caprichos da filha.

Este consorcio trouxera a desgraça para sua casa. Fóra o espirito do mal que viera para fazer purgar pelos soffrimentos, o orgulho, que tanto dominava a D. E. da C.

E o purgatorio ia começar.

O joven que ligou-se aos destinos da filha de D. E. da C. era um devasso, pervertido pela crapula das lascivas scenas do amor, que é o cancro que ainda hoje, infelizmente, impesta a sociedade, e cujos males são incalculaveis.

D'ahi datára a infelicidade da familia de D. E. da C. A roda desandára.

E isso não era senão o dedo providencial para fazer dar á essa gente esquecida da sua lembrança, um correctivo pelo sof-

frimento, para assim transformar esses corações cheios de orgulho.

E essa familia começára a sorver o calix da amargura e logo chegára a esgotar as suas fézes.

Através das scenas de padecimento, um como anjo veio radiar, com suas azas brancas, e recinto já ennegrecido pela miseria.

Morrêra o esposo libidinoso, e logo tambem lhe fôra fazer companhia a sua mulher, deixando orphã a menina, que era a luz dos olhos de sua infeliz avó.

Acabrunhado por tantas flagellações, recordando-se desse sonho de opulencia, em que imperava a sua soberbia de mandão de aldêa, o marido de D. E. da C. succumbiu. A morte pozera termo a sua malfadada existencia.

Na divina balança da justiça eterna iam pois ser pezados os seus peccados.

E quem restava agora dessa familia que não ideava o futuro?

D. E. da C. e o anjo, que era sempre o conforto da pobre mulher.

E as amarguras que consumiam o espirito de D. E. da C., eram a sua espiação pelo orgulho que lhe fizera occultar a idéa do Creador, cheio de bondade e todo misericordioso.

D'ali em diante o espirito da pobre mulher se elevava para o seu Deus, e pedia-lhe o perdão de suas culpas nesse silencio profundo que reinava na casinha de sapé, morada que lhe coubera em partilha de sua passada folgança, entre as grandezas vãs da riqueza.

Um pensamento, apezar dos allivios que experimentava quando orava á Deus, lhe vinha torturar a mente : era desapparecer ella do mundo e ficar a pobre da neta entregue á perversidade dos homens, ainda tão atrazados no seu progresso real —a moralidade intima, que visa as delicias do creador.

E implorava ao céo que tal não acontecesse.

E o tempo, como o rio da vida, ia correndo.

Não poucos foram os individuos que quizeram desposar o triste anjo, cujas azas brancas não se estendiam de alguns passos além da casinha de sapé.

Mas uma recusa formal desanimava a todos.

Admirava-se que ahi, nessa pobre habitação, não appareces-

se um malvado para tentar o crime de um rapto, visto que o semblante seductor do anjo a todos provocava.

Porém o anjo da guarda ou o espirito familiar da menina, era o seu auxilio. Elle expulsava para longe os máos intentos dos homens.

A virtude era potente, e triumphava da perversidade.

Todo o espirito do anjo formoso se embebia nos bens do céo e o contemplava por horas esquecidas.

Em seus sonhos dourados de donzella, imagens vaporosas, vestidas de gaze celeste adejavam em volta de seu espirito, todo encantado dos esplendores de Deus.

Essas imagens como que queriam arrebata-la para as profundezas dos espaços, onde estão as maravilhas da Divindade.

Ao despertar, uma saüdade infinda, misteriosa, vinha fechar o coração da virgem.

Seu espirito como que queria desprender-se da materia para subir ao seu Creador.

E esses sonhos revelados a sua avó, faziam-lhe vir lagrimas aos olhos com a crença infinita de Deus, sempre bom e misericordioso.

Uma vez, porém, chegára trazendo uma nova provança a D. E. da C.

Tivera de prantear a morte de sua estremosa neta, anjo de castidade, que ha muito já existia para o seu Deus, e que a chamára para si, a gosar de suas bemaventuranças eternas.

O passamento fôra como um sonho pacifico, povoado pelos bons espiritos.

Pouco tempo tambem restára para D. E. da C., já tão resignada pelo soffrimento, e tão cheia de confiança no céo.

A pobre mulher fôra juntar-se á neta que tanto amára.

Suas provas na terra ficaram pois terminadas com a morte de seu corpo.

VICENTE FELIX.

Silveiras, 4 de Outubro de 1876.

Quando se perde a dignidade, desapparece tambem a nacionalidade.

ANTONIO CARLOS.

PAULO EBERLEIN

COM

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAUTAÇÃO

E

TYPOGRAPHIA

Loja de papeis e artigos de escriptorio

65--Rua de S. Bento--65

SÃO PAULO.

A Caipirinha

Matuta, se dás-me um beijo
Eu te dou meu coração.
—Nhôr não!

A. A.

Como é bella a caipirinha
Com sua baeta vermelha,
C'o cabello atrás da orelha
Com seus pésinhos no chão!

Perguntei se a caipirinha
Tinha amor no coração:
Ella córou e sorrindo
Apenas disse:—*nhôr não!*

A puxar seu cargueirinho
Ia a innocente caipira,
Vendendo cordas d'imbira
Vermelhas como o carmim.

Fui de novo á caipirinha,
Fallei-lhe d'amor sem fim;
Perguntei se era solteira,
Sorrindo disse:—*nhôr sim!*

Caipirinha do sertão,
O teu chapéo enfeitado,
Como é lindo collocado
Sobre fina e negra trança!

A caipirinha confusa
Olhou-me em desconfiança:
Puxando seu cargueirinho,
Disse só:—*ché! qu'esperança!*

Oh ! vem cá—não vas-te embora...
Quero dar-te o meu amor—
Caipirinha és uma flor
Que do matto agora sae...

Peguei-lhe na mão dizendo :
—Sem dar-me um beijo não vae !
—*Me largue se não eu grito*
E vô contá p'ra nhô pae.

Engraçada caipirinha !
Não grites—falla baixinho...
O que tem dar-me um beijinho
Pois tanta gente o não dá ?

Um beijinho dado a furto
E' cousa boa e não má...
Não deu resposta e fugindo,
Me disse :—*vá bugiá !*

São Paulo—1862

João Soares.

Chronica paulistana

1532 — Janeiro, 22

Martim Affonso de Souza, de volta do Rio da Prata, fundea e desembarca no porto de S. Vicente dando começo á edificação da villa deste nome, primeira povoação regular do Brazil.

1532 — Outubro, 10

Vae Martim Affonso de Souza aos campos de *Piratininga* e assigna algumas cartas de sesmarias, sendo a primeira das terras fronteiras a Ingáguassú (da serra de Paranapiacaba para o interior) a favor do fidalgo Pedro de Goes, que com elle viera de Portugal.

O Sarú-taiá

Amigo e sr. J. M. Lisboa.—Em o seu *Almanak Litterario Paulista* de 1876, deparei com uma noticia sobre o vulto historico, que tambem tomei por titulo deste pequeno artigo.

Ahi se diz, em resumo, que o *Sarú-taiá* descendia mui proximo, e que fôra creado entre os aborigenes; que em seus principios vagava pelas ruas de Sorocaba vendendo *taiá*, que carregava em um burrinho e que apregoava pelas portas, emquanto jaziam enterradas em sua pequena casa, ou sitio, as grandes riquezas que possuia; que vivendo pela metade do seculo passado, organisára uma numerosa *bandeira*, internando-se pelos sertões do Paraguay, onde captivára muitos indios, e fôra afinal capitão-mór de Sorocaba.

Dá-nos tambem o artigo a que alludo, noticia de que o nome *Sarú-taiá* era composto de *Sarú* (abreviação de Salvador) e *taiá*, especie de cará; sendo que o verdadeiro nome do personagem era Salvador Corrêa.

Contestando em sua maior parte as asserções que ficam transcriptas, não me anima a intenção de criticar e menos de censurar o escripto assignado por F. M. P.: somente a verdade historica obriga-me a oppôr a esse escriptor, algumas corrigendas.

O personagem a que a tradicção conserva ainda o appellido de *Sarú-taiá*, não chamava-se Salvador Corrêa e sim Salvador de Oliveira Leme: não teve os principios que o articulista lhe attribue, nem havia sido creado entre os aborigines. Salvador de Oliveira Leme falleceu em Sorocaba onde residio, a 5 de Julho de 1802, e do seu testamento (ainda existente no 1º cartorio de orphãos da cidade de S. Paulo) se vê que foi natural de Ytu, filho legitimo de João Lourenço Curin e de d. Maria de Jesus; neto paterno de Sebastião Sutil de Oliveira e de d. Luzia Curin, todas pessoas consideradas, que tiveram na villa da Parnahyba os seus ascendentes, como nos dá a conhecer a *Genealogia das principaes familias de S. Paulo*, trabalho

*

precioso do paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, ha poucos annos publicado na *Revista do Instituto Historico* do Rio de Janeiro.

De seu testamento consta mais, que o capitão-mór Salvador de Oliveira Leme foi contractador dos direitos reaes no seculo passado em toda a comarca, que estendia-se desde Sorocaba até além de Curitiba, sendo por isso improvavel que organisasse a *bandeira* e com ella devaçasse as regiões paraguayas n'aquelle tempo, em que além de ser muito moço, já tinham cessado as excursões dos paulistas em procura de indios; excursões que tiveram a sua época nos seculos XVI e XVII, e que cessaram inteiramente de 1700 a 1720 com a descoberta das minas de ouro nos territorios de Minas Geraes, Goyaz e Matto-Grosso.

Ainda de seu testamento consta que fôra casado duas vezes, a primeira com d. Rita de Godoy, da qual teve sómente um filho, que foi o ajudante Francisco Xavier de Oliveira, pae de tres respeitaveis senhoras, d. Manoela, d. Rita e d. Anna, que fundaram o Recolhimento de Santa Clara, em Sorocaba, para o qual o capitão Salvador de Oliveira Leme e sua segunda mulher d. Maria do Rosario deixaram legados em seus testamentos; assim como deixaram legados para o hospital de caridade, que a esse tempo, 1801 a 1803, estava tratando de fundar o coronel Francisco José de Souza.

Do segundo casamento teve o referido capitão-mór 4 filhos, que foram:

Vicente de Oliveira, casado e fallecido em Cuyabá.

Antonio João Ordonho, sargento-mór, casado com d. Hermenegilda Ferreira.

D. Gertrudes do Rosario, casada com o sargento-mór Manoel Joaquim de Castro.

D. Anna Maria, casada com o coronel Paulino Ayres de Aguirra. Destes ultimos houve entre outros filhos, d. Gertrudes Eufrozina Ayres, que foi casada com o coronel Antonio Francisco de Aguiar, pae do finado brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar. A este como bisneto deixou o referido capitão-mór Salvador de Oliveira Leme uma escrava, por estas palavras de seu testamento: «deixo a meu bisneto Rafael, filho de minha neta Gertrudes, casada com o tenente coronel Antonio Francisco de Aguiar, a escrava Delfina.»

Que o capitão-mór Oliveira Leme possuiu grandes riquezas para a sua época, demonstra-o o seu testamento: delle se vê que além de muitas propriedades de raiz, grande escravatura e dinheiro em giro, edificou á sua custa uma capella á Senhora das Dores em sua fazenda de Pirapóra, districto de Sorocaba, e outra á Senhora do Rosario na então villa de Sorocaba, que ambas dotou com patrimonio.

Do exposto resulta que o *Sarú-taiá* não foi uma especie de aventureiro que nos descreve o sr. F. M. P.; foi antes um paulista muito distincto, cuja vida e feitos deixou assignalados para respeito e veneração da posteridade.

S. Paulo—Outubro de 1876.

M. E. A. Marques.

Charadas (2)

(Ao meu amigo A. B. Carneiro)

Procura em qualquer moinho
Vêr da *mó* o movimento,
E depois de me encontrares
Põe na ultima um accento—2.

Vivendo em ociosidade
Não procura trabalhar—2

Uma vida semelhante
Não desejes imitar.

Santos J. H. S. Dutra.

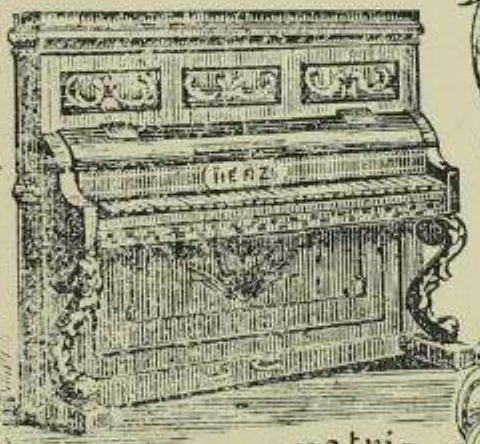
Trovas populares em S. Paulo

III

Atirei um limão verde
por cima da samambaia
deu no papo de uma velha
que estava ajuntando *páia*.

H.^QUE LUIZ LEVY

COM DEPOSITO DE PIANOS E MUSICAS



PIANOS DE H. HERZ

PIANOS DE BRANDES

PIANOS DE PLEYEL

PIANOS DE SPRUNK

Rua da Imperatriz S. Paulo

Grande sortimento de musicas para piano e bandas marciaes.
Papel para musica.
Instrumentos de todas as qualidades.

O que é uma eleição no Brazil

(FRAGMENTO)

Ninguem ousará negar que uma eleição entre nós importa sempre uma calamidade ao paiz. Quem não tem visto, quem não tem experimentado essa febre ardente com seus delirios e tresvarios, com suas noites de insomnia, com seus dias de constante preoccupação?!... essa febre que similha a hydrophobia em seu periodo mais impetuoso, o mais horripilante e o mais medonho?! Quem—espectador ou actor—não tem visto essa luta, luta universal de um povo de irmãos encanzinados, luta da immoralidade contra os sãos principios, em que o pobre e o fraco são comprados e corrompidos pelo rico e o forte, em que o ladrão das cidades saltêa as consciencias, em que o venal infame vende o mais sagrado dos direitos, em que o capanga vende o braço mercenario—luta em que cada irmão, como Caim, arma o braço contra o irmão—luta de intrigas, de odios, de paixões desencadeadas, similhando o furor dos elementos em procella—luta em que os combustiveis se amontoam aos mil, e a explosão a mais terrivel póde a todo momento ser operada pela centelha a mais despresivel—luta de desgraças, de desolações, de lagrimas, e, não poucas vezes, de sangue?!

E ainda se após a batalha cada um dos exercitos se recolhesse ao seu campo, e ahi tratasse de enterrar os seus mortos, ou limitasse as recordações da peleja a chorar sobre elles; se o vencedor se contentasse de entoar os hymnos da victoria, ou mesmo de apupar os vencidos; se estes sómente se lembrassem de deplorar a derrota e de prantear seus erros; se uns e outros se satisfizessem de alardear suas façanhas... oh! tudo iria bem; a eleição seria um mal, mas um mal passageiro; cumpriria evitar o perigo do momento, mas, uma vez evitado, estava passada a borrasca. Mas uma eleição entre nós é uma tempestade a que se não segue a bonança; após ella as nuvens negras se amon-

toam cada vez com mór intensidade sobre o horisonte da patria; a luta que até então se travava em campo aberto, faz-se agora por emboscadas; o inimigo espreita a opportunidade de atirar-se sobre o inimigo e cevar seus rancores; cada adversario vê no adversario uma offensa a vingar, e então á vingança tudo se sacrifica—o bom senso, o repouso, a humanidade, a justiça, tudo... até o pudôr.

Guaratinguetá—1859

C. de Macedo.

SONETO

(A MINHA AFILHADINHA)

Doce alminha infantil, que a luz dourada,
O céu, o mundo, observas com enleio,
E de tua ignorancia fatigada
Dormes tranquilla no materno seio.

Alma innocente, flôr predestinada,
Olha: vês da existencia o vazo cheio
Estremecer na mão alvoroçada
Do anjo louro que diz: Irmã, bebei-o?

Que mal, minha pequena Gabriella,
Que desgraça resiste aos esconjuros
Da mãe ditosa que o teu berço vêla?

Approxima da vida os labios puros,
Bebe a fartar, e bebe sem cautela
Pureza, amor e os jubilos futuros.

Santo Amaro, 18 d'Abril de 1859

Paulo Eiró.

Rebellião do Rio-Grande do Sul

(1835—1845)

...Não terá chegado ainda o tempo em que todos os brasileiros esclarecidos pela experiencia digam, abraçando-se:— basta de divisões, basta de sangue, basta de carnagem? Dar-se-ha caso de que os dissidentes, os ex-rebeldes do Rio-Grande sejam mais brasileiros, mais generosos do que nós? Que tenham mais patriotismo de que os representantes da nação? Vendo o estrangeiro ameaçar os muros da patria, como os Romanos, impozeram silencio á divisão e á guerra civil; e nós os legisladores continuaremos em nossas deploraveis divisões!...

. .Em que batalha ficaram os rebeldes para sempre derrotados, quaes de seus chefes cahiram em nosso poder; quaes os meios com que nullificamos difinitivamente esse novo Anteo? A rebellião do Rio-Grande foi batida em varias partes e esmagada no Fanfa; mas levanta-se logo com mais força do que antes da sua quéda; foi pois a politica da reconciliação apoiada pela força, foi o patriotismo, foi o arrependimento, essa filha do céo quem guiou para o seio da patria, para os braços do monarcha os rebeldes do Rio-Grande... eu apresentei-me na provincia do Rio-Grande do Sul com a intenção de desempenhar a politica da reconciliação apoiada pela força;... era a politica da razão, a politica do patriotismo, que fallava aos rebeldes diante da força que lhes apresentava...

. . . . . .

Dirigi-me a nossos irmãos dissidentes com a mesma lealdade que empregaria, se elles fossem meus irmãos uterinos, fiz todos os esforços para conseguir a pacificação, mas não a pude obter completamente como desejava; no entanto mil e duzentos dissidentes abandonaram o campo dissidente, e ainda trouxeram-nos alguma cavalhada; porém a maior parte, o nucleo da rebellião não se rendia; a intriga diminuia minha força moral

perante um e outro campo... lançára mão de todos os ardis para nullificar a minha empreza...

...Oh calumnia horrenda! Eu entregar a provincia do Rio-Grande do Sul á rebellião, que a calcinava no meio das lavas e dos horrores da guerra civil! Eu abandonar o terreno da patria commum e tão grande numero de irmãos á sorte de nossos conterraneos da lingua hespanhola! Eu, Paulista, delegado do governo, faltar á fé de Brasileiro, desmentir a confiança do governo! Eu atraiçoar os interesses do Brasil, eu faltar á fé ao monarcha! Oh horror! Onde o Brasileiro, onde o Paulista, que já fez isto!...

. . . . . .

No entanto mil e duzentos rebeldes regressaram á vida pacifica e abandonaram o exercito dispersado; mas eu me achava n'um estado de desanimo e abatimento tal, que estremecia só com idéa de uma afronta feita á legalidade durante o meu governo; o aleive da entrega da provincia aos rebeldes; a lembrança dos perigos da minha honra, no caso da tomada de Porto-Alegre, era um phantasma ensanguentado que eu tinha diante de mim de dia e de noute. Fidelidade! Honra! Oh! filhas do céo! vós ereis naquelles instantes de amarguras os objectos dos meus cuidados e tormentos! *(profunda sensação)*.

Como, no caso possivel de uma tomada de Porto-Alegre, do Rio-Grande ou S. José do Norte, poderia eu provar minha innocencia perante meu soberano, perante o Brasil, perante minha provincia, minha familia, meus amigos, meus parentes? A honra não é propriedade individual do cidadão; pertence tambem á todas as suas relações. Eu estremecia diante da fraqueza dos muros de Porto-Alegre; no meio dos meus temores, eu já me contentava em conservar o que recebi, Rio-Grande, S. José do Norte, Porto-Alegre em sitio, e o terreno em que pisava o nosso exercito;... a imagem da perda de Porto-Alegre me perseguia por toda a parte, e alterava para sempre minha saude, até então vigorosa e forte: sete noutes e sete dias sem comer e sem dormir minaram os fundamentos da minha existencia.

...Coberto de injurias e de calumnias, tenho guardado silencio por cinco longos annos; entendi que esse sacrificio ainda devia fazer em pról da ordem publica na provincia do Rio-Grande, mas hoje que felizmente estão passados esses dias de

lucto e de amargura, hoje que sou *recriminado* pela imprudencia, peço á camara que consinta em debuchar-lhe as scenas de tristeza que se passavam na minha alma.

Não, eu não podia, eu não devia sobreviver á tomada de Porto-Alegre, depois de tantos preconceitos pela mão da calumnia derramados contra mim: como, com que documentos provaria eu que não tinha faltado á fidelidade ao pai commum dos Brasileiros? A morte, só a morte, só uma morte gloriosa podia deixar em repouso a minha honra, a unica propriedade que não sacrifico a interesses da patria e do seu alto chefe.

Uma resolução nobre e sublime reanimou todas as molas da minha alma; eu me reconheci de novo forte, sobranceiro aos meus inimigos e á seus miseraveis embustes; a theoria de interesse e do atheismo acanha os espiritos, a theoria do justo, o sentimento religioso exalta a alma humana; ao figurar-se-me chegado ás portas da eternidade, eu me achava como o homem forte das escripturas; minha alegria, minhas esperanças renasciam, e eu me inebriava com a idéa lisongeira de ser o primeiro cidadão á correr sobre os muros da heroica e ameaçada cidade de Porto-Alegre: defendendo como um verdadeiro leão os muros da cidade, que me foi confiada, buscando como Codro uma morte gloriosa, eu esperava poder dizer morrendo, ao meu soberano:—Senhor, eu morro tão fiel a vós, como foram fieis á seus reis os nobres cidadãos de quem descendo; nobres, porque foram nobres seus serviços;—eu diria aos legalistas:—cidadãos, misturai minhas cinzas com as cinzas dos valentes que morreram defendendo a patria, o soberano, e a ordem publica!

ALVARES MACHADO.

Novissima charada (2)

1—1 A pedra prende o animal.

Iguape J. G. CHAVES.

Conto a esmo

(Á GOES MOREIRA)

I

Toda a natureza parecia dormir o somno da meia-noite.

A' baça claridade da lua mal pude avistar um vulto negro, por debaixo da janella do quarto de Elodia.

Comprimi as pancadas do coração e apertei em ancias o cabo do meu punhal.

Dirigi-me para o vulto.

—Quem és tu? perguntei-lhe duas vezes, sem dar tempo a que me respondesse!

—Quem és tu? repeti-lhe ainda, depois de pequena pausa.

—Eu sou o amante de Elodia, disse elle.

—Mentes! gritei-lhe.

O cano da sua pistola encontrou o gume de meu punhal...

II

Elodia entreabriu uma das folhas da janella e fechou-a logo, soltando uma estrepitosa gargalhada!

III

O meu braço e o do meu contendor caíram como se houvessem tocado uma pilha electrica.

E machinalmente seguimos, elle para o lado direito e eu para o esquerdo.

IV

No dia seguinte Elodia me escreveu *explicando tudo*, e pedindo vingança contra o falsario vulto negro.

Jurei sobre as lettras de minha amada—vinga-la ou morrer!

E sahi em busca do vulto negro.

V

Encontrei-o, mesmo no humbral da porta.

—Venho vingar Elodia, minha amante! disse elle.

—E eu ia matar-te em nome de Elodia, minha amada! disse eu.

VI

Passou-se uma scena muda: nas duas extremidades da sala, eu e meu rival *vis-a-vis*, de pistolas engatilhadas, apontavamos um para o peito do outro.

Soou o primeiro signal.

Soou o segundo.

Ia soar o terceiro, quando o vento fez rolar um papel da mesa aos pés do meu contendor.

Elle apanhou esse papel, que era a carta que Elodia me havia escripto.

VII

—Infamia! bradou elle.

E arrancou do bolso uma carta igual, que lhe fôra tambem enviada por Elodia: a differença consistia só no endereço.

Eu fiquei indignado!

O meu rival sorriu-se após um instante, e apresentou-me a mão, que eu apertei.

—Sejamos amigos, dissemos a um tempo.

VIII

Nesse mesmo dia assignavamos duas cartas, tambem de um só theor, para Elodia.

Não fizemos increpação alguma ao seu procedimento: eu e o meu novo amigo recommendavamos-lhe a pessoa do sr. João, (creado de servir e portador das cartas) instando com ella a que acceitasse-o como complemento de sua *trindade amatoria*.

IX

A filha dilecta de Venus simulou vêr naquillo uma graça *innocente*, e, sem se agastar comnosco, acceitou a côrte do creado...

Olympio Catão.

A traços largos

II

MIGUELSINHO

Era o nome popular de Miguel Archanjo Benicio Dutra.

Um verdadeiro typo paulista.

Nasceu em Itú, de uma familia obscura, mas honrada.

Desde verdes annos, pronunciava a mascula energia, a intelligencia e a inquebrantavel independencia—salientes caracteres de sua vida longa e laboriosa.

Excellente musico, deixou inéditas varias composições, na sua maioria, musicas sacras.

O vigôr de seu trabalho ergueu um monumento a seu nome—a Igreja da Bôa-Morte, em Piracicaba.

Aqui cabe assignalar um facto bem significativo:

Ao emprehender a construcção daquella igreja—tinha como capital—a quantia de *cinco patacas!* No em tanto, á força de indomavel perseverança, conseguiu erguê-la.

Em Piracicaba onde residiu durante largos annos—o seu nome gosava de uma popularidade immensa.

A' custa de constante trabalho conseguiu formar um museu, colleccionando n'elle grande thesouro de especimens de mineralogia, principalmente.

Morreu pobre, a soccorrer os pobres, no mez de Setembro de 1875.

Nem um distico assignala o tumulo—daquelle grande filho do povo!

M.

Trovas populares em S. Paulo

IV

Cada vez que considero
e torno a considerar,
meu sangue foge das veias,
meu coração—do lugar.

A uma cantora

Sabiá, gorgeia, que teu canto é suave,
Suave qual brisa bafejando as flôres;
Sabiá, gorgeia, que teu canto é terno,
Terno qual virgem suspirando amores.

Canario, trina! Teu trinado é ledo;
Ledo é teu canto, philomella linda.
Cysne, modula teu cantar saudoso,
Saudoso e triste—de doçura infinda.

Sabiá, canario, philomella, cysne,
Em toda parte os corações rendeste;
O sceptro empunhas, tens na terra um throno
—Faceis conquistas que co'a voz fizeste.

Sabiá, gorgeia, que teu canto é suave,
Suave qual brisa bafejando as flôres;
Sabiá, gorgeia, que teu canto é terno,
Terno, qual virgem suspirando amores.

Guaratinguetá.

C. M.

Chronica paulistana

1533 — Março

Volta Martim Affonso para Portugal deixando como seu lugar tenente na capitania de S. Vicente o capitão Gonçalo Monteiro, a quem attribuem alguns historiadores a qualidade de ecclesiastico e primeiro parocho de S. Vicente, mas devemos a este respeito declarar que jámais encontramos confirmada semelhante asserção, ao contrario em muitos papeis d'aquella época, que compulsamos, sempre o encontramos denominado—capitão e ouvidor.

FABRICA DE CHAPÉOS

Movida a vapor

DE

FRIEDRICH HEMPEL & C.

EM CAMPINAS

RUA DO GOES N. 16 ESQUINA DA RUA LUSITANA

Casa filial em São Paulo

26--Rua da Imperatriz--26

Nestes dois bem acreditados estabelecimentos encontra-se sempre um completo e variado sortimento de chapéos de todas as qualidades, tanto para homens e senhoras, como para crianças, por atacado e a varejo.

Aprompta-se qualquer chapéo por medida, com brevidade e perfeição.

Lava-se e tinge-se qualquer chapéo, pondo-se-o na ultima moda, tudo por preços muito commodos, mas só—A DINHEIRO.

Descripção geographica do Brazil

Lançando os olhos pela amplissima extensão do Brazil, o observador vê ao norte, abrindo um immenso golfão, um rio quasi sem margens, o maior do mundo, abrangendo em suas aguas uma região, que por si só formaria um continente.

E' a bacia do—Amazonas,—cujos affluentes sulcam a America do Sul em todas as direcções.

Destes, tomando-se um dos mais austraes, o Guaporé, chegamos a um ponto elevado, além do qual não recebe o Amazonas um fio de agua.

A pouco mais de seis kilometros de distancia, vemos uma corrente, que segue em direcção opposta. Acompanhamos o curso de suas aguas: vamos cahir no—Prata.

Estamos a mais de sete mil kilometros da foz do Amazonas

Separando essas duas bacias, ahi está, ora erguendo-se em phantasticos relevos, ora deprimindo-se no solo, a região elevada, que o barão de Eschwege denominou—Serra das vertentes.

E' a cordilheira immensa, que ramificando-se da costa mais occidental da America Meridional, tocando quasi as aguas do Pacifico, penetra pelo interior do Brazil, como uma ossamenta gigante: e permittiria ao geographo, com a carta na mão, atravessar desde os Andes até o Cabo de S. Roque, sem tocar em um fio de agua!

E' o *divortium aquarum* do norte e sul.

Ao lado oriental dessas duas regiões, como ligando-as entre si, cavou o seu leito o caudaloso rio S. Francisco, cujos mananciaes beijam ao sul a bacia do Prata, tocam e seguem a do Amazonas, e vão perder-se ao norte no oceano, buscando a região de leste.

A um e outro lado da grande arteria, estende-se um longo trato de terra, cujas correntes tomam direcção opposta, e cujos caprichosos contornos ajustam-se perfeitamente nas extremidades das tres grandes bacias.

São essas as chamadas bacias secundarias, nas quaes se comprehendem entre outros o *Gurupy*, *Itapicurú*, *Parnahyba*, *Jaguaribe*, *Piranhas*, *Parahyba do Norte*, *Paraguassú*, *Jequitinhonha* e *Rio Doce*.

Da região banhada pelo rio S. Francisco, a parte septentrional avança-se ousadamente pelo oceano a dentro, procurando os ardores do Equador. As grandes correntes de agua ahi escassèam. Sente-se que a irregularidade das estações, e a falta de chuvas devem ser aqui um facto periodico.

Eis ahi temos os phenomenos interessantes, que caracterisam a geographia physica da grande região comprehendida entre a Serra Ibiapaba ao norte, e o cabo de Santo Agostinho a sul: o *Ceará*, *Rio Grande do Norte*, *Parahyba* e *Pernambuco*.

Mais ao sul, como em procura da zona temperada, vemos, no meio dessa immensa superficie, elevar-se uma gigantesca massa de granito, que esconde-se com a costa, vae seguindo sempre as aguas do oceano, até perder-se no Prata, nas margens orientaes do Uruguay.

E' a *Serra do Mar*, de cujo dorso occidental manam as correntes, que vão precipitar-se no golfão do Prata, deixando o oceano a poucos kilometros de sua origem, e indo restituir-lhe as aguas a mais de seis mil kilometros de distancia! Taes entre outros, o *Rio Grande* e o *Tieté*.

A direcção dessas immensas arterias aponta a maneira, pela qual o homem, lançado nesta região, aproveitou os elementos, que ella offerece para o desenvolvimento de sua actividade.

As primeiras immigrações, como as primeiras entradas pelo interior das terras, tomaram o curso desses rios, seguiram-lhes as aguas; e assim se lançaram, através dos tempos, os differentes nucleos de população, que constituem hoje o vasto imperio do Brazil.

Os seculos vindouros podem, neste mesmo solo, assistir ao desenvolvimento e expansão de milhares de gerações, offerecendo ao mundo o espectaculo de uma civilisação adiantada e de uma actividade, que jâmais consiga esgotar os recursos da terra, que lhes coube em partilha!

HOMEM DE MELLO.

Rasgo de eloquencia

...Serei porventura hypocrita? Em vossa colera e frenesi a victoria é facil, e eu a devo ás vossas proprias contradições; orgulho e hypocrisia são entidades que de algum modo se excluem; que, senhores! O homem, que não teme vossas calumnias, e denodado as pulverisa, um tal homem póde ser hypocrita? Algum dia me apresentei entre vós envolvido no manto de fingida doçura. e humildade, e fallei da seguinte maneira :—*quem sou eu? quem fia ao pobre Martim?*—Nunca, porque meu orgulho não se abate tanto; urdi vossos embustes, eu saberei desfazel-os, e quando meus sentimentos de honra, e minha probidade verificados pelos actos de minha vida publica e particular, de nada valham para com a sociedade, em que nasci; feliz de mim, pobre de minha patria!

MARTIM FRANCISCO.

(Sessão de 9 de Maio de 1832).

Trovas populares em S. Paulo

V

Passarinho do coqueiro
dae-me novas de meu bem,
se está vivo, se está morto,
se está nos braços de alguem.

A palavra *Tieté* compõe-se de duas palavras guaranis: *ti*, agoa, e *eté* boa, verdadeira (agoa boa).

*

LOJA DO BARATO

ALFAIATARIA E ROUPA FEITA

LARGO DO CHAFARIZ

N. 42 A

EM FRENTE A' IGREJA DA MISERICORDIA

Bernardino de Abreu & Comp., participam a seus amigos e freguezes, que tem sempre um grande sortimento de fazendas, proprias do seu estabelecimento de officina de **Alfaiataria e roupa feita,** como sejam: casimiras modernas, em peças, proprias para costumes, ditas em córtes para calças, gostos o que ha de mais superior e moderno, assim como tambem elasticotinas, pannos francezes, casimiras pretas, idem, brins das melhores qualidades, brancos e de côres.

Sortimento completo de camisas, ceroulas, meias, chapéus de sol, gravatas e roupas para crianças, o que tudo vendem por preços nunca vistos.—BARATO E MAIS BARATO.

Aprompta-se qualquer terno de roupa sobre medida em **24 HORAS,** responsabilisando-se pela pontualidade e perfeição das obras feitas em sua casa.

Encarrega-se de remetter pelo correio qualquer encommenda.

BILHETES DE LOTERIA

Acham-se á venda n'este estabelecimento bilhetes de todas as loterias a extrahir na côrte, com e sem garantia e encarrega-se tambem de qualquer encommenda pelo correio.

São Paulo em 1819

SAINT-HILAIRE E AS CANASTRAS

Nas *Viagens de Saint-Hilaire* ás *provincias de São Paulo* e *Santa Catharina*, encontra-se o seguinte episodio, que caracterisa perfeitamente o genio dos operarios naquella época :

. . . . . .

Quando cheguei a S. Paulo, 1819, começava a faltar-me tudo, porém encontrava facilmente para comprar nas lojas, geralmente bem sortidas, os objectos de que necessitava. Mas não era bastante; as dezoito canastras com que viajára na provincia de Goyaz estavam cheias, e precisava de mais. Desde o primeiro dia de minha chegada encommendei um par dellas a um carpinteiro; a seu pedido adiantei-lhe certa quantia; porém as canastras só ficaram promptas ao cabo de duas semanas, e provavelmente não as obteria tão cedo, se meu hospede, o coronel Francisco Alves, não houvesse ameaçado o operario com a prisão.

Este homem prometteu trabalhar para mim; mas logo depois veiu dizer-me que nada podia fazer porque não tinha madeira. Mr. Grellet e eu dirigimo-nos a diversas pessoas de nosso conhecimento, e em particular ao *ouvidor*, pedindo-lhes que nos indicassem um carpinteiro prompto e habil, em cujas promessas se pudesse confiar. Todos nos respondiam que haviam em S. Paulo bons operarios, mas que não existia um que trabalhasse promptamente e fosse homem de palavra. Mr. Grellet lembrou-se de um que se empregava então na manufactura de espingardas; conseguimos dispensa de seus chefes, tomou medida das canastras, porém, horas depois, preveniu-me que inutilmente tinha procurado madeira em toda a cidade. O coronel Francisco Alves disse-me que era muito possivel que este homem não me houvesse enganado, e que elle faria todos os esforços para obter algumas taboas.

Depois do que todos me haviam contado e do que eu expe-

rimentára, parece que em nenhuma parte os operarios são tão preguiçosos, tão pouco exactos e talvez mesmo tão pouco probos como os de S. Paulo. Estes homens não tinham por escusa um calor excessivo, porém as suas necessidades eram, como já disse, muito diminutas, e podiam satisfaze-las facilmente, porque os viveres e os alugueis eram baratissimos.

Descendentes, na sua maior parte dos mamelucos, conservavam toda a insociabilidade da raça indiana, e os chegados de novo adoptavam logo os costumes de todos os outros.

Quando um operario ganhava algumas patacas, descançava até que as tivesse comido. Apenas possuia os utensis mais necessarios á sua profissão, e quasi nunca estava provido dos materiaes que devia pôr em obra. Assim era preciso fornecer couro ao sapateiro, linhas ao alfaiate, madeira ao carpinteiro; adiantava-se-lhes dinheiro para comprar esses objectos, mas quasi sempre elles o gastavam e a obra não se fazia ou fazia-se muito tardiamente.

O que tinha a menor cousa a encommendar aos operarios era obrigado a faze-lo com larga antecedencia. Supponhamos, por exemplo, que era uma obra de carpinteria, era necessario primeiro empregar amigos para se procurar, no campo, a madeira de que se tinha necessidade; era preciso depois mandar cem vezes a casa do carpinteiro, ameaça-lo, e em geral, nada se conseguia.

Eu perguntei a um honrado homem estabelecido em S. Paulo como elle se arranjava quando carecia de uma par de sapatos.

—Encommendo-os, disse-me elle, a muitos sapateiros, e entre elles encontra-se ordinariamente um que, apertado pela falta de dinheiro, se resigna a faze-los.

Os officiaes da guarda nacional, o mesmo *ouvidor*, apezar do poder de que estão revestidos, não podem triumphar desta extrema apathia.

Como quer que fosse, o coronel Francisco Alves annunciou-me que os seus passos não tinham sido infructiferos; que havia emfim descoberto um carpinteiro que tinha madeira e podia fazer-me as canastras.

Esse homem veiu effectivamente a minha casa, tomou suas medidas, e assegurou-me que ia metter mãos á obra, cousa que não acreditei.

Devo notar, de passagem, que nesta época os operarios bra-

sileiros, ao menos no interior, não tinham nenhuma medida fixa: serviam-se do primeiro pedaço de madeira que encontravam, ou simplesmente das proprias mãos; assim as suas obras eram geralmente maiores ou menores do que as encommendas.

Deixei passar alguns dias, e fui a casa do carpinteiro que me fizera tão bellas promessas: communicou-me, como os outros, que renunciava a fazer a obra.

Zanguei-me com esse homem, tratei-o duramente, mas nada disso produziu effeito. Nessa época os brasileiros de uma classe subalterna ouviam, rindo, as verdades mais amargas quando eram ditas por um superior, e não mudavam em cousa alguma de conducta.

Nesse mesmo dia fui jantar a palacio. O general perguntou-me quando tencionava partir.

—Alegra-me, disse elle, ve-lo aqui; mas estamos na estação das chuvas, e se demorar a sua viagem, encontrará os caminhos impraticaveis.

—Não o ignoro, respondi, e isso me desespera; mas os operarios de v. exc. não querem absolutamente ganhar o meu dinheiro; depois contei-lhe a historia das canastras, ajuntando que me via quasi na necessidade de renunciar a minha viagem.

—Como, disse-me o general, ha tres annos que está no Brasil e ainda não sabe como isso se arranja? é preciso dirigir-se a mim.

—Para cousa de tão pouca importancia, respondi-lhe eu, não ousaria importunar o governador de um paiz tão grande como a França.

O general chamou um ajudante de campo:

—Vá, disse elle, a casa de tal carpinteiro; diga-lhe que faça em tantos dias as canastras de que necessita Mr. de Saint-Hilaire; elle as pagará pelo mais elevado preço e adiantará metade da quantia, e ponha um soldado em casa do carpinteiro.

A simples presença do soldado seria cousa muito indifferente a este ultimo; porém era uma especie de phantasma que lhe dizia continuamente:—se não trabalhas irás preso; e os descendentes dos velhos indios, que amam tanto a sua independencia, temem ainda mais que nós, os europêos, o serem privados da liberdade.

João Carlos d'Oeynhausen houve-se nesta circumstancia

com um despotismo que repugna a nossos costumes e que eu não pretendo justificar inteiramente.

Entretanto, quando a preguiça torna-se um vicio geral, não será necessario que o magistrado empregue algumas vezes o rigor para faze-lo cessar? não é justo que o operario, que não póde inteiramente viver sem o auxilio de outros, trabalhe, por sua vez, para aquelles que tem necessidade de seus serviços, e estão dispostos a paga-los largamente?

. . . . . .

Emquanto eu percorria os arrabaldes de S. Paulo o carpinteiro, a quem o general encommendára as canastras, de que eu precisava, trabalhára nellas sériamente e não tardou a entregar-m'as.

A traços largos

III

MARTIM CABRAL

Eis um nome que ha de perdurar saudoso n'alma dos que o conheceram.

Martim Cabral—morreu em Pindamonhangaba, um anno depois de formado.

A morte ceifou-o cedo: aos vinte cinco annos.

Talento primoroso, orador admiravel, de uma eloquencia arrebatadora, esse moço deixou apenas como vestigios de sua rapida vida litteraria um ou outro artigo—na imprensa de seu tempo.

Ao lado de Aureliano Coutinho e Leoncio de Carvalho redigiu o *Academico*, em 1868. No anno seguinte foi redactor em chefe da *Imprensa Academica*.

Deixou um drama—*As Ruinas*, cujo manuscripto perdeu-se.

O mais brilhante dos seus discursos, salvos do naufragio do esquecimento, foi o pronunciado, na volta dos voluntarios paulistas.

M.

O egoismo

Bem junto á mûrmure fonte
a relva estende seu manto,
d'onde o lyrio alteia a fronte,
rente ás flôres do amarantho.

Mas de longe sente o espinho
inveja da flôr, e atira
um ramo negro, em caminho,
do regato que suspira.

Quebra a flôr, o lyrio morre...
destrança os braços e corre,
o companheiro do abysmo.

Ganha viçor... e qu'importa
que a relva deixasse morta?
Assim és tu, egoismo.

1876.

Dr. Brazilio Machado.

Chronica paulistana

1536 — Setembro, 25

Carta de sesmaria das terras de Gerybateba (hoje se diz Jurubatuba) fronteiras a *Ingaguassú* passada por d. Anna Pimentel como procuradora de seu marido Martim Affonso a favor do fidalgo cavalleiro Braz Cubas.

Datam deste tempo as primeiras edificações no lugar em que está hoje assentada a cidade de Santos.

Carta do Papa Gregorio XVI ao Padre Feijó, Regente do Imperio

Ao nosso amado filho e illustre personagem Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio do Brasil, Gregorio, Papa XVI.

A tua carta do dia 21 de Outubro do anno proximo passado, preclaro e querido filho, trouxe-nos a noticia de te haverem confiado o importante e elevado emprego para que, em nome do Nosso Carissimo Filho em Christo, Pedro, Imperador do Brasil, rejas o Imperio durante sua minoridade.

Nós recebemos com intenso prazer este comprimento endereçado pela tua nobreza para comnosco. E, na verdade, elle se nos tornou mais agradavel, por isso que, juntamente prometteste empregar todos os teus esforços para que a união do Imperio Brasiliense com esta Sé Apostolica, vigore e permaneça intacta.

Louvamos á medida dos merecimentos esta optima intenção, dignissima do cargo que representas, e na mesma te confiamos quanto podemos, segundo o Ministerio do Nosso Apostolado. E, pois, confiamos com toda justiça que tua eleição concorra para o bem do povo Brasiliense, principalmente nas cousas relativas á Religião, e o Nosso espirito fique livre da afflictissima solicitude, que ha tanto tempo o penalisa por motivo daquelle negocio, á que se refere n as lettras de 22 de Novembro do anno proximo findo, de ordem nossa enviadas pelo nosso amado filho Thomaz Bernetti, Cardeal da Santa Igreja Romana, então Secretario d'Estado.

Ficamos plenamente convencidos que tu, examinada a verdade das cousas ahi expressas, e tomadas em consideração as justissimas queixas desta Santa Sé, dareis uma resposta conveniente aos nossos votos, a qual esperamos com anhelo; e assim de certo resultará tornar-se cada vez mais firme o circulo de união entre a mesma Sé e a Nação Brasiliense, na conformidade dos teus desejos e dos nossos.

Entretanto, penetrados da mais profunda humildade, roga-

mos ao Deus das luzes, e Pae das misericordias, que derrame os copiosissimos auxilios de sua graça celestial sobre tua excellencia e toda a Nação Brasiliense, e com especialidade sobre o Nosso Carissimo Filho em Christo, Pedro, Imperador, que para o bem da mesma Nação cresce ; e como indicio de taes beneficios e tambem penhor do nosso amplo e cordial amor paterno, damos amantissimamente a Benção Apostolica ao dito Imperador, a ti, e a todo povo do Imperio.

Dada em Roma no dia 10 de Março de 1836, sexto do nosso Pontificado.

SONETO

O olhar

O olhar quando estremece,
E os corações abala,
O olhar é como a falla,
Que a alma inunda e aquece.

O olhar quando resvala
E a palpebra humidece,
O olhar é como a prece,
Que o pensamento exhala.

Mas quando n'um sorriso,
Ao rosto purpurino
O olhar derrama o pejo,

A' luz do paraiso,
Então, no iman divino,
O olhar, ai Cynthia, é um beijo !...

Campinas. FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS.

GRANDE SORTIMENTO DE QUADROS

PHOTOGRAPHIA ALLEMÃ

GRANDE SORTIMENTO DE ALBUNS

CARLOS HOENEN & C^A

74, Rua do Carmo, 74, S. PAULO

Este estabelecimento já muito recommendado pelos seus trabalhos que tem sahido de sua officina continúa a estar aberto á concurrencia do publico todos os dias das 10 ás 4 h. da t.

Francisco Rangel Pestana

Francisco Rangel Pestana representa, na geração dos moços de hoje, um caracter e uma convicção que recommendam-se de seus compatricios e á consideração de todos os homens de bem.

Francisco Rangel Pestana nasceu em Iguassú, na provincia do Rio de Janeiro, a nove leguas da Côrte: é filho de João Jacintho Pestana e de d. Luiza Rangel Pestana.

Doentio em excesso, na sua infancia, já tinha 11 annos de edade quando, pela primeira vez, sentou-se nos bancos da escola.

Fez com facilidade e aproveitamento os seus estudos preparatorios na Côrte; matriculou-se na Faculdade de Direito desta cidade no anno de 1859, e formou-se no anno de 1863.

No curso juridico conservou sempre o nome de um dos melhores estudantes, entregando-se principalmente, com entranhavel dedicação, ao estudo das altas questões do Direito Publico.

Ha uma circumstancia caracteristica na vida do moço Rangel Pestana, filho de conservadores, mostra, desde os mais verdes annos, a mais pura dedicação pelas idéas de liberdade em sua maior amplitude, de sorte que aos treze annos descobre na estante de seu pae, o Libello do Povo, de Timandro, exemplar que ainda hoje conserva com as annotações paternas, e o devora inteiro com verdadeiro prazer.

Estava escripto; o moço estava fadado para as lutas da liberdade, e nada o poderá demover do seu caminho.

Ha sinas assim, e abençoadas sejam ellas que produzem os mais sasonados fructos.

A morte arrancou-lhe o seu maior amigo, seu pae, quando tinha apenas 16 annos; sua educação é confiada a um velho amigo, Antonio Caetano da Silva, que consagrou-lhe a mais intima affeição.

Acompanha-o n'esta digna tarefa um outro amigo—o padrinho de Pestana, o coronel Francisco José Soares.

Eram os arrimos do moço orphão, que lhe mostraram, até os ultimos dias de existencia, a mais sincera amizade, e por elle desvelaram-se sempre.

Ambos eram conservadores; o ultimo chefe do partido de Iguassú; e no entanto o mancebo, tributando-lhes o mais veneravel respeito, guardou illesa a sua convicção, resistiu ao influxo de uma amizade indefectivel.

Na vida publica Pestana caminhou vereda aberta, na trilha de suas crenças.

Os seus velhos amigos seguiram-no contrariados, mas nem um só instante desmentiu-se a amizade paternal que consagravam-lhe, nem recusaram-lhe o appoio mais decidido em todas as phases de sua vida, porque respeitavam-lhe a convicção e sabiam que elle era um caracter exemplar, nobre e raro nos tempos de hoje.

No curto espaço de tempo que temos percorrido, Pestana tem uma vida cheia e marcada pelo amor estremecido das grandes idéas, pela dedicação incontrastavel ás lettras e sciencias, e pela constancia nunca desmentida da convicção primeira.

Para bem avaliarmos o que tem feito, levaremos aqui esboçada a resenha de seus trabalhos que bem traduzirão a sua importancia.

Ainda estudante, no anno de 1858, concorreu para a creação da Associação Philomatica do Rio de Janeiro, e collaborou em o seu jornal.

Em S. Paulo, desde o seu primeiro anno, correm seus escriptos nos jornaes academicos, principalmente nas *Memorias do Culto á Sciencia*, associação de que foi fundador.

De 1860 a 1861 redigiu com Limpo de Abreu, Monteiro de Souza e outros o *Tymbira*, jornal que já sustentava n'aquelle tempo as idéas liberaes adiantadas.

Em 1862, em companhia de Th. C. Ottoni, Cesario Alvim e Belfort Duarte escreveu o *Futuro*.

Em 1863 escreveu a *Epocha*, com Th. Ottoni, Belfort Duarte, e cumpre lembrar que foi este o unico jornal que sustentou a eleição liberal em S. Paulo

E' para não esquecer que, ainda no primeiro anno, Pestana

advogou com calor, na redacção do *Lyrio*, jornal litterario, a reforma da educação da mulher, mostrando d'essa arte os germens fecundos d'essa idéa grandiosa que sempre aqueceu em o seio, e em pról da qual envidou sempre todos os seus esforços.

Durante os cinco annos do curso de Direito pertenceu a quasi todas as associações litterarias, e prestou-lhes desinteressado grandes serviços, e no entanto retirou-se da vida academica sem que obtivesse sequer o titulo de socio benemerito de qualquer d'ellas! E' sempre assim, os que mais merecem, menos são considerados; é este um traço de certas épochas que deixo de caracterisar.

Findos os seus estudos juridicos, e formado em Direito no anno de 1867, voltou Pestana para a cidade do Rio de Janeiro, e pretendeu um lugar de promotor publico na Provincia.

Davam-se oito vagas, e o moço Pestana não obteve o lugar que desejava, preterido por nullidades conhecidas, quando é certo que elle devia tudo esperar, pois que presidia a provincia o finado visconde de Souza Franco, um dos chefes do partido liberal que Pestana servira com dedicação, e a sua justa pretenção era patrocinada pelo velho patriota Theophilo Ottoni.

Não pôde o moço furtar-se á penosa impressão que lhe causára esta injustiça, e lhe desvendára o que valia a gratidão dos partidos politicos.

Mezes depois o conselheiro Zacarias chamou Pestana á redacção do *Diario Official*. Rapida foi a sua passagem na redacção d'este jornal; profunda divergencia no modo de considerar o pensamento politico da folha tornaram-no incompativel com o chefe de gabinete, e elle preferio, com louvavel independencia, retirar-se a mentir ás suas convicções, que não podiam acceitar a politica seguida em relação ao Mexico e ás questões religiosas.

Desde esse momento conheceu Pestana que não estava fadado para os encargos publicos, e resistindo a amigos que convidavam-no para lugares de confiança politica, foi pedir ao exercicio da nobre profissão de advogado, os meios de subsistencia que quadrassem com a independencia do seu caracter.

Deixava, com satisfação, a carreira dos empregos publicos, mas não divorciara-se da idéa liberal que estremecia.

Em 1866 fundou elle, com Monteiro de Souza e Limpo de Abreu o jornal a *Opinião Liberal*, cujo programma consagrava todas as aspirações liberaes mais adiantadas, e concorreu para sustentação do jornal com todos os sacrificios que exigia uma tal empreza.

Liberal convencido, e querendo pugnar pela realisação de suas idéas, apresentou-se candidato, por duas vezes, á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro.

Seu programma era sustentar na tribuna as idéas que preconisava no seu jornal.

A liberdade em todas as suas manifestações oppondo frente ao governo pessoal que se quer levantar sobre os destroços dos partidos, esquecendo que, se os homens anniquilam-se, as idéas surgem, da perseguição, mais poderosas e bellas era o norte do moço candidato, e para chegar ao alvo desejado apresentou elle como necessidades capitaes; o suffragio directo e generalisado, o ensino livre em relação á escola e ao professorado; a abolição da guarda nacional; a policia electiva; a temporariedade do senado; as franquezas provinciaes sobre o principio electivo, e substituição lenta e gradual do trabalho escravo pelo trabalho livre; a emancipação da lavoura por meio de instituições de credito adaptadas ás condições de sua existencia.

Com esta nobre bandeira apresentou-se ás urnas, duas vezes o moço Pestana, e com ella duas vezes foi derrotado, porque em nenhuma das vezes foi seu nome consignado nas chapas recommendadas pelos chefes do partido!

Estas idéas são aquellas que Rangel Pestana sustentou sempre, e que os desenganos e dissabores nunca poderam arrefecer em seu espirito.

Quando em 1868, depois da dissolução das camaras, tratou-se da congregação de todas as forças democraticas, em uma reunião em casa do conselheiro Nabuco, Rangel Pestana commissionado por seus amigos politicos apresentou o mesmo programma que era o da *Opinião Liberal*, sendo appoiado pelo conselheiro Christiano Ottoni.

Dizia Pestana, que a união de todas as forças democraticas podia dar-se, mas que era mister tomar como compromisso de honra a realisação das seguintes reformas:

Descentralisação; policia electiva; extincção do poder mo-

derador; suffragio directo e generalisado; ensino livre; abolição da guarda nacional; senado temporario; presidentes de provincia eleitos pelas mesmas provincias; separação da judicatura da policia; suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunaes superiores e pelo poder legislativo; magistratura independente e incompativel, e a escolha de seus membros fóra da acção do governo; incompatibilidade para os cargos de representação nacional e provincial com cargos publicos de nomeação do governo e contractos.

Ha reformas sociaes, dizia elle então, que estão implicitamente incluidas no programma de um partido, cuja praticabilidade em um momento dado não póde ser considerada um compromisso de honra.

Estas idéas constituiam a bandeira do partido radical, que então hasteava-se e a que pertencia Rangel Pestana.

Em 1868, tendo-se separado com Limpo de Abreu da *Opinião Liberal*, para fundar o *Correio Nacional*, sustentou o mesmo programma que tomou uma forma mais analytica, percorrendo as diversas instituições, as differentes necessidades do paiz.

O grito de guerra era a *emancipação*, em todos os pontos, da ferrenha tutella governamental.

Emancipar o individuo, o municipio, a provincia era o fim glorioso a que se dirigia.

Para não alongar em extremo estas ligeiras notas biographicas, ousamos indicar ao benevolo leitor o artigo-programma do *Correio Nacional*.

Entregue e dedicado ás suas crenças, Rangel Pestana tomou parte nas conferencias radicaes organisadas no anno de 1868. Occupou elle a tribuna publica, depois de terem sido já ouvidos: o senador Silveira da Motta, e os deputados Godoy de Vasconcellos e Liberato Barroso, e deante de um auditorio de cerca de 2.000 pessoas sustentou a necessidade da eleição directa como base da regeneração do systhema representativo.

N'esse tempo Rangel Pestana fallou ao povo mais de uma vez sobre as differentes theses do programma radical, e os jornaes fizeram-lhe justiça, tecendo-lhe justos encomios.

Os acontecimentos, porém, precipitaram-se; a descrença geral invadindo os animos, pronunciou-se no paiz, o movimento

republicano, formou-se esse partido e organisou-se o club republicano.

Rangel Pestana adheriu a esses principios, que, para elle, são a corôa do edificio e foi um dos fundadores do club republicano, e desde essa época tem acompanhado o seu partido com dedicação sem limites, mas ao mesmo tempo com aquella sisudez e independencia de caracter, que são o seu caracteristico.

Em 1870, tendo-se fundido os dous orgãos democraticos— *Opinião Liberal* e *Correio Naeional* para a creação do jornal a *Republica*, foi Rangel Pestana eleito pelo club republicano da Côrte, redactor desse jornal. Não pôde, porém, Pestana acceitar o cargo, porque a sua saude debilitada exigira a sua mudança para esta provincia.

Retirou-se Pestana para a cidade de Campinas, onde exerceu a advocacia, e ao mesmo tempo collaborou em a *Gazeta de Campinas*.

Mais tarde voltou Rangel Pestana para a Côrte, e ahi tomou parte activa no movimenio republicano, ao passo que era parte da direcção de um collegio de educação, obdecendo assim a uma vocação irresistivel.

Mais de uma vez sua palavra foi ouvida, nas reuniões publicas, em pról de suas idéas, e era para ver como, com inteira lealdade, elle atacava de frente aquillo que julgava ser erro dos seus proprios correligionarios.

Neste meio tempo o jornal *A Republica* havia passado a ser propriedade do finado dr. Luiz Barboza. Este, passado algum tempo, e creio qne por circumstancias diversas, o vendeu a Quintino Bocayuva.

Em vista d'esse acontecimento os republicanos, na Côrte, resolveram crear novo jornal que fosse o orgam do partido.

Conhecendo os republicanos da Côrte, que Rangel Pestana merecia plena confiança de seus amigos politicos desta Provincia que promettiam-lhe capitaes para sustentar e salvar o orgam republicano, em reunião geral do partido encarregaram-no de fundar o novo jornal, concedendo-lhe todos os poderes precisos para esse fim.

Não foi sem uma certa repugnancia que Pestana acceitou esta missão ardua. Era sua opinião que fôra preferivel conti-

nuar *A Republica* como orgam de partido, em vez de semear o germen da desconfiança.

Em frente, porêm, da exigencia de seus correligionarios sacrificou-se, e para cumprir a missão que tomára a hombros, abandonou o collegio em que estava, desordenou sua vida da vereda que trilhava, e veio para a Provincia entender-se com seus amigos afim de levantar capitaes para a formação do novo jornal.

Sua dedicação, porém, não encontrou o premio que merecia e antes foi ferida de ingratidão d'aquelles que o haviam chamado, e o tinham obrigado, em nome da idéa de um partido a dar este passo.

Uma serie de circumstancias que não quero examinar, levantaram-lhe difficuldades quasi insuperaveis, mas elle caminhou e voltou para a Côrte, tendo cumprido o encargo que lhe fôra confiado, e prompto para realisar o intento formado.

Tudo, porém, estava mudado, os *amigos* retrahiam-se, de tal arte, que inutil foi o sacrificio que fizera de si e em bem do partido

Cumpre, porém, notar que neste transe de sua vida Pestana houve-se com tal cordura, que a despeito da intriga, Quintino Bocayuva veio mais tarde á imprensa, fazer-lhe justiça, com estas palavras que não devem ficar esquecidas :—*a inveja e a impotencia desfizeram o que o despeito e a maledicencia tentaram crear.*

Desgóstoso, retrahiu-se Pestana e foi fundar com Limpo de Abreu, Miguel Vieira e Telles de Menezes, a *Escola do Povo*, sustentando illesa a sua convicção politica, e sempre prompto a tudo por ella.

A Escóla do Povo foi um commettimento do maior alcance, e germen da educação e instrucção popular que se tem espalhado, com tamanha vantagem, pelo paiz inteiro.

A Escóla do Povo tinha um fito, a emancipação do homem pela educação e instrucção, e sem duvida que a sua creação foi um verdadeiro serviço feito ao povo.

Em principio de 1874 creou-se em Campinas, nesta provincia, o collegio americano—Internacional, tendo á sua frente como director o sr. Nash Morton.

Este cavalheiro tendo noticia do caracter de Pestana, de suas

raras habilitações e de sua não desmentida vocação para o ensino o convidou para reger as cadeiras de rhetorica e lingua nacional.

Acceitou Pestana o encargo, e o exerceu por modo tal que mereceu sempre os elogios de todos, que nelle viam a capacidade scientifica alliada á inteireza de caracter.

Os limites desta biographia não consentem que alongue-me sobre este ponto, quando é certo que fôra-me grande satisfação considerar Pestana no ensino, principalmente de lingua vernacula tão descurada entre nós, e render-lhe o preito que merece.

Posso, porém, asseverar que é viva a memoria do seu ensino n'aquelle collegio, e conserva seu nome o maior respeito.

Em fins do anno de 1874, alguns paulistas resolveram a creação do jornal a *Provincia de São Paulo*, e de logo o nome de Pestana foi lembrado para um de seus redactores.

Convidado com instancia para este honroso encargo, relutou largo tempo Pestana em acceitar um posto que considera da maior responsabilidade, mas emfim, vencidos os seus escrupulos pela insistencia dos amigos, entrou elle para a redacção da *Provincia de São Paulo*, sendo ao mesmo tempo commanditario da sociedade a que pertence o jornal, com uma das maiores quotas.

No desempenho de tão nobre tarefa Pestana tem sido o mesmo homem, e a provincia que tem lido os importantes artigos em que tem elle discutido as mais momentosas questões, com clareza de vistas imperturbavel, e n'uma argumentação correcta e tersa, e com uma linguagem em que a energia corre parelhas com a polidez, por certo lhe ha consagrado o conceito de que é merecedor.

Durante todo o anno de 1875 Pestana leva de frente o trabalho da redacção do seu jornal, e o ensino da mocidade no Collegio Internacional de Campinas, não poupando esforços para bem corresponder á altura de suas obrigações.

Finalmente em principios do corrente anno de 1876, Pestana realisa uma idéa acariciada ha muito tempo, erguendo o seu collegio para a educação e instrucção das meninas paulistas.

Educar a mulher, formar as futuras mães de familia desta

terra, e desta arte abrir novos horisontes á prosperidade da patria, é o desejo intimo de sua alma, e elle ahi está offerecendo aos paulistas um estabelecimento de educação que constitue um serviço do maior patriotismo.

Para mim, de toda a vida de Pestana, é este o ponto culminante, e faço os mais fervorosos votos para que o futuro corôe seus esforços, cingindo seu nome com a gratidão d'aquelles que sabem apreciar e avaliar a importancia da educação e da instrucção.

Entregue á direcção do seu collegio, que vae levantando á sua verdadeira altura, vasando toda sua alma nesse nobre mister, não esmorece elle nas lutas da imprensa, e caminha n'um labutar sem repouso, fiel ás idéas que professa e invariavel na prosecução do fim que tem em vista.

Rangel Pestana ha de continuar a sua vereda seguida, a despeito de quaesquer dissabores que salteem-no; tem seu norte traçado, levará a viagem pela rota que acceitou.

E' porém, fóra de duvida que Pestana não está fadado para colher os louros da victoria na politica de seu paiz; no seu proprio partido, por cujo augmento tanto tem trabalhado que é justiça dizer que a ninguem devem mais os republicanos, não ha de encontrar a justa remuneração dos seus serviços.

E' sempre assim; nos partidos politicos, os verdadeiros apostolos da idéa, aquelles que erguem na soberana são deslembrados no dia do triumpho; são como Colombo que não logrou sequer dar seu nome ao continente que descobriu.

Ha porém, uma satisfação que lhe não poderão tolher—a mascula satisfação do cumprimento do dever, o sentimento da probidade intima da alma; e para certos homens é quanto basta para recompensal-os.

Temos esboçado a vida publica de Rangel Pestana, mas por certo não o conheceriamos inteiro se o não frequentassemos no recesso da familia, no segredo da amizade.

Rangel Pestana é um verdadeiro homem de bem; é um pae de familia que comprehende a sua missão, e um amigo sincero e leal.

Contam que o viajor atravessando o deserto de infindas areias que requeimam-no, exhausto pelo sopro quente e abafado do vento devastador, ao avistar o oásis verdejante que annuncia-se ao longe, esquece as torturas, como que sente um intenso refrigerio e resfolega de satisfação; assim nas veredas tortuo-

sas desta existencia, no meio do esboroamento das instituições e dos homens, quando a mentira sobrepuja a verdade, o refalsamento zombetêa da sinceridade, e a mediocridade vesga de inveja conculca o verdadeiro merecimento, é caroavel para a alma deparar com um moço que sabe conservar, na singeleza de seu caracter o enthusiasmo de suas crenças, e a justiça de sua consciencia.

Velho, embora, e acurvado para o tumulo, amo estremecidamente na mocidade de hoje, os sonhos dourados de meu passado que esvaeceram-se rapidos, deixando-me secco o coração e deserta a alma.

E pois, eu que acompanhei a Rangel Pestana, nos primeiros passos de sua vida de estudante, que fui um de seus primeiros mestres de Direito Publico e Constitucional, e que o frequento hoje na confiança da amizade, sinto ineffavel contentamento em verificar ao romper da tarde o que prenunciava-me a aurora de sua existencia, e cumpro um dever de homem de bem, apresentando aos meus concidadãos um moço que honra a nossa patria, um cidadão que firme no seu direito, não recua do cumprimento do dever, um homem de bem em toda a significação da palavra.

Ha uma como affinidade entre nossas duas naturezas, de tal arte que as mais das vezes nos encontramos no mesmo ponto, trocamos idéas e sentimentos, sómente acontece que elle caminha ás horas em que o sol a pino irradia aberto, e eu vou de passo tardio e demorado á luz do crepusculo que extingue-se ás horas do entardecer.

No entretanto sinto que temos uma como sina commum, e foi-me prazer colhel-a em todos os actos de sua vida, e reproduzil-a nestas toscas e despretenciosas linhas que, sem merito que as distinga, são ao menos sinceras.

1876 ANTONIO CARLOS.

Novissima charada (4)

1—1 A prima é ruim mulher.

Iguape J. G. CHAVES.

A musica e o numero 3

Musica, se escreve com 3 consoantes e 3 vogaes.
Divide-se em 3 partes : Melodia, Harmonia, e Rythmo.
Tem 3 claves : de Do, de Sol, e de Fá.
O compasso é de 3 fórmas : quaternario, ternario, e binario.
Os ornamentos são 3 : Apogio, Mordente, e Grupetto.
A escala póde ser de 3 fórmas : maior, menor, e semitonada.
Os semitonos da escala chromatica são 12 ; resultado de multiplicação de 4 por 3.
Cada um dos semitonos offerece base para uma escala em grão mais elevado, e todos fazem 24 tons maiores e menores, que são o resultado de 8 por 3.
Os andamentos mais vagarosos são 3 : Largo, Grave ou Lento.
Menos vagarosos : Larghetto, Adagio, Andante, 3.
Andantino, Allegretto, Allegro, 3 :
Vivace, Presto e Prestissimo, 3 :
Quem teve esta lembrança é musico, e suas iniciaes são 3 : T. M. C. casado com M. A. C., tem uma filha M. A. F.
O instrumento que toca é o rabecão de 3 cordas ; mora em uma das 3 ruas principaes da cidade, que se escreve com 3 lettras—Ytú.

T. Mariano da Costa.

Madrigal paulista

(POESIA DO CAMPO)

Senhora, minha senhora,
E' certo, não é mentira ;
Mecê anda se regalando
E eu aqui lambendo embira.

GRANDE E ANTIGO

DEPOSITO DE PIANOS

5—Largo de São Francisco—5

SÃO PAULO

Tem sempre um grande sortimento

DE PIANOS

dos mais celebres autores. (affiançados)

No mesmo estabelecimento se encontra um grande sortimento de musicas para pianos, a duas e quatro mãos; para rabeca, flauta, violonchello, etc.; assim como para canto, as quaes se vendem de 30 até 50 por cento mais barato do que em outra qualquer casa.

LEOPOLDO ROEDDER

5—LARGO DE SÃO FRANCISCO—5

Louco

Quando na dourada taça,
Que de esperanças transborda
A alma que apenas acorda
Bebe sofrega o prazer
Pertinaz mancebo, dize:
Nesse liquido enganoso
Um philtro pernicioso
Não te adultera o viver?

Louco! Então não has tragado
Do amor a activa peçonha?
Quando pensas no passado
Não é rubro de vergonha?
Dessa indigna tentação
Pódes conservar saudade?
Nem lyra, nem mocidade
Enchem já teu coração?

Nova, mais grossa cadêa
Receberás por ventura?
Dize, infeliz! d'amargura
Não sentes tua alma cheia?
De que maligna serêa
Te arrasta o canto fallaz,
Das ondas entre o marulho?
Que fazes do teu orgulho?
Respondei-me, se és capaz!

Não és livre e solitario
Teu calcanhar não esmaga
A serpe que mata e affaga,
Que antes de morder beijou?
E desejas, temerario,
Sem o minimo receio
De novo esconder no seio
Quem te a vida envenenou!

Ama, embora! ama, insensato,
Mas porque vais escolher
Esse ente aleivoso e ingrato
Que só entende o prazer?
Guardas a chamma sagrada
Que no teu peito scintilla
Para uma estatua gellada,
Para um idolo de argilla.

Essa aspiração de vate
No ar terreno opprimida,
Porque toda não se emprega
Nessa aurea mansão de vida
Que de fulgida te cega?
Porque, filho do infinito,
Não tens nos labios um hymno,
De assombro não tens um grito
Para esse alcaçar divino?

Sempre posta a lauta mesa
Da formosa natureza
Verga ao pezo de iguarias,
E ainda te não sacias!
A patria então nada é?
Não vasa no pensamento
Ineffavel sentimento
De doçura, paz e fé?

Louco! da infancia no tecto
Não tens extremoso pai,
Para offertar-lhe esse affecto
Que inutilmente se esvai?
E's orphão de mãe? Esperas
Que ella te venha a fallar
Para então sabe-la amar
Entre lagrimas sinceras
Mas tardias de pezar?

Ai! esta gandra infecunda
Da terra em que tanto abunda
O mal, a fraqueza, a dôr,
Seria cópia do inferno
Si nella ao sopro do Eterno
Não desabrochasse o amor.
Poeta sem fé, sem alma,
Que valor tem essa palma
Ao pé da divina flôr?

PAULO EIRÓ.

Novissima charada (3)

3—Esta cidade acompanha os viajantes!
Santos

ARTHUR PEREIRA BASTOS.

Epigramma paulista

Duas cousas neste mundo
Não posso comprehender:
Uma é padre ir p'ra o inferno
Outra é surgião morrer.

Uma carta do senador Vergueiro

Illm.º sr. dr. Paulo Antonio do Valle. — Tenho em grande apreço a honra que me faz consultando-me sobre acontecimentos da nossa feliz revolução, sentindo profundamente que as minhas forças esgotadas pelos annos e pelas molestias, e o não ter presenciado os factos que me indica, me privem de poder concorrer com algum contingente de valor. Direi pouco, porque pouco posso.

1.º—*Causas do estabelecimento do governo provisorio de S. Paulo* (1821).

Depois que Leibnitz fixou o principio:—«O mais pequeno fenomeno tem por causa o Universo, e sua razão o estado precedente do mesmo Universo»—não é prudente dar grande valor a causas occasionaes ou proximas. As revoluções, quando não fomentadas por aspirantes á tyrania, são esforços para o restabelecimento da boa ordem social, ou o defeito provenha das leis, ou dos homens que estão na sua frente, que quando vencidos, pagam sua culpa, e quando vencedores impõem glorioso martyrio aos seus adversarios, nem sempre acertam, principalmente na reconstrucção, obrigados muitas vezes a empregar materiaes velhos e viciados. Tal é a marcha da ordem publica—vamos encarar nella os acontecimentos de S. Paulo.

Nem um governo tem sido tão generoso com suas colonias como o inglez; comtudo os da America tiveram suas queixas, que foram desattendidas, e a revolução rompeu e triumphou auxiliada pelo governo francez, e muito applaudida pela alta nobreza, e até diz *Segur*, pelos principes!

A brilhante carreira da prosperidade que encetou a nova nação, e em que continúa com progresso espantoso, não podia deixar de impressionar a outras colonias da America, e convidal-as ao mesmo caminho; mas eram necessarios os meios, e occasião opportuna; no entretanto a sociedade secreta dos

franklinistas estendia-se entre nós; ficaram, porém, abandonados os seus projectos com um inesperado acontecimento—o pronunciamento constitucional da praça de S. Ovêde, que como scentelha electrica abalou todo o Brazil.

A Bahia fez a sua revolução, e chegando a noticia della ao Rio de Janeiro mais exaltou ali os animos, e o governo do Rio foi obrigado a ceder e jurar as bazes da constituição de Lisboa.

A imprensa publicou um decreto de 17 de Março mandando prestar esse juramento em todo o Brazil; porém não me constava tivesse tido execução em ponto algum quando, reunido o collegio eleitoral de Ytú, de que fui membro; e porisso combinei com os meus collegas e amigos Paula Souza e Alvares Machado, requerer ao presidente do collegio, ouvidor Medeiros, que defirisse ao collegio o juramento ordenado no citado decreto, expedisse ordem a todas as camaras da comarca para o mesmo fim, e representasse ao capitão general a necessidade da execução do mesmo decreto em toda a provincia. Não querendo surprehender o ouvidor, mandámos na vespera communicar-lhe o projecto rogando-lhe estivesse de accordo, o que a principio recusou; porém, certificado que o que estava da nossa parte havia de ser indefectivelmente posto em execução, annuiu.

A nossa intenção era concentrar as opiniões em uma base sólida para que a demagogia as não desvairasse, pois que o grande enthusiasmo revolucionario provinha do horror ao despotismo desacompanhado dos conhecimentos necessarios para melhorar o futuro; nem os podia haver.

O governo portuguez foi o mais severo para as suas colonias: o Brazil não era mais que uma feitoria agricola e mineira, onde as manufacturas que começavam a despontar em Minas Geraes foram prohibidas; era-lhe vedada toda a communicação a não ser por Lisboa, ou Porto, onde reinava o despotismo alliado com a inquisição.

Com a emigração da côrte houve um beneficio forçado: a abertura dos portos, quando estava impedida a communicação com Portugal, que não podia deixar de imprimir grande movimento no espirito da população, communicando-lhe idéas e suscitando-lhes desejos; augmentando assim o grande enthusiasmo com que a côrte fôra recebida. Se o governo apro-

veitasse esse enthusiasmo; grandes cousas podia fazer em gloria sua, e proveito do Brazil; porém contentou-se *pro interim* em applicar ao Rio de Janeiro o almanak de Lisboa, conservando sempre a lembrança de para lá voltar, e depois de lá estarem as côrtes incarnando o metrepolismo, chamaram á antiga séde do governo todos os negocios do Brazil, que já ia conhecendo sua força e seus direitos.

Appareceram tambem os primeiros *typos* no Brazil com uma miseravel gazeta que publicou as graças e mais despachos do governo, e os successos e movimentos da côrte, publicando-se depois outra semelhante na Bahia.

A respeito de instrucção publica cuidou um pouco da militar, criou duas acanhadas escolas de medicina e cirurgia, e conservou as poucas que havia de grammatica, rhetorica e primeiras lettras no seu máo estado.

E' amargo recontar o degradante estado do Brazil na epocha de sua gloriosa revolução: mas é dever do historiador, e serve para desculpar os erros commettidos pelos novos que se cederam ao—quero e mando—e para glorificar o espantoso desenvolvimento intellectual a par do material; oxalá fosse elle tambem acompanhado do moral, que não póde ser obtido sem a leal intelligencia e execução da constituição e das leis em harmonia com ella, reconhecendo as auctoridades que nada podem senão em virtude dellas, e que devem obedecel-as como qualquer do povo. Graças á Providencia—parece que este periodo de progresso moral vai começar.

Em conclusão do que deixo dito:

Depois que a revolução de Portugal foi immediatamente acceita no Brazil inteiro e com grande enthusiasmo, e ter feito explosão no Pará, Bahia, e Rio de Janeiro onde obrigou a côrte a retirar-se, o que faltava em São Paulo para romper igualmente era apparecer um homem prestigioso e resoluto, que se collocasse á frente; este homem, que possuia estas qualidades eminentes, foi o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, que deu suas ordens, e a revolução se effectuou muito pacificamente. O capitão general, tão valente anteriormente, perdeu toda a força moral, e deu parabens á sua fortuna ser nomeado presidente do governo provisorio, emprego que serviu ostensivamente, devendo obrar o vice prezidente.

Ignoro os pormenores deste acontecimento por que estava a 30 leguas de distancia na minha fazenda, e só delle soube quando fui chamado para membro do governo. Tambem ignoro os pormenores das phazes revolucionarias que seguiram por estar nas côrtes de Lisboa; mais tenho por principio fixo que não ha revolta alguma de que o governo não seja culpado; indulgencia, porém, merecem os governantes dessa epocha em que se fazia o ensaio do difficil governo livre com os habitos do facil governo despotico.

Termino aqui esta informação incompleta e incorrecta, por que o estado de minha saude mais não permitte.

Della fará o uso que lhe aprouver.

De V. S.

affectuoso venerador e creado

N. P. de C. Vergueiro.

Trovas populares em S. Paulo

VI

Passarinho, canta solto,
preso, não póde cantar,
mas como é preso sem culpa
canta só por alliviar.

VII

Amor mata de saudade
sem acabar de morrer:
eu vivo sempre morrendo
em continuo padecer.

GRANDE

HOTEL DA PAZ

39--RUA DE S. BENTO--39

SÃO PAULO

Proprietario -- Jules Massias

Recommenda-se pelo **aceio, excellente comida,** preparada pelos melhores systemas culinarios, **prompta execução** das ordens dos hospedes e principalmente pelas magnificas **commodidades para familias.**

O local deste estabelecimento é o melhor da cidade.

A linha de bonds passa na rua em que fica situado.

SALA DE BANHOS--JARDIM DE RECREIO

TODOS OS CONFORTOS DESEJAVEIS

COMIDA A TODA A HORA

39—RUA DE S. BENTO—39

O Dr. Americo Brasiliense

Em 1855 quem penetrasse as arcadas da Academia de Direito de S. Paulo, em horas de aulas, encontraria um moço alto, sympathico, trajando com esmero mas sem pretenção a figurino, e usando muitas vezes casaca azul de botões amarellos.

Seus passos firmes e pausados, seu porte esbelto e altivo, e suas maneiras polidas indicavam logo á primeira vista um estudante de anno superior, e intelligente.

*

Eil-o que chega e dirige-se a um grupo; todos o recebem com affabilidade; muitos o interrogam.

A este diz uma phrase chistosa e todos riem-se; áquelle responde com seriedade; todos o cercam attentamente, interrogam e objectam ao mesmo tempo; e elle resolve objecções e expõe doutrina.

Assim passa o tempo antes das aulas.

Todos o estimam.

Trata-se, pois, de um estudante de verdadeiro merecimento.

*

Em Novembro do mesmo anno de 1855, entre os moços graduados bachareis em Direito, apparece o estudante que durante os cinco annos subira sempre cercado das attenções dos condiscipulos e mestres.

O nome de Americo Braziliense de Almeida Mello sahia bem vaticinado d'aquella corporação scientifica.

Um futuro esplendido se lhe abria.

*

Vae separar-se dos companheiros, de amigos, que o abraçam entre lagrimas de despedida e sorrisos de esperanças.

Tinha então 22 annos, que os completára aos oito dias do mez de Agosto, pois que nascera em 1833, nesse periodo de agitação democratica, em que o sentimento nacional offendido pelos ultimos excessos do primeiro imperador, vingára-se e matára a idéa da restauração votando nas camaras o banimento do principe já desthronado.

Durante os cinco annos do curso academico conseguira Americo Braziliense captar a estima geral e ao deixar os bancos despedia-se triste de muitos amigos que tomavam differentes rumos.

Tambem elle que vira a luz nesta capital, e que passára aqui grande parte da juventude ia começar a vida publica na cidade de Sorocaba, onde seu pae, o dr. Francisco Antonio de Almeida Mello, era pessoa considerada e influente.

*

Nos dous annos, de 1856 e 1857, elle advogou nessa cidade, alheiando-se da politica, porque seu pae militava no partido conservador e as idéas desse partido não estavam arreigadas no animo do novo bacharel em Direito.

Um facto entretanto, forçou-o a entrar activamente em politica.

Os conservadores da localidade incluiram o nome do dr. Americo Braziliense na sua chapa para vereadores, ou com o fim de prendel-o aos interesses do partido, ou por attenção ao dr. Francisco Antonio.

O resultado, porém, não correspondeu á esperança.

Um desaffeiçoado ao joven candidato tirou-lhe parte da votação e elle não entrou na camara.

A derrota, a pretexto de servir de estimulo aos brios, proporcionou-lhe o meio de entrar na politica seguindo o impulso de suas opiniões.

D'ahi em diante o pae, retrahindo-se, cedeu o passo ao filho e o partido liberal de Sorocaba teve á sua frente o dr. Americo Braziliense.

Foram taes os seus serviços que em 1857 conseguiu ser eleito deputado á assembléa provincial como representante do 5° districto.

Em 1858, logo que tomou assento na assembléa, escolheram-

n'o para 1º secretario, sendo o presidente o illustre paulista, o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

No recinto da representação provincial revelou muito talento e dedicação aos negocios publicos.

A influencia pessoal deste moço começou sob bons auspicios.

*

Havia sido nomeado juiz municipal e de orphãos da Faxina e encerrada a assembléa segue para o termo e entra em exercicio.

O magistrado soube-se haver com tanta justiça e prudencia que ainda hoje seu nome é querido e pronunciado com respeito pelos povos do termo que então era extensissimo.

A' brandura no tratar os homens rusticos elle sabia unir a energia na execução da lei.

Distribuia justiça com calma e rectidão, e prendia, como delegado de policia, os criminosos sem alarde nem perseguição.

Em 1859 pediu demissão e ficou residindo na capital.

As relações politicas alargaram-se e o deputado provincial começou a ter maiores ambições.

*

No anno seguinte a morte atira-lhe um golpe terrivel, ferindo-o em cheio no coração: rouba-lhe o pae ainda robusto e na edade de 54 annos.

Desde então o dr. Americo Braziliense repartiu os seus cuidados com a politica e a viuva, sua extremosa mãe, a exm. sr.ª d. Felizarda Joaquina Pinto.

A assembléa provincial continuou a ser o theatro de suas glorias como homem politico, cheio de intelligencia, e tacto fino para todas as questões as mais complicadas. Os collegas fizeram-n'o vice-presidente na sessão de 1863, e presidente na de 1864.

Sua palavra grave e sincera se fazia ouvir em todas as discussões com uma certa simplicidade que não destoava da energia das convicções democraticas.

*

Em pouco tempo chegou a influir com auctoridade nos trabalhos da assembléa e pezar nas deliberações do partido.

Por vezes as galerias e ante-salas encheram-se ao constar que o sympathico orador occupava a tribuna.

Sua eloquencia como que levava o auditorio, arrastado docemente, a abraçar a causa que defendia.

Foi no meio das *visões* chamadas glorias politicas neste paiz, quando sentiu que a opinião publica alentava em seu espirito as nobres ambições do filho do povo—a de elevar-se pelo talento, pelo estudo e patriotismo—que o coração do dr. Americo Braziliense denunciou faltar á sua existencia mais um elemento poderoso de força para ter a coragem de affrontar com os desgostos que surgem constantemente na carreira publica. Faltava-lhe a esposa, a confidente das dôres, dos sonhos e dos desenganos do homem politico.

Casou-se em 1862 com a exm.ª sr.ª d. Marcellina Lopes Chaves, senhora de qualidades recommendaveis e filha do sr. barão de Santa Branca.

*

Filho, esposo, e para logo pae extremoso, o dr. Americo Braziliense quiz conciliar a prestação de cuidados permanentes consagrados á familia, com as vantagens que uma posição mais garantida na capital da provincia lhe podia trazer, e porisso defendeu theses e preparou-se para tirar uma cadeira de lente.

Mas, em breve tempo o moço cheio de talento, com recursos proprios para se collocar superior ás necessidades, acariciado pela estima publica, sentiu a fronte altiva pender ao encarar com o futuro!

Em seu coração generoso onde já se aninhavam tantos affectos puros, tantas paixões nobres, começaram a apparecer os estremecimentos de quem se arreceia de uma desgraça. Sentia-se doente e impressionado via fugir diante de si todas aquellas nuvens douradas que franjavam caprichosamente os largos horisontes de sua vida publica e privada.

O filho extremoso, o esposo dedicado, o pae affectuosissimo e o politico popular e victoriado olhava em derredor de si e como que deparava sombras por toda a parte.

O physico indicava padecimentos contra os quaes o moral não podia reagir.

Uma viagem á Europa lhe é aconselhada pelos medicos.

Parte em 1864 com a familia. Percorre varias cidades da França, Hespanha, Portugal, Inglaterra, Belgica, Allemanha e Italia.

Intelligencia clara e cultivada, não passou por todos esses lugares sem estudo, sem observação. O que via—*sabia vêr*. Não era diante dos monumentos, dos marcos que no velho continente a cada passo attestam a passagem dos seculos e da civilisação, um mero curioso; era o espirito lucido, prompto para criticar, facil em comparar e concluir.

Essa viagem equivalia a um estudo pratico, ainda que rapido, de tudo quanto lhe cahia debaixo das vistas.

Para o homem intelligente o viajar é aprender sem trabalho e á custa dos esforços accumulados dos outros.

A sua alma retemperou-se na contemplação de muita cousa grandiosa e tambem na observação de muitas miserias. Por vezes o Brazileiro teve orgulho de ser filho destas ricas e vastas regiões da America e outras tantas curvou a cabeça diante do atrazo do seu bello paiz.

*

Em 1866 voltou á terra natal. Se não trazia mais saude, todavia regressava animado e disposto a votar ao engrandecimento da patria as suas faculdades e os novos conhecimentos adquiridos pelo estudo e exame das instituições e costumes de outros povos.

Os amigos politicos reclamaram a sua cooperação no governo e coube-lhe a missão de administrar a provincia da Parahyba do Norte, no ministerio do marquez de Olinda.

O administrador não desdisse dos actos do juiz e do deputado provincial. Em politica sustentáva as pretenções judiciosas dos seus correligionarios e em administração attendia aos interesses da provincia, ainda mesmo contrariando os seus amigos politicos. As maneiras de tratar tanto um como outros éram tão delicadas, as resoluções tão meditadas e firmes que seus actos não criaram descontentes e todos bemdizem ainda hoje de sua administração.

Neste tempo mereceu ser eleito deputado á assemblea geral por esta provincia de S. Paulo. Sua candidatura que era bem acceita no 3º e 2º districtos foi por accordo dos amigos apresentada pelo 1º e sahiu victoriosa das urnas.

Abertas as camaras em 1867, o dr. Americo Braziliense deixa a presidencia da Parahyba e toma assento na camara temporaria.

A situação era má para os talentos que então se prendiam ás conveniencias de uma disciplina partidaria que nada tinha de gloriosa. O dr. Americo Braziliense, como tantos outros moços verdadeiramente liberaes, sentia-se acanhado n'aquelle recinto onde uma atmosphera pesada abafava as mais bellas intelligencias que apoiavam a situação.

O deputado paulista não appareceu nesse periodo com o brilho correspondente aos seus creditos de parlamentar.

*

Em Fevereiro de 1868 elle estava de passeio em Sorocaba; procurava talvez ahi recordações de sua entrada na scena publica e interrogava a consciencia sobre o desempenho do mandato popular. Ahi um convite instante de Zacharias o surprehende: estava-lhe destinada a presidencia da importante provincia do Rio de Janeiro.

Homem politico, que não mede o sacrificio pessoal quando lhe fallam em nome do partido, parte e acceita a commissão.

Presidente da provincia do Rio de Janeiro durante alguns mezes revelou dotes eminentes como administrador e deixou seu nome gravado nos corações dos auxiliares d'aquella administração.

Foi nesse anno que o poder moderador, fazendo questão da escolha de Salles Torres Homem para o logar de senador pela provincia do Rio Grande do Norte, houve por bem demittir o ministerio de 3 de Agosto presidido pelo conselheiro Zacharias. Cahira assim a situação liberal, criada em grande parte pelo voto e conselhos do illustre estadista, mas mal definida sempre e equivocamente representada nos factos.

*

O sympathico representante de S. Paulo pertencia ao numero dos moços que em consciencia applaudiam, em nome da democracia e da honra do partido liberal, o *uso da prerogativa da corôa*.

Esse periodo cheio de lutas estereis entre *historicos* e *progressistas*, foi para muitos a fonte d'onde surgiu o partido republicano. Entre estes estava, pela força da convicção e do patriotismo, o dr. Americo Braziliense.

Elle, que fôra durante toda a situação juiz imparcial da luta pessoal travada entre os proprios companheiros de deputação, voltou á provincia contristado mas não descrente, e abriu escriptorio de advocacia.

A Loja *America*, o conventiculo de utopistas como chamavam-na uns—e o antro de revolucionarios abolicionistas como qualificavam-na outros, fel-o seu veneravel.

Moderado por indole, por estudo, por experiencia e educação, o dr. Americo Braziliense assumiu sempre francamente a responsabilidade do que a Loja fazia solidariamente em nome da democracia e da humanidade.

As suspeitas cahiram diante dos factos, e as calumnias ficaram abafadas pela verdade.

Sendo presidente da provincia o sr. dr. Costa Pereira, foi dirigido ao veneravel da Loja *America* um officio consultando-o em nome do governo se ella queria tomar a si a creação e educação dos ingenuos afim de gozar dos favores concedidos por lei.

A resposta foi digna de um homem de talento e verdadeiros sentimentos humanitarios.

A Loja *America* subiu assim officialmente e desde então documentos publicos lhe têm sido tributados em signal de attenção por parte do governo.

*

Por esse tempo houve uma vaga de lente e o dr. Americo inscreveu-se. Não restava duvida de que seria approvado.

A Faculdade indicou-o como digno de sentar-se entre os membros do seu corpo docente, dando-lhe o segundo logar na lista.

O governo imperial, porém, não o nomeou.

Correu que os motivos principaes desse acto tinham origem no facto de ser o distincto paulista republicano e uma das luzes da Loja *America*, a mesma que depois merecera as taes provas de consideração do mesmo governo.

Entretanto os seus padecimentos aggravaram-se e appareceu de novo a necessidade de uma viagem.

*

Campinas, cidade cujo clima é mais quente que o desta capital e onde elle já nessa época tinha amigos lettrados e correligionarios, mereceu-lhe a preferencia.

Ahi advogou desde 1870 até 1873.

O dr. Americo Braziliense pertence ao numero desses homens que não se negam ao trabalho e têm sempre nos labios o monosyllabo—sim. A elle chegou-se um dia o sr. Caldeira, director de um collegio de meninos e pediu-lhe para dar algumas prelecções no seu estabelecimento de educação. O pedido do intelligente director foi satisfeito: as preleções foram dadas e o publico hoje as conhece porque o sr. José Maria Lisboa as editou em um livro, que tem merecido muitos louvores.

*

Em 1874 o advogade voltou a fixar residencia na capital, e aqui encontramol-o sempre rodeado de um grupo de amigos.

Seu escriptorio faz lembrar o de um outro paulista distincto, gloria da provincia, o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

Nessa casa do canto do Largo da Sé reunem-se habitualmente conservadores, liberaes, republicanos, ultramontanos, e catholicos livres. Todos se estimam, conversam e discutem vindo á baila as questões da época. Ninguem se insulta e a harmonia reina sempre entre os frequentadores da *sala vermelha* do chefe republicano.

E' admiravel a concordia que existe n'aquella assembléa, na qual as maiorias e minorias se formam com summa rapidez ás vezes dentro de meia hora! Entretanto não ha transfugas: as transformações rapidas dependem dos membros que comparecem.

Ninguem preside as reuniões.

Ali formam-se novas relações, estreitam-se outras e todos emfim se estimam porque todos desejam agradar ao sympa-

thico *petroleiro*, que é um dos corações mais generosos que Deus formou.

Vêde: Liberaes, conservadores, republicanos, e catholicos estão em larga palestra; o dr. Americo puxa do relogio e pega no chapeu. sae. Os outros ficam e proseguem na conversação que está calorosa, esquecidos talvez de que a hora adianta-se.

Nenhum dos presentes se incommoda com a retirada do dono da casa.

Sabem que sae para servir um amigo ou cumprir um dever.

*

A's 2 horas elle deixa impreterivelmente a *sala vermelha* entregue aos amigos e o escriptorio ao companheiro, e vae praticar um acto glorioso que o ennobrece aos olhos da actual geração.

O parlamentar, o jurisconsulto, o cidadão que é um nome feito, a essa hora ensina historia patria ás meninas do collegio «Rangel Pestana».

E' ahi que o dr. Americo Braziliense conquista pelo talento, e por outros dotes superiores da alma os mais virentes louros para a sua corôa de patriota.

Aquellas meninas, que sentem verdadeiro orgulho ao sentarem-se diante delle, hão de ser as futuras mães da geração nova que terá de fazer a mais completa justiça ao seu civismo.

Eis ahi como aos 42 annos de edade um brazileiro illustrado, como ha poucos, mostra que ama a sua patria.

Porisso tambem o joven partido republicano não podia achar um homem mais distincto para represental-o no pleito eleitoral que esse seu correligionario.

O dr. Americo Braziliense na luta legal em pról da republica vale uma legião.

E' quasi certa a derrota, mas restar-lhe-ha a gloria de haver feito dignamente as honras á bandeira do seu partido.

Diante do vulto sympathico desse homem que tem sabido revelar sem contradicção excellentes qualidades como filho, esposo, pae, amigo, partidario e mestre, descobrem-se reverentes e alegres todos aquelles que têm tido a opportunidade de apertar-lhe a mão e trocar com elle uma palavra de affecto ou um comprimento de cortezia.

S. Paulo. Outubro de 1876. F. Rangel Pestana.

Soli et semper!

Ruge o vasto oceano: a multidão disforme
Das sombras collossaes perpassa no horisonte,
Abrangendo a amplidão, como de monte a monte,
Entre o immenso escarceu e a nuvem negra e enorme.

O sol, no disco d'oiro, em tremulo cansaço,
Arroja-se no seio ás aguas sussurrantes,
E o rouco abysmo hauriu, nas solidões distantes,
O ultimo raio emfim aos paramos do espaço.

Oh Noite! estende em balde as dobras do teu manto:
Tenho a sêde da luz, infinda e abrasadora,
A sorrir de esperança e a estremecer de horror!

Não! não quero morrer deste fatal quebranto!
Eu sinto na minha alma um ceu que entre-abre a aurora,
E uma gota de sol: a mocidade e o amor!

F. Quirino dos Santos.

Trovas populares em S. Paulo

VIII

Os teus olhos são confeitos,
confeitos que não se vendem,
são balas, com que me atiram
correntes, com que me prendem.

Fantasia philosophica

Tão bella, tão meiga e... tão esquiva!

Vede-a! A' harmonia, á sublimidade de sua natureza intima ligam-se a sympathia, a participação condoída no soffrer humano, a rectidão irreprehensivel que lhe caracterisa a essencia, antithese de tudo quanto ahi ha de menos bello e generoso!

Amante e compassiva, por vezes ella se tem mostrado accessivel a seus numerosos adoradores, que, incapazes de comprehenderem-n'a e estimarem devidamente sua natureza tão docil quanto prodiga, a tem conservado arredia do trato social.

Extremamente bella e bem prendada, ella aspira á um amante, como ella, modesto tanto quanto ingente, cuja voz pela sabedoria e criterio, assemelhe-se á divina.

Oh! quanto seria bello e invejavel, como se lhe antolharia risonho e esplendido o futuro áquelle cujos votos merecessem ser attendidos por tão appetecida entidade!...

*
* *

Na India, no Egypto, na Palestina, surgiram pretendentes, que, attribuindo-se alta linhagem e sabedoria excelsa, não conseguiram todavia conquistar-lhe o affecto.

Irritados mesmo, talvez, com o pouco fervoroso acolhimento que lhes dispensára esse nume encantador, degeneraram-se, posteriormente, seus rivaes amantes, e participaram dos mesquinhos interesses e pequeninas ambições de que se diziam inimigos natos.

Oh! quanto não seria pungitivo á sua indole generosa e boa, o quadro contristador das calamidades sociaes, e o protelar constante da época em que ella terá de cingir a capella de noiva!

Vede-a! Toda blandicias e affagos ella se condóe dos soffrimentos humanos; ella já o é e melhor será, proximamente, quando souberem estimar-lhe o verdadeiro merito, a guarida

santa em que se abrigaram as victimas dos preconceitos sociaes!

Vede-a! ella nasceu da união da mais acentuada concentração do espirito investigador e preclaro, com a realidade palpitante da contingencia e imperfeição humanas!...

*
* *

Quereis conhece-la, leitor?

Começae por identificaf-vos com sua natureza, que não vos é de todo estranha.

Erguei-vos acima dos prejuizos e abusões vulgares, amparae-vos de um lado sobre as virtudes prescriptas pelos martyres da fé, e do outro, elevando-vos ainda mais, até attingirdes a região calma e serena em que se irradiam esplendorosamente as luzes da philosophia, contemplar os traços de inexcidivel belleza e candura que lhe ornam a fronte!

Cosmopolita, ella não tem predilecção por uma região ou entidade qualquer; aspira sim ao consorcio por pura sympathia e adhesões intimas de idéas e sentimentos, e ao congraçamento unanime de seus adherentes!...

Lagrimas e sorrisos, bençãos e beneficios, ella dispensaria prodigamente no regaço dos opprimidos que a injustiça e obliteração intellectual e moral dos homens tem feito soffrer.

Ella evocaria do passado para depor-lhes na fronte o seu balsamo divino, á esses vultos heroicos aureolados pelo genio, em cujas faces macilentas se estampa o fundo soffrer que lhes vae n'alma, e que se chamaram—Servet, João Huss, Jordano Bruno, Galileu e tantos outros!...

Oh! vós em quem se aninham os mais puros e desinteressados affectos! vós, cujas fibras intimas sentem-se palpitar em presença desses esplendorosos portentos que são a gloria de nossa civilisação! compenetrai-vos desse verdade profundamente edificante, desse como que zimborio resplendente do edificio social, cuja orla, sobredoirada ao sol nascente de novas conquistas, projectará seus raios luminosos ao orbe inteiro, abençoando, sem distincção de crenças, á todos os homens de paz e de boa vontade—sêde tolerantes!

Tolerancia para todas as intenções puras, porquê todas participam conjunctamente da contingencia e fallibilidade do nosso ser!

Tolerancia devemo-la ainda a todos, porque ella é a mais brilhante manifestação, na vida real, do acatamento e subido apreço que tributamos á liberdade!

* * *

Ei-la, pois, a bella, meiga e tão esquiva beldade!

E é para vós, oh povos de todas as regiões! que está reservada essa fonte inexhaurivel de prosperidades e venturas!

Sêde, pois, tolerantes!

Campinas.

URBANO DO AMARAL.

Quero fugir-te

(PARODIA)

Quero fugir-te, mas não posso, ó pinga
O odôr que exhalas me seduz, me attrahe;
Quero fugir-te ao sahir da venda,
Mas já meu corpo cambaleando cahe!

Do Eden do troly és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha desgraça chora;
Quero fugir-te, quero sim, mas como?
Se eu não posso levantar-me agora!

Para enganar-me quando esvae-se o cobre,
Digo muitas vezes qu'és inferior á agoa,
Então a vida é para mim o inferno,
Passo-a scismando em continua magoa.

Quero fugir-te, mas na areia rólo,
Vejo a garrafa, teu retrato é n'ella
Contemplo o mundo a me virar ligeiro
Vejo-te ainda scintillante, ó bella!

Se mais te fujo mais a ti me prendo,
Pois não ha dia qu'eu não tome um trago ;
E c'o as pernas bambas a escrever na areia
A idear poesias pelas praças vago.

Nas prateleiras, nas garrafas lindas,
Tu és a santa que constante adoro,
E sem dinheiro a olhar p'ra ti
Devotamente tua graça imploro.

Quero fugir-te, mas não posso, ó pinga,
A chamma ardente fervorosa ateia ;
Quero fugir-te, mas policia activa
Conduz-me a braços á fatal cadeia !

Itapetininga, 14 de Junho de 1873.

PEDRO DE AZEVEDO.

Acrostico

As doces auras da manhã serena
Mantém nas azas divinal frescôr ;
O pobre bardo n'essa hora amena
Recebe triste a saudação do amôr.

Tieté, 28 de Setembro de 1876

J. B. A. MARQUES.

Epigramma

Nós como brutos nascemos
Depois com trabalho e lida
Alguns, homens nos fazemos,
Outros, como muitos temos,
Ficam brutos toda a vida.

Batalha de 24 de Maio

O QUE FIZERAM OS PAULISTAS!

Todos temos de zelar os brios deste Brazil, pelo qual demos uma parte de nosso ser: uns a saude, outros a vida, outros dinheiro, affectos e trabalhos.

Mas o amor da patria não exclue o amor do ninho em que nascemos; antes se compõe de todos os amores. Como varias flôres, enfeichadas, formam um ramalhete, o amor a cada provincia e lugar, fórma o amor á patria.

E' preciso que relembremos nossas glorias, antes que cahiam em olvido. E' preciso que com publicos testemunhos de gratidão, recompensemos nossos bravos, já que outras recompensas não poderam elles obter.

E' preciso que historiemos a bravura e civismo dos brasileiros, para que o exemplo estimule nossos filhos a nobres acções e ao amor da gloria.

O livro é o monumento lembrador dos feitos dos modernos para admiração e exemplar dos posteros.

Fallemos da batalha de 24 de Maio, e para isso demos ligeira descripção do campo em que ella teve lugar.

O campo em que estava o exercito era um denso palmar, feito desta pequena palmeira, alli conhecida pelo nome de butiá. Na frente e direita tinham esse mesmo palmar, pouco descortinado; á esquerda tinha uma matta alta e banhados. Na frente estava o exercito de Flores, a terceira divisão brasileira e uma brigada. A' direita ficava o exercito argentino; no centro e esquerda o resto do exercito brasileiro; na retaguarda os transportes, hospitaes e commercio.

Fronteira aos transportes havia um picada larga, ou bocaina, que ia dar ao campo, ou Potreiro Pires, em que a cavallaria costumáva ir dar pasto aos animaes e que ficava separada do exercito por essa mata e banhados, de que fallei. Este Potreiro Pires tinha em seu lado direito a floresta, que o separava do

exercito alliado, e banhados; na frente, uma densa floresta, e na esquerda, uma grande lagôa, lagôa Pires; na retaguarda, banhados e matto.

Este campo chamado Potreiro Pires, por ter sido habitado por um rico hespanhol, de nome Pires, communicava-se com o exercito por essa picada de que fallei, e por uma outra, mais adiante, fronteira a artilharia, protegida pelos paulistas. A mata em 1867, já tinha desapparecido, mostrando seus vestigios nos grossos troncos de arvores, que os soldados não poderam derribar.

A 24 de Maio estava o exercito com ordem de apromptar-se para avançar ás duas horas.

Almoçou o batalhão, emmalou capotes, e esperou a ordem de marchar.

A's 11 horas do dia ouviu-se um medonho tiro de morteiro, seguido logo de dous outros, e rompeu o fogo inimigo por toda a frente e direita. O exercito paraguayo, conhecedor do terreno, tinha vindo sub-repticiamente por entre o palmar, e atacou toda a frente e direita do exercito alliado.

Já estava este apercebido para este ataque, mas não contava ser atacado pela esquerda, por ser o Potreiro Pires cercado de matos e lagôas, e um tanto desconhecido.

Foi a batalha de 24 de Maio a maior da America do Sul, não só pelo numero de combatentes, disputando-se o terreno perto de 50 mil homens, como pelo bem planejado ataque do general Lopez, que levaria a melhor, se sómente o bom plano, e conhecimento do terreno bastassem para dar a victoria.

Atacando elle o exercito alliado com um numero igual de forças, e engajando-as todas de maneira que não lhe restassem reservas, elle pretendia depois, por caminhos só sabidos pelos paraguayos, atacar a retaguarda dos alliados, e introduzindo de repente um contingente novo e fresco, tomar as munições e trens de guerra, e trazer a desordem e derrota geral.

Mas combatia contra um general destemido e activissimo, e um exercito que nelle depositava a mais cega confiança.

Dizem alguns que o exercito paraguayo compunha-se de 20 mil homens: mas se notarmos que o alliado, composto de uns 25 mil homens, não teve reserva alguma, e que pelo menos são iguaes em coragem, é rasoavel suppôr que pelo menos igual foi o numero do exercito paraguayo.

Rompendo o fogo, ás 11 horas do dia 24, as divisões marcharam a tomar as posições convenientes.

Dirigindo tudo, galopando de um lado para outro, Osorio viu que os Argentinos fraqueavam, que os paraguayos estavam prestes a levar-lhes algumas boccas de fogo, e immediatamente mandou uma divisão, que os soccorreu.

D'ahi vem o amor que os Argentinos votam ao general, e a gratidão e respeito com que fallam em seu nome.

O general Lopez, tendo travado bem a batalha, deu ordem para que uma reserva que estava no Potreiro Pires, atacasse a retaguarda dos alliados.

O brigadeiro Netto, cuja pequena força de cavallaria tinha ido dar pasto aos animaes no Potreiro Pires, tocada por força mui superior, veiu dar aviso a Osorio, para que não fosse tomada a retaguarda.

O 42 teve ordem de tomar a primeira bocaina, e por isso entrou em fogo primeiro que o 7.º Os paraguayos appareceram então na bocaina que lhe ficava em frente, em massas compactas de infantaria.

O major Barros, que commandava o 42, estendeu-o em linha, respondendo ao nutrido fogo dos paraguayos, abrigados por detraz de uma trincheirinha, que cortava a picada ou bocaina, e seguia pelo interior da matta.

Osorio chega neste momento, vê o batalhão parado a trocar tiros com o inimigo, e o manda carregar a báyoneta, o que executa com denodo, atirando das trincheiras os paraguayos, que recuaram passo a passo, mettendo-se alguns pelo mato, donde faziam fogo sobre os nossos.

Emquanto batalhava o 42, o 7º não estava vadio. Tendo ordem de tomar o passo ao inimigo, que avançava pela segunda bocaina, elle deixou a collina em que estava, e donde via o 42 brigar, e caminhou para o transporte em accelerado, formado em grandes divisões.

Eram seus chefes o coronel Freitas ; commandava o batalhão o tenente-coronel Carolino Tosta, e era fiscal o major Dias.

A mata que elles iam costeando, fazia uma ponta no Tuyuty, barrando a vista da entrada da bocaina, de sorte que, quando venceram essa ponta, viram-se inexperadamente cara a cara com o inimigo.

Foi solemne aquelle primeiro momento em que os dous ad-

versarios encontraram-se: quedaram ambos, um momento, turbados, a medir-se.

Os paraguayos vinham vestidos de vermelho, e estavam fortes de varios batalhões de infantaria, e alguma cavallaria, que jogava foguetes de congreve sobre os transportes, a incendia-los.

Adiante dos paraguayos, e tocados por estes, vinham umas 20 praças do 21 de voluntarios, que elles tinham destroçado com forças superiores. O tenente, que vinha dirigindo esta pequena força do 24, tinha sido ajudante do 7°, e ao ve-lo, correu a elle gritando:—Viva o 7° da ilha!

Duraria a hesitação alguns segundos, quando o 7° avançou sobre forças desmesuradamente superiores.

Os paraguayos tentaram faze-los recuar com seu numero, e com os foguetões, mas foram elles que foram recuando para dentro da bocaina. Talvez suppozessem elles ser o 7° da vanguarda de forças respeitaveis.

Os paulistas os foram tocando por algumas quadras até o Potreiro Pires, onde deram com um espectaculo capaz de desanimar qualquer soldado.

Uma força de 4 a 5 mil homens estava estendida no Potreiro, fronteando desde a bocaina do 42 até a bocaina do 7°. Seus lados direito e esquerdo eram protegidos por alguns regimentos de cavallaria.

Atraz da linha, um homem, montado em um soberbo cavallo escuro, percorria de ponta a ponta a linha de atiradores, tão approximado destes, que parecia que os calcanhares seriam pizados pelos cascos do animal. Com a espada na mão, elle apontava para a pequena força brasileira, e parecia invectivar os seus pela tibieza. Suppozeram ser o coronel Dias, afamado pela coragem e tino guerreiro.

Desembocando no campo o 7°, uma força de cavallaria paraguaya destacou-se por uma picada lateral. Dizem que tinham feito isso mesmo ao batalhão 24, que collocaram entre dous fogos, tendo a cavallaria tomado a retaguarda.

Ou soubesse disto, ou por ver os paraguayos ir tomar a retaguarda, o coronel Freitas mandou recuar, o que fez o 7°, trocando tiros com a infanteria paraguaya que os perseguia.

Chegando á picada lateral, pelo lado esquerdo, a desembocar no meio da bocaina em que tinham entrado, ahi encon-

traram a cavallaria inimiga, que foi sobre elle, mas o achou formado em circulo para os receber, e depois de alguns tiros, retrocedeu, indo procurar outro caminho que existia mais para o lado do Passo da Patria, onde dizem o 46 o fez recuar.

Deixando na boca da picada a que ia desembocar no meio da bocaina uma pequena força para conter a paraguaya, o 7° avançou pela segunda vez, tocando de novo os paraguayos até o Potreiro Pires, onde estes, animados pelo numero dos seus, e pelas exhortações de seu commandante, pela segunda vez tambem repelliu os brasileiros, até o meio da bocaina.

Como dous bravos touros, que se encontram, e qual leva outro adiante, qual recua quando cançado pelo desusado esforço, assim os brasileiros e paraguayos empurram e recuam por duas vezes: na terceira vez, porém, esquentados pelo calor do combate, e pela apparição de Osorio, que tinha ido buscar reforços, elles levaram os paraguayos por diante, fazendo recuar o grosso da força, que retirava-se passo a passo.

Tendo destroçado os paraguayos da frente, por este tempo entraram pela outra bocaina, do 42, batalhões novos, que os ajudaram a levar de vencida, indo os paraguyos procurar a mata.

A' tarde chegaram mais uns batalhões, que apressaram a debandada paraguaya.

Todos os que attenderem no que levo dito, que se os paraguayos tomassem a retaguarda do exercito, os transportes e munições, estava perdida a batalha de 24 de Maio, se notarem que os paulistas prohibiram-lhes o passo, contendo na bocaina forças sete á oito vezes superiores, podem avaliar o serviço que prestaram elles nesse dia.

Alguns chegam a dizer que a victoria é em grande parte a elles devida. Seremos justos, dizendo que é devida a todos, e que elles se portaram de modo brilhante, fazendo um grande serviço.

Osorio, a 24 de Maio, foi o anjo da victoria, que presente por toda a parte, animou o tibio, soccorreu o afadigado, serenou o furioso, levando o adjutorio immediatamente onde elle se tornava preciso.

Como pôde Osorio escapar das balas, que por toda a parte procurava em toda esta guerra? Era que Deus o reservava para

bem alto elevar a gloria do seu paiz, para ser o seu nome uma bandeira, que désse coragem ao fraco, e calma ao temerario.

Alguns comparam Osorio com Murat, o que é esconder uma injustiça debaixo de um elogio ; Murat, o faustoso, o apaixonado dos explendidos vestuarios, penachos, e bordados, só é comparavel a Osorio no valor indomavel.

Osorio, modesto, inimigo de toda a pompa e affectação, tem qualidades guerreiras, que se expandem no calor da acção. Sua barraca, rasgada pelas balas, sua aversão a toda ostentação, luxo e grandezas, sua capacidade, estabelecem grande differença entre o lhano Osorio e o apparatoso Murat.

Podem dizer que não é general de grandes conhecimentos em tactica, póde não ser um estrategico fóra de combate. Mas o que ninguem póde negar, sobretudo depois do dia 24 de Maio, é que na occasião do combate desenvolve tão eminentes dotes, reveste-se de tanta actividade, valor e tino, que os melhores generaes não lhe ficam superiores.

Como um grande orador que unicamente nas discussões, sómente excitado, é que desenvolve os seus recursos, Osorio só no combate revella suas qualidades, parecendo que o cheiro da polvora, o tumulto da batalha são seu aprasivel e excitante elemento. E bem como o estudo e o saber não é o que faz o grande orador, tão pouco não é elle que faz o general distincto que só por um dom de Deus é que nasce com as qualidades de Hoche ou Ney.

Osorio é o Ney brasileiro, Ney pela coragem inexcedivel, pelo tino guerreiro, e pelo enthusiasmo quasi fanatico que sabe inspirar ao soldado.

Não pense alguem que elevando Osorio, eu queira rebaixar Caxias.

Longe de mim está tal idéa. Muito estimo e respeito ao distincto duque, que acredito um general zeloso, que providencia tudo. Homem de bem, de immenso bom senso, é tão cuidadoso do bem do soldado, quanto é grande a sua pratica da vida militar.

Mas o favorito do exercito é Osorio. Osorio é tão grande e tão bom que elle eclypsou-se para Caxias apparecer, tomando sem murmurar um lugar inferior

Eu vos saudo, Ney brasileiro, encarnação do nosso exercito.

Eu vos conheci no meio de amigos que fizeste soldados, da-

quelles que trataveis como vossos iguaes. Se honro-me de ser brasileiro, é que o exercito, de que sois a personificação e o idolo, me faz orgulho de ser brasileiro, é que soubestes incutir no exercito o brio e o calor.

Foi Osorio quem fez o exercito, foi elle quem fez soldado o paizano, e formou o exercito brasileiro, com os officiaes que escolheu com grande tino. Formou quadros solidos, permanentes, destas massas confusas que iam do Brasil, incutiu o brio militar, e a disciplina, e tornou um soldado do voluntario paizano, que formava a maioria do exercito.

Havia de tudo naquellas massas; desde a escoria do Brasil até o que ha de melhor. Juntamente com miseraveis, haviam moços ricos, distinctos, das principaes familias, que foram arriscar a vida, arruinar a saude, sujeitar-se a miserias de toda a sorte, para mostrar seu amor pelo Brasil.

O mais nobre movel do coração humano é que levou ao Paraguay tanta gente boa. Riquissimos mais que todos os generaes, passaram miserias de Job; sadios, perderam a saude; bem educados, e illustrados, sugeitaram-se aos caprichos dos commandantes de linha, ás vezes despoticos e ignorantes que queriam faze-los soffrer o que tinham soffrido no começo de sua carreira.

A maioria, porém, da gente era ordinaria, sem conhecimentos, sem disciplina, necessitada.

No exercito se curvaram todos á disciplina, tornaram-se soldados, e fizeram brilhante papel.

Todas as provincias procuraram servir. Quando outro beneficio não houvesse, esta guerra serviu para ligar entre si este vasto Brasil, para o Sul e Norte approximarem-se, estimarem-se, e unirem-se pela communidade de soffrimentos.

Hoje é muito mais difficil separar-se o Brasil do que antes.

Além do mais, esta guerra deu ao Brasil o sentimento da patria, o brio militar. Podia prestar-se para assumpto de um poema, de uma nova Illiada. Temos heróes temerarios como Achilles, atilados e prudentes como Ulysses, respeitados e distinctos como Agamemnon, mas que não se exaltam hoje por não terem a seu favor o véu encantado da mythologia para encobrir-lhe os senões, e a perspectiva para os realçar.

Onde na historia vemos mais bravos soldados, e officiaes mais distinctos do que Magalhães, Camara, Pinheiro Guima-

rães, Peixoto Guimarães, Valente, e outros e outros, que se contam aos centos?

Onde se vê aquella bravura aventurosa da guerra nocturna, e da guerra da mata, a fria intrepidez, a paciencia contra as molestias, rigores das estações, miserias de toda a sorte?

Que mais podem fazer do que aquelles homens que deram a intelligencia, vida, mil sacrificios pela patria?

Tudo soffreram os brasileiros no Paraguay. A ausencia da patria, a centenares de leguas, e por longos annos; os furores do oceano, as intemperies, o pampeiro que deixava de repente sem barracas, o sol que fazia enlouquecer, os frios, geadas, chuvas, ventos, desabrigo, fome, sede, trabalhos excessivos, terra e elementos inimigos, inimigo traiçoeiro e fanatico, ferimentos, máos tratos, soffrimentos physicos e moraes de toda a sorte.

Como poderam os brasileiros vencer tantas contrariedades, elles que não tinham o habito da guerra?

E' que tinham um poderoso escudo, é que tinham o coração forrado pelo amor da patria, pela fé, e amor da gloria, poderosos escudos que os fizeram tão pacientes nos soffrimentos, e tão ardentes nos combates, que apezar de noveis na carreira das armas, nunca deram signaes de insubordinação, e conservaram-se na disciplina militar rigorosa.

Não terminarei sem manifestar um desejo que ha muito tenho. E' que os Paulistas; todos aquelles que padeceram no Paraguay, e todos os que pertencem ao exercito, se reunissem em S. Paulo neste grande dia. Ali, em patriotica sociedade, deviamos rememorar todos os annos, o dia da maior batalha da America Meridional, com o fim de perpetuar sua lembrança, e mais nos unirmos pelos laços do patriotismo.

Dr. Joaquim de Paula Souza.

Trovas populares em S. Paulo

IX

Ribeirão que corre, corre,
corre até que des'pparece;
no meio faz um remanso
aonde o meu bem padece.

Uma Ytuana inventora das flôres de côco

D. Maria Antonia de Souza Gurgel, filha do capitão Antonio Gurgel de Souza e de d. Escolastica do Amaral Gurgel, nasceu a 21 de Maio de 1806.

A esta digna e talentosa Ytuana devemos a invenção das estimadas e delicadas flôres de côco, cujo merecimento e apreço tanto tem sabido dar o estrangeiro, não só nas exposições da Europa, como agora na do centenario da Republica Norte Americana.

Fazem 28 annos que d. Maria Antonia estava trabalhando em umas pyramides feitas de fitas de côco, quando teve a lembrança de converter aquellas delgadas fitas em lindas e variadas flôres.

Do ideal para a realidade foi um instante; e logo a primeira occasião que teve para apresentar seus trabalhos, que foi no baptisado de um seu sobrinho, apresentou as flôres de sua invenção, causando muita admiração, e havendo duvida se eram de laminas de côco.

Ha bem pouco tempo que são conhecidas as flôres de côco no Brasil, devido ao desprezo que logo votamos a tudo que é invenção dos nossos patricios.

Só o genio e talento de d. Maria Antonia podiam mesmo vencer as difficuldades com que luctou para apropriar a fragil lamina de côco ao fabrico das flôres, e os diversos processos para extrahir o oleo do côco, e assim combinar as tintas.

D. Maria Antonia tambem trabalha em flôres de panno, cujo trabalho primoroso iguala ao das melhores floristas europêas.

Das muitas discipulas que tem tido, distinguem-se: a familia Teixeira, a de sua irmã d. Maria Joaquina, e a do fallecido cirurgião-mór Francisco Mariano da Costa, cuja naturalidade, delicadeza e perfeição em seus trabalhos, nada deixam a desejar.

Esta senhora, apezar de vermos suas faces já sulcadas pelo ferreo buril dos setenta annos, ainda trabalha com muita per-

feição; e a circumspecção de seu caracter, a serenidade de seu semblante e a penetração de seu olhar, fazem logo comprehender ao observador menos attento, a robustez de sua intelligencia.

Ella vive só em sua modesta casa, livre de tudo quanto é luxo e superfluo, entregue a seus affazeres, e retirada da exigente sociedade.

Como patriota é exaltada. Como progressista, lamenta a falta de cultura para tantas intelligencias, que jazem na obscuridade !...

As vezes que tenho o prazer de assistir suas conversações familiares, só me enchem de orgulho por conta-la no ról das dignas filhas do nosso estimado Ytú, que, mais que muitas outras cidades da provincia, tem razões para ufanar-se dos filhos que tem dado ao Brasil, nossa cara patria.

Aqui neste abençoado torrão, ninguem poderá negar a benefica influencia que sente do genio das artes; e por mais endurecido e inflexivel que seja seu coração, não deixará de sentir as impressões doces, variadas e profundas, que lhe faz este melancholico ambiente, que respira embalsamado pela suave fragrancia da Santa e Augusta Religião de nossos paes !...

Aqui é o lugar da provincia de S. Paulo, onde menos ha odio ou divergencias politicas e religiosas. Cada um milita debaixo de sua bandeira, e todos gosam plena liberdade em suas crenças.

Acceitae, sra. d. Maria Antonia de Souza Gurgel, estas mal traçadas linhas em testemunho de apreço e consideração de um dos vossos admiradores.

Ytú, 18 de Outubro de 1876.

Tristão Mariano da Costa.

Epigramma

Conhecem-se ao longe as bestas
Pela bulha dos estalos;
Mais ao perto as excellencias
Por mais ou menos cavallos.

O relogio do lar

Não sei que edade tem, mas sei que prézo e estimo
Aquelle antigo e bom relogio de parêde ;
A caixa é de madeira escura e bella, vêde...
A pendula dourada, e toda frente—um mimo.

Representa a paisagem :—sobre agreste cimo,
Um tronco que florindo a vista ao longe impede ;
Um tigre junto ao tronco escuta, espreita, céde
Ao pasmo que lhe causa o andar do machinismo,

Da pendula, porém, conforme os movimentos
Sonoros, merencorios, graves, doces, lentos
Se move o fulvo olhar da féra sorprendida.

Pois amo este primor de um genio da Allemanha !
Ali n'aquelle disco ao tergo da montanha...
—Quanta hora feliz não tive já na vida !

S. Paulo—1876. H. de Camargo.

Logogripho

(por lettras)

Que da semana faz parte—9, 6, 1, 1, 13, 7, 10.
Diz aqui este appellido;—9, 10, 11, 4, 10.
Tambem diz que este animal—3, 6, 4, 10.
Aqui sempre está mettido.—1, 11, 3, 13, C, 10.
Que para descanço serve,—3, 2, 7, 8.
Que é arbusto mui querido,—13, 3, 3, 10, 12.
E que nos pés deve estar,—1, 10, 4, 6.
Diz tambem este appellido.—7, 12, 4, 3, 6.
Que aqui se faz embarque—P, 10, 3, 4, 10.
E que no relogio é vista,—5, 10, 3, 6.
Diz tambem o charadista
Do *litterario almanak*.

Santos. A. Braziliense Carneiro.

MACHINAS DE COSTURA

PEQUENA WANZER

DE DOIS PESPONTOS

PERFEIÇÃO, ECONOMIA E ELEGANCIA

A UNICA MACHINA DE COSTURA A MÃO

DE POUCO PREÇO

QUE PRESTA UTILIDADE

Esta nova e excellente machina pelo seu diminuto preço e boa qualidade, veiu realisar o que ha tanto tempo, debalde, tem se tentado conseguir, isto é—UTILIDADE POR POUCO DINHEIRO.—PREÇO FIXO 40$000.

Unica agencia nesta cidade,

HENRIQUE SNELL

Rua Direita, 23.—S. Paulo

Noticia historico-biographica

DE

AMADOR BUENO DA RIBEIRA

O homem, ácerca do qual vamos dar breves noticias, nasceu na então villa de S. Paulo, nos primeiros annos do seculo XVI. Foi o filho primogenito de Bartholomeu Bueno da Ribeira, natural de Sevilha, que antes havia emigrado para a capitania de S. Vicente, onde casou com d. Maria Pires Fernandes, da notavel familia dos Pires, que mais tarde achou-se em luta com a dos Camargos.

Esta Maria Pires Fernandes, segundo a genealogia de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, era filha do capitão Salvador Pires, paulista potentado em *arcos* e fundador da outr'ora importante fazenda de *Ajuá*, situada em terreno até hoje conhecido com o mesmo nome, entre as freguezias da Sra. do O' e Juquery, onde com o trabalho de numerosos indios cultivava abundante trigo e vinha, com que fazia rendoso commercio e abastecia as povoações de S. Paulo e Santos.

E' portanto certo que Amador Bueno pelo lado materno foi descendente das principaes familias da terra, e posto que nada influa sobre o seu merito proprio a distincção ou obscuridade do nascimento, cumpre entretanto, para sermos fieis á verdade historica, consignar aqui a circumstancia de ter sido seu pae analphabeto, como ainda hoje póde-se verificar nos livros de registros antigos da camara de S. Paulo (annos de 1580 a 1612) onde elle assignava de cruz os actos a que comparecia.

Tambem deparamos nesses mesmos livros com as apurações das eleições que de certo em certo periodo tinham lugar n'aquelles tempos para juizes dos diversos officios mechanicos, e ahi tivemos occasião de verificar, que Amador Bueno da Ribeira foi eleito mais de uma vez para juiz do officio de carpinteiro.

Tambem encontramos em alguns testamentos declarações fei-

tas pelos testadores para que se pagasse a Bartholomeu Bueno o que estavam devendo de obras de carpinteiro feitas em sua casa.

Pedro Taques, em sua já citada genealogia, titulo de Buenos, diz que Bartholomeu Bueno, serviu repetidas vezes os cargos da republica, e que em 1622 era juiz de orphãos. Discordamos desta opinião, não só pelo que acabamos de expôr, como porque verificamos pelos inventarios ainda existentes no 1.º cartorio de orphãos desta capital, que nesse tempo o juiz era o filho do mesmo nome. Seja porém, como fôr, para nós é ainda uma gloria que o filho do carpinteiro houvesse attingido á posição a que chegou, como se vae vêr.

Casou Amador Bueno pelos annos de 1606 a 1607, como se deprehende do inventario de d. Anna Camacho, ainda existente no cartorio referido, com d. Bernarda Luiz, filha d'aquella e de Domingos Luiz, o *carvoeiro*, de alcunha, por ser natural do lugar da Carvoeira, freguezia da Massinhata, reino de Portugal.

Era este, lavrador de posses, que tendo assentado morada no bairro de *Piranga* (Ypiranga) ahi teve fazenda de criação de animaes, e nella edificou capella á invocação da Senhora da Luz, mudando-se depois para o bairro de *Guarepe* (bairro da Luz) onde levantou outra capella com a mesma invocação, á qual dotaram elle e sua mulher com a terça de seus bens, como consta do testamento e escriptura juntos aos autos de inventario da mesma d. Anna Camacho.

Esta capella é a mesma que cerca de 150 annos mais tarde foi convertida no Recolhimento da Senhora da Luz.

Em 1611, como consta do livro 3º de registro de sesmarias, Amador Bueno pediu e obteve do capitão Gaspar Conqueiro, loco-tenente do donatario da capitania, uma sesmaria de terras nas proximidades da aldêa de S. Miguel, allegando já que era casado, tinha filhos, e que não tinha terras para fazer lavoura e trazer suas criações.

Na petição declarava que as terras pedidas limitavam com as de seu pae Bartholomeu Bueno.

Que Amador Bueno occupou cargos honrosos da republica e que os serviu com desinteresse, prova-se com a petição de outra sesmaria, que abaixo transcrevemos, registrada com seu despacho, dado a 31 de Março de 1627 no livro 6º d'ellas.

Eil-a :

« Sr. Capitão e Ouvidor.—Diz Amador Bueno, morador na villa de S. Paulo, que elle em todas as occasiões que se offereceram do serviço de S. Magestade e defensão desta capitania, em occasião de inimigos, accudiu com seus indios e escravos, assistindo nesta villa de Santos á sua custa, e ora está servindo de Ouvidor desta capitania de S. Vicente, por provisão do conde de Monsanto, donatario della, accudindo a todas as obrigações do dito cargo, indo de uns juizos para outros com muito gasto de sua fazenda, sem haver ordenado nem estipendio algum com o dito cargo, e é casado, e assistente na dita villa de S. Paulo, e tem muitos filhos e filhas, sem ter terras onde os poder accommodar, fazer seus mantimentos e trazer suas criações ; e ora no termo da dita villa de S. Paulo, nos campos de Juquery ha alguns capões de mattos maninhos devolutos, para a banda do sertão. Pede a vossa mercê, que attendendo ao que allega lhe faça mercê de dar as terras que pede.—Despacho : Dou ao supplicante as terras que pede. Santos, 31 de Março de 1637—*Alvaro Luiz do Valle.*»

Exerceu tambem Amador Bueno o cargo de Juiz de orphãos na villa de S. Paulo, pelos annos de 1627 a 1628, como se verifica pelos inventarios desse tempo, ainda existentes no respectivo cartorio.

Ouçamos agora o que diz o genealogico Pedro Taques a respeito de Amador Bueno :

«... Foi um dos paulistas de maior estimação e respeito assim na patria como fóra della. Teve grande tratamento e opulencia, por dominar debaixo de sua administração muitos centos de indios, que do gentio barbaro do sertão se tinham convertido á nossa Santa fé pela industria, valor e força das armas, com que os conquistou Amador Bueno em seus alojamentos. Com o trabalho destes homens occupados em dilatadas culturas, tinha todos os annos abundantes colheitas de trigo, milho, feijão e algodão. Desta fartura ficava sendo igual a da creação de porcos.

«Possuia numero grande de gado vacum, animaes cavallares, e rebanho grande de ovelhas, de que foi muito fertil o estabelecimento e povoação de São Paulo, cujos habitantes não logram no tempo presente (1760) d'aquella abundancia antiga da creação das ovelhas, por cuja falta se extinguiram as fabricas de

chapeos grossos, que ainda no fim do seculo e anno de 1699, estavam estabelecidas. Da abundancia que possuia Amador Bueno sabia liberal empregar na utilidade publica e despender nas occasiões do real serviço; porque de S. Paulo costumava ir para a cidade da Bahia, em apertos de guerra, soccorros de farinha, de trigo, carne de porco e feijão, que pediam os governadores geraes do Estado em diversos tempos. Occupou Amador Bueno os honrosos cargos da republica de sua patria, tendo as redeas do governo desta repetidas vezes; e sempre o primeiro voto nos accordãos do bem publico e do serviço do rei. Foi ouvidor da capitania de S. Vicente e na camara desta villa, como cabeça de comarca, tomou posse a 11 de Fevereiro de 1627, e neste mesmo anno pediu de sesmaria umas terras que se lhe concederam e na supplica relata haver feito muitos serviços a S. Magestade e haver accudido com suas armas e escravos em todas as occasiões de inimigos á villa de Santos, sempre á sua custa.

«Foi provedor e contador da fazenda real da dita capitania por provisão de Diogo Luiz de Oliveira, datada da Bahia a 6 de Dezembro de 1633, de cuja occupação tomou posse em Santos, que lhe deu Pedro da Motta Leite, capitão e governador da dita capitania, a 27 de Abril de 1634.

«Passou a governador da dita capitania de S. Vicente, com patente de capitão-mor e soldo de 80$000 réis que sempre perceberam os capitães-móres governadores da capitania de S. Vicente e S Paulo.

«Foi Amador Bueno vassallo de tanta honra e fidelidade, que achando-se na sua maior opulencia de cabedaes, respeito e estimação, com dous genros castelhanos, ambos irmãos e fidalgos ambos, que tinham poderoso sequito de hespanhoes, casados e estabelecidos em S. Paulo com alliança das familias mais principaes da capitania, não podendo estes castelhanos supportar a gloriosa e feliz acclamação do senhor Rei d. João V de Portugal, e segundo do nome, entre os serenissimos duques de Bragança, formaram um corpo tumultuario e a vozes acclamaram por seu rei a Amador Bueno, intentando vencer com este barbaro e sacrilego attentado, a constancia do honrado vassallo Amador Bueno, para deste modo evitarem a obediencia e reconhecimento que se devia dar ao legitimo rei e natural senhor, ficando S. Paulo com a voz de

Castella, assim como estiveram os moradores da Ilha Terceira até o anno de 1583, com a do sr. d. Antonio, prior do Crato, que se achava refugiado em França, e a favor de quem sustentava aquelles mares com armada de muitos vazos Felippe Strosi e mr. Frisay...

«Tinha o corpo da rebellião adquirido força nos auctores della, os castelhanos que por si e suas familias avultavam em grande numero, eram os tres irmãos Rendons da cidade de Coria, d. Francisco de Lemos, da cidade de Orense, com seus dous filhos d. Balthasar e d. Jeronymo de Lemos, d. Gabriel Ponce de Leon, da cidade real de Guayra, da provincia do Paraguay; Bartholomeu de Toralles, da Villa Rica do mesmo Paraguay, com varios filhos que trouxe de sua mulher d. Anna Rodrigues Cabral, que falleceu em S. Paulo a 13 de Maio de 1639, (*) natural da cidade real de Guayra; d. André de Zunega e seu irmão d. Bartholomeu de Contreras e Torales, d. João d'Espinola Gusmão, da dita provincia do Paraguay, e outros muitos hespanhoes, etc. Porém, Amador Bueno sem temer o perigo nem deixar vencer-se da indiscreta lisonja com que lhe offereciam o titulo de rei para o governo dos povos da capitania de S. Paulo, sua patria, soube desprezar e ao mesmo tempo reprehender a insolente acclamação, desembainhando a espada e gritando a vozes:—Real, real por d. João 4º Rei de Portugal!

«Salvou a vida do perigo em que se viu pelo corpo desta horrorosa sedição, recolhendo-se ao sagrado do mosteiro de S. Bento, acompanhado dos leaes portuguezes europeus e paulistas, até ficar em socego o inquieto animo dos castelhanos, que tinham fomentado o tumulto.

«Nesta acção deu inteiramente credito de si a incontestavel lealdade deste vassallo paulista.

«Não occultou o segredo do tempo na officina do olvido esta briosa resolução de Amador Bueno, porque reinando o senhor

---

(*) Ha engano em parte destas asserções de Pedro Taques: D. Anna Rodrigues Cabral falleceu em Parnahyba e não em S. Paulo; o seu inventario e testamento ainda existem e delles consta que não teve filhos alguns, pelo que instituiu herdeira de sua meação a sua mãe.

Rei d. João V, de saudosa memoria, se dignou a sua real grandeza mandar lançar o habito de Christo a Manuel Bueno da Fonseca, sem preceder as provanças pela mesa da consciencia e ordens, porque logo que lhe fez esta mercê o houve por habilitado e na carta que lhe mandou passar se contêm esta expressão :—*por ser neto do meu muito honrado e leal vassallo Amador Bueno.*

«Este facto da intentada acclamação de rei, que não acceitou Amador Bueno, se lê no archivo da camara da villa, capital de S. Vicente, no livro grande de registros, tit. 1684, fls. 125 até 126.

No mesmo archivo, liv. 1684 até 1782 fls. 125 se acha a patente de Arthur de Sá Menezes a Manuel Bueno da Fonseca, em que se declara a lealdade de Amador Bueno, sendo acclamado pelo povo; a qual patente confirmou El Rei d. Pedro II em 23 de Novembro de 1701, registrada em S. Vicente no liv. tit. 1702, fls. 1 v.»

Pedro Taques affirma que Amador Bueno foi capitão-mór de S. Vicente e tambem provedor da fazenda real, e cita até as datas das respectivas posses, referindo-se aos livros do cartorio da provedoria da fazenda, que já não existem ; mas devemos notar que nos livros de registros das sesmarias, e em muitos outros antigos, que ainda se conservam, não encontramos Amador Bueno senão com os cargos que mencionamos. E com effeito, na lista dos capitães-móres e loco-tenentes dos donatarios da capitania encontramos este lugar occupado por outros durante o tempo dado por Pedro Taques ao exercicio de Amador Bueno.

Lemos algures que este distincto paulista, sempre discreto e desinteressado, e para acalmar o animo exacerbado dos hespanhoes que o quizeram envolver em seus planos de embaraçar o reconhecimento de d. João IV, retirara-se por algum tempo da villa de S. Paulo para a de Santos ; o que é, porém, certo, e consta do L. de Vereanças, é que a 6 de Agosto d'aquelle anno foi Amador Bueno eleito pelo povo e camara da villa de S. Paulo para ir a Portugal como procurador dos paulistas, afim de entender-se com o governo sobre o negocio da expulsão dos jezuitas.

Como temos verificado, a mallograda acclamação de Amador Bueno teve lugar a 1º de Abril de 1641 e a de d. João IV, pela

camara e povo da villa de S. Paulo, celebrou-se no dia 3 do mesmo mez, como consta do liv. de Vereanças, tit. 1641.

Este acto solemne da acclamação está assignado pelo capitão-mór, João Luiz Mafra, Antonio Raposo Tavares, Francisco Pinheiro Raposo, João Fernandes Savedra, Paulo do Amaral, João Martins Heredia, Miguel Garcia Carrasco, frei João da Graça, o abbade de S. Bento frei Bento da Trindade, frei Manoel de Santa Maria, frei Francisco dos Santos, guardião, Fernão Dias Paes, Antonio Pompeu de Almeida, Francisco Rodrigues Guerra, o licenciado Francisco de Chaves, o vigario Manoel Nunes, Francisco Velho de Moraes, Lourenço Cast.º Taques, e Victor Antonio de Castro Novo.

Amador Bueno, de quem não mais falla a historia, parece haver-se recolhido inteiramente á vida privada.

Pedro Taques, minucioso escavador das antiguidades paulistanas, nada mais, avançou sobre este heroe paulista depois da regeitada acclamação em 1641, e nós, posto que pesquizamos mais de um seculo após o infatigavel genealogico, apenas conseguimos descobrir que Amador Bueno ainda vivia até 18 de Outubro de 1649, porque nesse dia compareceu em audiencia do juizo de orphãos da villa de S. Paulo para entregar certa quantia de dinheiro pertencente aos menores seus sobrinhos, filhos de seu finado irmão Francisco Bueno, sollicitando nessa occasião exoneração do encargo de tutor dos mesmos, por *ser já bastante velho* e achar-se onerado com a tutoria dos filhos de seu irmão Bartholomeu Bueno, fallecido no sertão.

Sua filha, d. Catharina Ribeiro, casada com o capitão-mór Antonio Ribeiro de Moraes, fez testamento a 8 de Novembro de 1676 e nelle declarou, que seus paes e avós já eram mortos e que não tendo filhos instituia por seus herdeiros sua sobrinha d. Bernarda de Alarcão, filha de Francisco Rendon de Quevedo, etc., etc.

Fica pois, averiguado que Amador Bueno falleceu no periodo que decorreu de 1649 a 1676.

De seu casamento com d. Bernarda Luiz, deixou elle os seguintes filhos:

1.º Amador Bueno, moço, casado com d. Margarida de Mendonça, fallecido em 1683, em avançada edade, como se de-

prehende de seu inventario ainda existente e ella fallecida em 1688.

2.° Antonio Bueno, casado com d. Maria do Amaral, com descendencia, ella fallecida em 1658.

3.° Diogo Bueno, casado com d. Maria de Oliveira, com descendencia ; falleceu em avançada edade em 1700.

5.° Francisco Bueno Luiz, casado com d. Paula Moreira, falleceu com descendencia.

5.° D. Catharina Ribeiro, casada a primeira vez com Antonio Preto e a segunda com o capitão-mór Antonio Ribeiro de Moraes, sem descendencia, fallecida a 16 de Abril de 1677.

6.° D. Isabel Ribeiro, casada com Domingos da Silva, ella falleceu em 1603 e elle em 1681, com descendencia.

7.° D. Anna Ribeiro, casada com d. Francisco Rendon de Quevedo, com descendencia.

8.° D. Maria Bueno, casada com d. João Matheus Rendon, com descendencia.

9.° D. Mariana Ribeiro, casada com Sebastião Preto Moreira fallecido em 1687, com descendencia.

(*Cartorio 1° de orphãos de S. Paulo*, inventario de Francisco Bueno e de Bartholomeu Bueno da Ribeira. *Camara municipal*, liv. de registro de Vereanças, de 1560 a 1612. *Cartorio da Thezouraria da fazenda de S. Paulo*, liv. de registro de sesmarias. *Pedro Taques de Almeida Paes Leme*, genealogia das principaes familias).

S. Paulo—31 de Dezembro de 1875

M. E. A. Marques.

Trovas populares em S. Paulo

X

Apertai a minha mão,
não aperteis meu dedinho,
não quero que ninguem saiba
deste nosso brinquedinho.

UM POETA

O digno editor do *Almanak Litterario de S. Paulo* teve a bondade de offerecer-me, pela segunda vez, algumas paginas de seu interessante livro. Desta vez acceito-as, mas para cedel-as a outrem, que as occupará com muito mais proveito para os leitores do que eu o poderia fazer.

—Farei a apresentação do meu substituto, dando a seu respeito uma ligeira noticia.

Em 1859 matriculou-se em nossa Faculdade um estudante bem moço, filho de Angra dos Reis;—chamava-se—Antonio Rodrigues Guimarães Junior. Dotado de talento tanto superior quanto modesto, esse estudante distinguiu-se entre seus numerosos collegas, no estudo das sciencias juridicas e sociaes:—Rodrigues Guimarães era apontado, com justiça, por seus collegas entre os melhores estudantes do seu anno.

Nas horas de descanso entregava-se a estudos de litteratura e ao cultivo da poesia; mas suas producções só eram conhecidas de seus amigos, dos companheiros de *republica*.

Rodrigues Guimarães era de construcção debil e doentia; seu aspecto denunciava a grande enfermidade que soffria e a profunda melancolia que lhe ia pela alma; vivia apprehensivo e dominado pela idéa fixa e desoladora da morte, que previa proxima: — previsão que infelizmente realisou-se muito cêdo!

Em 1863, quando devia cursar o 5º anno, a sua cruel enfermidade aggravou-se de modo a prival-o de acompanhar seus collegas. Formou-se em 1864 e, dois ou tres annos depois-morreu—victima de uma thysica pulmonar, que o martyrisou durante grande parte de sua curta existencia.

Rodrigues Guimarães passou sobre a terra como um d'esses meteóros, cuja passagem é tão rapida que não dá tempo de contemplar e admirar o seu brilho;—morreu quando começava a viver, morreu quando apenas estava na manhã da vida!

Entre as mais saudosas recordações de minha vida academi-

ca guardo, como preciosas reliquias, o retrato e algumas poesias d'aquelle amigo e collega, tão distincto quanto infeliz.

A excessiva modestia de seu auctor nunca permittiu que essas poesias e outras producções litterarias, de verdadeiro merecimento, fossem publicadas.

E' para occupar com duas poesias, em que o pensamento da morte afflige o poeta do primeiro ao ultimo verso, que acceito as paginas do *Almanak*, que me são generosamente offerecidas por seu incançavel editor.

Essas poesias foram escriptas,—a primeira *Vou morrer*, em S. Paulo em 1861, e a outra—*Não me esqueças*—em Theresopolis, onde Rodrigues Guimarães passou alguns mezes do anno de 1863, em busca de linitivo aos soffrimentos que o levaram ao tumulo.

Assim presto um tributo sincero á memoria de um collega de quem fui amigo intimo, e ficarão as paginas do *Almanak* melhor occupadas do que com qualquer escripto de minha penna, habituada ha 12 annos a só escrever trabalhos forenses, comprehendidos no circulo limitado de um obscuro advogado da roça.

Piracicaba, 24 de Outubro de 1876.

PRUDENTE DE MORAES.

VOU MORRER!

A fronte pura da vida
Seccou-me a dôr do soffrer;
Minhas flores já murcharam
Tudo me diz—vou morrer!

A vida sorriu-me um dia
No grito d'alma ao nascer;
Mas hoje meu riso é pranto,
Tudo me diz—vou morrer!

As esperanças hei visto
Uma a uma a fenecer;
Rouca voz d'um peito impuro
Só me diz que—vou morrer!

Tanta illusão, tanto sonho
A morte rouba-me ao ser;
Hoje apenas geme o peito
Dizendo que—vou morrer!

Tudo perdi. Só me resta
Meu tormento e vida pura,
Meu amor, teu nome santo,
Uma cruz na sepultura!

S. Paulo—1861

A. R. Guimarães Junior.

NÃO ME ESQUEÇAS

Oh! não me esqueças, se maldita sorte
Roubar-me o gôzo de te ver um dia:
Oh! não me esqueças, se eu morrer tão cêdo,
Pobre mancebo que por ti sorria.

Oh! não me esqueças, que um porvir ardente,
Louco eu sonhava povoar de amôr;
Toldaram-se aguas de azulado lago,
Quebrou-se o ramo no colher da flôr!

Oh! não me esqueças. Na vigilia amarga
Córre-me aos olhos copioso pranto;
Chóro por ti, que, em minhas noites negras,
Inda me inspiras teu celeste encanto.

Oh! não me esqueças, se não resta um éco
De tantas crenças, que elevei no peito,
Vento do norte me soprou na fronte,
Morrerão todas no soffrer do leito!

Oh! não me esqueças, que em meus tristes sonhos
Ainda apparece tua imagem bella,
Fada celeste, me acalmando as dores,
Nas trévas d'alma—peregrina estrella!

Oh! não me esqueças, que no peito exangue
Arde essa chamma, que atiar soubéste,
Inda palpita o coração sedento
D'essa esperança que a sorrir lhe déste.

Oh! não me esqueças, que eu te dei minh'alma
Déra-te ainda meu futuro inteiro;
Lembra o passado venturosas folhas,
Onde escreveste meu amor primeiro.

Mulher divina, não me esqueças nunca!
Eu dei-te os cantos de um amor supremo;
Mancebo—eu dei-te meus ardentes sonhos,
P'ra ti eu guardo meu suspiro extremo!

Oh! não me esqueças, qu'eu amei-te muito,
N'um teu sorriso me prendi demente,
Oh! não me esqueças, se eu morrer sem vêr-te,
Que em ti pensando—morrerei contente!

Theresopolis—Abril—1863

A. R. Guimarães Junior.

Um edital

O Juiz presidente da camara e seus vereadores republicanos que servimos na governança desta villa de Sorocaba e seu termo na fórma das Ordenações de Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde, etc., etc.

Fazemos saber aos moradores desta villa e seu termo, homens republicanos e nobreza, que no dia 14 deste presente mez pelas 9 horas da manhã, mais ou menos, se ha de proceder á eleição de barrete, de dous Juizes Ordinarios e um procurador da camara para servirem o anno proximo futuro de 1818, por se terem livrado os que haviam sahido eleitos em pelouros, o capitão-mór Manoel Fabiano de Madureira, o capitão José Ferreira Prestes, e de procurador João Leite do Canto: para cujo effeito compareçam, nas ditas horas do referido dia que se ha de proceder á dita eleição. Outro sim fazemos saber, que nos dias 25, 26 e 27 do presente mez se ha de cobrar as decimas das casas dos predios urbanos; todos compareçam com os seus pagamentos, pena de que o não fazendo se proceder executivamente sobre seus bens.

Igualmente fazemos saber a todo povo e homens mercantis de fazendas suas, e botequins e tavernas, que no dia 31 do presente, e corrente anno, havemos de fazer nossa correição geral pelas ruas desta villa, para cujo effeito tenham as suas testadas limpas e aceiadas, suas licenças e aferições promptas, e seus generos limpos, afim de não prejudicarem o publico; e os que tiverem formigueiros em seus predios os tirem até o referido dia, e os que tiverem porcos os retirem para fóra da villa, com a pena de serem mortos e destruidos, e na mesma conformidade as cabras, á excepção das de leite, e todos aquelles que não cumprirem com as forças do presente edital serão condemnados na fórma dos provimentos da correição proxima, isto os qne ficarem comprehendidos nesta falta achada em a dita nossa correicão, e trinta dias de cadéa. E para que chegue á noticia de todos, e não possam allegar ignorancia, mandamos lavrar o presente edital, por nós sómente assignado, que depois de lido e publicado pelas ruas desta villa será affixado no lugar do costume, e vae sellado com o sello das reaes armas que perante nós serve. Dado nesta villa de Sorocaba em camara de 6 de Dezembro de 1817. Eu Luiz Manoel Feliciano Kelly, escrivão da camara que o escrevi.—*Barboza, Nepomuceno, Prestes, Leite, Oliveira.*

Á THESOURA DE OURO

SÃO PAULO

3—Rua da Imperatriz—3

Cruz, Irmão & C., estabelecidos nesta cidade, á rua e numero acima, abastecendo-se das mercadorias, que fazem objecto do seu ramo de industria, nos mercados da Europa e Rio de Janeiro, acham-se habilitados como ninguem mais, a offerecer áquellas pessoas que os honrarem com sua confiança, um completo sortimento de pannos, casimiras para verão e inverno, elasticotinas, brins lizos, trançados, brancos e de côres, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, botões, etc.

A par da qualidade dos materiaes e da elegancia do córte, incrivel modicidade nos preços.

E AINDA:

Suas relações muito estreitas com os industriosos portuguezes, fabricantes de vinho, os põem em condições de offerecer ao respeitavel publico, no deposito annexo ao seu estabelecimento, o mais completo sortimento de vinhos, recommendaveis por sua pureza e genuidade.

S. Paulo na balança do Imperio

Decretou a assembléa constituinte, em 1823, a creação de duas Universidades, uma em S. Paulo, outra em Olinda.

Não teve execução a lei.

Em 1826, tratando-se na camara dos deputados da creação de um curso juridico, dividiram-se extremamente as opiniões sobre as materias de que se deviam compôr os estudos Sociaes e Juridicos, numero de cadeiras, e séde do curso.

Alguns dos mais illustres parlamentares da época oppozeram-se tenazmente ao ensino do direito romano, como um composto de ficções, subtilesas e contradicções, só proprias para enredar a jurisprudencia e favorecer o absolutismo.

Era essa a opinião quasi geral, e foi a que prevaleceu.

Quanto á séde da academia, tudo conspirava para se presumir que seria o Rio de Janeiro: além de ser o melhor modo de evitar a difficuldade da escolha entre as provincias que pretendiam a preferencia, dava-se satisfação ao governo, que já anteriormente recebera quarenta contos de uma subscripção popular com destino a um curso de direito na Côrte.

N'estas circumstancias, procedeu com summa habilidade o deputado Paula e Souza, e conseguiu trazer a um accôrdo tantos alvitres encontrados.

Começou por offerecer uma emenda ao projecto, propondo a creação de dous cursos, um ao norte, outro ao sul. Já tendo a Bahia uma escóla medico-cirurgica, e o Rio de Janeiro tres escólas superiores, competiam os cursos juridicos a Pernambuco e S. Paulo.

Restava a concorrencia de Minas, que tinha poderoso advogado na pessoa do grande Vasconcellos.

Pretendia este deputado que Barbacena, sua terra natal, offerecia as maiores vantagens para um estabelecimento de ensino superior: amenidade do clima, baratesa dos generos alimenticios, casas de graça aos inquilinos, muitos litteratos habilitados para o professorado, etc.

Quanto a S. Paulo, não tinha casas para 50 estudantes, não

tinha imprensa, nem livrarias; faltavam-lhe meios de communicação; ninguem queria vir ensinar aqui; os presidentes de provincia eram despoticos, e inimigos da instrucção. Não admiraria que mandassem em ferros para as fortalezas os professores e os estudantes, como *republicanos*, e incendiarios.

Paula e Souza sustentou com muito vigor a discussão, mas, porque sua voz era muito fraca, e o serviço tachigraphico estava mal organisado, os discursos do illustre paulista chegaram até nós muito incompletos.

Leia-se a apologia que da sua provincia fazia o illustre parlamentar em 8 de Agosto de 1826, respondendo a Vasconcellos:

. . . . . .

«Porém, o que mais me custou ouvir é que ali (em S. Paulo) não póde haver uma opinião publica influente.

«Eu estou fallando perante respeitaveis testemunhas todas presenciaes: permitta-se-me perguntar a todos, e a cada um dos dignissimos membros que formam este congresso augusto: qual foi a provincia que em todos os tempos, e principalmente nos da nossa revolução, tem tido uma opinião mais influente, mais poderosa? Qual a que tem dirigido a opinião das outras? Qual a que por esta opinião tem contribuido mais para os felizes resultados da nossa regeneração e da nossa emancipação?

«Porventura a côrte do imperio, o Rio de Janeiro, apresentou opinião alguma, antes de a haver manifestado a cidade de S. Paulo? *(apoiados)*.

. . . . . .

«A provincia de S. Paulo, srs., possue uma opinião muito bem formada, não só nos homens de lettras, que não são tão poucos como se quiz inculcar, mas ainda na massa geral do povo, que em todos os tempos tem dado exuberantes provas das mais heroicas virtudes. *(Apoiados geraes)*.

«Não tema o nobre deputado que decaiam ali os estabelecimentos scientificos por falta desta emulação, ou dessa opinião publica.

«Si os paulistas faltos de todos os meios de instrucção, tendo a lutar com tantas difficuldades, tem sempre enobrecido o catalogo dos sabios do Brazil, acaso degenerarão, quando se lhe proporcionarem e facilitarem os meios de exercitar os seus talentos?»

UBALDINO DO AMARAL.

MARIA

Tu és a dhalia dos jardins da vida,
A estrella erguida no ceruleo véo,
Tens n'alma um mundo de verdades santas
E a terra encantas n'um sonhar do céo.

(F. Varella.)

Formosa virgem de meus ricos sonhos
Meigos, risonhos de eternaes fulgôres,
«Quem póde ver-te sem querer amar-te?»
«Quem póde amar-te sem morrer de amôres?»

Tu és a rósa de amoroso encanto,
O emblema santo de infinito amôr,
Eu sou o lyrio a balouçar no galho,
Sem ter orvalho, matinal frescôr.

Tu és a dhalia, seductora e linda
N'alfombra infinda de primor eterno,
Eu sou o lothus que o tufão do norte.
Lhe deu por sorte o temporal do inverno.

Tu és a auróra que abrilhanta a veiga,
Tão casta e meiga, primorósa e bella;
Eu sou o goivo que tristonho cresce,
E assim fenece junto á cruz singéla.

Tu és o cysne que percorre os lagos,
Com mil affagos na manhã florida;
Eu sou o joven que em prizão fechado,
Vive privado dos festins da vida.

Tu és a pomba de gentis palmares,
Que adeja aos ares como a aguia altiva;
Eu sou a rôla do arvoredo esguio,
Triste, sombrio, na manhã festiva.

Tu és o anjo que n'um sonho infindo,
Brinca sorrindo na infantil miragem;
Eu sou o bardo, que o pezar consome,
Póbre, sem nome, na infeliz romagem.

Tu és a virgem dos jardins da vida,
—Qual flor querida que embalsama os ares;—
Eu sou o nauta que perdeu a esp'rança,
Sem ter bonança em procellosos mares.

Tu és a estrella que nos céos fulgura,
Brilhante e pura como a luz do dia;
Eu sou o cirio que succumbe á vida,
Na campa erguida, funeral sombria.

. . . . . .
. . . . . .

Pois bem, agora que adorei teu brilho,
Mostrae-me o trilho da escabrosa estrada;
Mas ah! não posso... proseguir sósinho,
O audaz caminho da fatal jornada!

Tieté—1876.

Lucas de Lima.

Maxima dos jesuitas

Dá a tua casa nova no primèiro anno ao inimigo, no segundo ao indifferente, no terceiro ao proximo.

Pindamonhangaba (*)

O territorio que constitue hoje o municipio de Pindamonhangaba, era, ainda em principios do seculo XVII, simples bairro da villa de Taubaté, uma das mais antigas da capitania.

Ahi se haviam estabelecido por esse tempo, em lavouras abastadas, os moradores da primeira nobreza de S. Paulo, Braz Esteves Leme, alcaide mór, seu irmão Antonio Bicudo de Leme, seu filho Manoel da Costa Leme, e seus dous genros João Corrêa de Magalhães e Pedro da Fonseca de Magalhães, irmão deste.

Eram estes paulistas oriundos da nobre casa de Manoel Pereira de Vasconcellos, senhor e morgado da Villa de Sinfães, em Portugal.

A' margem direita do rio Parahyba, em uma extrema planicie, a tres legoas de Taubaté e trinta da cidade de S. Paulo, erigiram estes moradores uma modesta capella para ahi ouvirem missa, e assim teve começo a povoação de Pindamonhangaba.

Desenvolvendo-se esta, acclamou-se em villa e separou-se violentamente da sujeição ás justiças de Taubaté.

Eis como o chronista Pedro Taques refere este importante facto: «não querendo estar sujeita á jurisdicção da villa de Taubaté, se congregaram em um corpo para hospedar ao desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor geral e corregedor da comarca de S. Paulo, que por ordem régia baixava ao Rio de Janeiro, e tendo chegado á capella e sitio de Pindamonhangaba, se deixou corromper com vileza de animo de um grande donativo de dinheiro, que os taes principaes lhe deram, para formar em villa aquella povoação; e como sempre foi poderoso este inimigo, se facilitou o dito desem-

(*) *Pinda*—anzol—*monhangaba*—fabrica.—Fabrica de anzol. A 22' 55" de latitude austral. (Saturnino).

bargador Saraiva para obrar um attentado, porque em uma noite creou juizes e officiaes para a camara, levantou pelourinho no silencio da mesma noite, e nella tudo dispôz, de sorte que, amanhecendo o dia seguinte, estava Pindamonhangaba feito villa; e o dito ministro seguiu jornada a demandar a serra de Paraty.

Desta insolencia se queixaram os da villa de Taubaté a Sua Magestade e ao mesmo Senhor recorreram os da nova villa de Pindamonhangaba.

El-rei, porém, com a sua paternal clemencia, perdoou aos culpados, e usando de sua real grandeza, houve a dita villa por acclamada, como se vê na carta régia de 10 de Julho de 1705, registrada no livro 1º do registro das ordens reaes da ouvidoria de S. Paulo.» (a)

Sobre a fundação da primitiva capella e povoação, esclarece o respectivo livro de Tombo, aberto pelo vigario Antonio Gonçalves Chaves, em 10 de Julho de 1647, como se segue: (b)

«A igreja desta freguezia é da invocação de Nossa Senhora do Bom Successo, haverá quarenta annos, era antes matriz e capella do Senhor S. José. E' feita de taipa de pilão, é coberta de madeira de ripa e coberta de telha. Tem uma torre de madeira com dous sinos. Tem sachristia e pia baptismal de pedra fixa. Tem quatro irmandades, a saber: a do Santissimo Sacramento, a de Nossa Senhora do Bom Successo, a de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos, a de S. Miguel das Almas. (c)

(a) Revista do *Instituto Historico*, 1847, pags. 454 a 455.

(b) Folhas 2.

(c) Em um assento exarado no mesmo livro do Tombo (fl. 20 e 21) no anno de 1766 se declara o seguinte:

«Foi esta freguezia desmembrada da freguezia de S. Francisco das Chagas de Taubaté, sendo primeiro capella filial da dita freguezia. Foi fundada a dita capella por Antonio Bicudo Leme, ha 80 annos pouco mais ou menos, sendo então este lugar sitio de morada do dito fundador...

«Consta esta freguezia de 312 fogos e de 1810 pessoas de confissão e communhão no tempo presente. Parte por uma parte com a de Taubaté e para este tem uma legoa de districto até a passagem chamada—Formigueiro; por outra parte com a de Guaratinguetá, que tem de districto tres legoas até a passagem chamada—Perapitinguy.

Em (d) 1 de Dezembro de 1827, o bispo do Rio de Janeiro, d. frei Antonio Guadalupe, percorrendo a sua diocese, visitou a villa de Pindamonhangaba e mandou que—« no *Altar Maior* se collocasse uma imagem de S. José, a quem dedicava, para que d'ahi em diante assim se intitule. »

A imagem devia ser feita com esmolas que o virtuoso prelade deixava em mão do capitão Manoel da Costa Leme.

Teve ainda (e) Pindamonhangaba a honra de ser visitada em 3 de Outubro de 1782 pelo bispo de S. Paulo, d. Francisco Manoel da Resurreição, e em Julho de 1854 pelo egregio bispo da mesma diocese, d. Antonio Joaquim de Mello. E em 1874 pelo actual bispo d. Lino.

Augmentando sempre em população e riqueza a villa de Pindamonhangaba, a lei provincial n. 17, de 3 de Abril de 1849, conferiu-lhe os fóros de cidade.

Fica esta collocada á margem direita do rio Parahyba, em uma extensa planicie, acima do nivel das aguas do rio, em altura tal, que a preserva de ser innundada, ainda nas mais extraordinarias enchentes.

A nobreza dos edificios publicos e particulares em Pindamonhangaba, denuncia ao viajante, ao primeiro lance de vista, a abastança do lugar e o grão adiantado de sua civilisação.

A igreja matriz, cuja reconstrucção terminou-se recentemente, (1860) é talvez o primeiro templo da provincia por sua esplendida architectura e ornamentação interior.

Em 1841 ainda se via neste mesmo local a antiga matriz, igreja aldeã, embora vasta, de desagradavel apparencia.

Nesse mesmo anno derribou-se a sua frente, e em 1842 lançaram-se os fundamentos do novo frontespicio, o qual concluiu-se em 1853.

Proseguiu-se na reconstrucção do resto do templo, cujas obras

———

« Nesta freguezia quasi todos morrem intestados, por serem pobres.

« Tem esta freguezia duas capellas filiaes a esta matriz, que vem a ser a do Senhor S. José. Outra a de Nossa Senhora do Rosario do Rio Abaixo, tres legoas pouco mais ou menos distante desta freguezia, fundada por José Corrêa Leite. »

(d) Livro de Capitulos de visitas, folhas 2 a 4.

(e) Livro de Capitulos de visitas, folhas 28.

foram terminadas em 1860, importando a despeza total na somma de cento e trinta contos de réis, toda obtida por prestações dos fieis, sem o minimo auxilio dos cofres publicos. (f)

O plano da obra foi organisado pelo eminente architecto portuguez, Francisco Antonio Pereira de Carvalho, auctor de todas as construcções elegantes que se encontram em Pindamonhangaba.

Além da matriz, existem na cidade as igrejas do Rosario, edificada principalmente a esforços do ajudante José Homem de Mello, e a do patriarcha S. José, concluida em 1848 pelo padre João de Godoy Moreira, auxiliado pelos membros de sua importante familia.

Esta igreja substituiu a outra capella mais antiga, da invocação de S. José, que se demoliu por ter cahido em ruinas. Era sita no largo da Princeza imperial.

Está em construcção já bastante adiantada um espaçoso edificio para as sessões da camara municipal, servindo o pavimento terreo de cadêa civil.

Existe em Pindamonhangaba um excellente theatro construido conforme todos os preceitos da arte: está por acabar exteriormente.

Ha no municipio tres escolas publicas de primeiras lettras para o sexo masculino, as quaes tem matriculados 169 meninos.

Tem duas escolas publicas de primeiras lettras para o sexo feminino, tendo matriculadas 87 meninas.

Além destas escolas ha 3 collegios de meninos, nos quaes ensinam-se desde primeiras lettras até os preparatorios precisos para a matricula nos cursos superiores do imperio. com 82 meninos. Dous collegios de meninas, com o numero de 74 alumnas.

Fóra do municipio, ha cerca de 40 estudantes em cursos su-

(f) Obrigaram-se a fazer as prestações precisas e repartidamente ós seguintes cidadãos: Marcondes & Irmão, tenente-coronel João Monteiro do Amaral, major Francisco Marcondes Homem de Mello, 2º Barão de Pindamonhangaba, Manoel Marcondes Homem de Mello, capitão José Moreira Cezar, Commendador padre Antonio da Cunha Salgado Silva, capitão Custodio Gomes Varella, Barão de Parahybuna, Ignacio Bicudo de Siqueira Salgado.

periores, e tambem cerca de 50 meninos que aprendem primeiras lettras nas roças.

Eleva-se a população escolar do municipio a 492 alumnos, que frequentam escolas.

Desde muito tempo os enterramentos em Pindamonhangaba, fazem-se fóra da cidade, em cemiterio, apropriado. Ultimamente apromptou-se novo cemiterio, mais vasto e situado a maior distancia da cidade, tendo no centro uma elegante capella. Está em construcção o cemiterio do SS. Sacramento.

O rio Parahyba parte o municipio de Pindamonhangaba em duas zonas quasi iguaes, ambas notaveis pela uberdade das terras; a da margem direita, fechada a leste pela serra de Quebra Cangalha, é a mais fertil e apropriada a todos os generos de cultura: a zona da margem esquerda, fechada a oeste pela grande cadêa da Mantiqueira, é mais fria, sendo de qualidade inferior as terras junto ás fraldas da serra. No cimo desta ficam os extensos campos de criar, notaveis pela amenidade do clima, parte dos quaes pertence ainda ao municipio de Pindamonhangaba. O alto destes campos fica 1912^{m} acima do nivel do mar; ficando o logar denominado—Guarda, 1223^{m} e o meio da serra 965^{m} conforme observações barometricas feitas em abril de 1875. Devide este com Taubaté pelo rio Una, a pouco mais de legoa da cidade e com Guaratinguetá pelo rio Perapetinguy, a tres legoas da mesma.

A cultura principal do municipio é o café, de que se tem já exportado a quantidade de duzentas mil arrobas, representando o producto de uma só safra.

Numeram-se como quarenta fazendas, que colhem mais de mil arrobas annualmente.

Faz-se igualmente a cultura de cereaes, destinados exclusivamente ao consumo dos habitantes. Nesta cultura emprega-se grande parte da população livre, a qual leva todos os domingos os seus generos á quitanda, para os manifestar e vender, costume que ficou dos tempos passados.

Cria-se tambem gado vaccum e suino para consumo.

A cultura da canna, que outr'ora se fazia extensamente, está hoje quasi abandonada.

A população do municipio, pelo senso apurado em 1874 é de 14,636 individuos, dos quaes 3,718 são escravos.

Monsenhor Pizarro, escrevendo em presença de documentos

authenticos, dá em 1822 a Pindamonhangaba uma população de 5,025 almas.

Em 1766, segundo os assentos da parochia, era de 1,810 pessoas adultas (g) distribuidas por 312 fogos.

A benignidade do clima, e a fertilidade do solo e consequente abastança, tem contribuido para essa expansão da população, que tende ainda a augmentar-se de maneira sensivel (k)

O movimento da população em 1869, foi o seguinte:

Baptisados livres.	430	
» captivos	134	
	——	564
Casamentos livres	68	
» captivos	18	
	——	86
Obitos livres	208	
» captivos	95	
	——	303

EM 1870

Baptisados livres.	463	
» captivos	149	
	——	612
Casamentos livres	67	
» captivos	22	
	——	89
Obitos livres.	253	
» captivos	99	
	——	352

(g) Livro do Tombo, folhas 20.

(k) Um facto só basta para comprovar este resultado. Em meiados do seculo passado casou-se e estabeleceu-se em Pindamonhangaba o portuguez Antonio Marcondes do Amaral, o qual falleceu aqui em 1796. Seus descendentes formam hoje a familia Marcondes, cujos membros se contam por milhares e se estendem pelas provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio-Grande do Sul.

EM 1874

Baptisados livres.	479	
» ingenuos.	146	
	——	625
Casamentos livres	97	
» captivos.	9	
	——	106
Obitos livres	229 (l)	
» de ingenuos	69	
» de captivos	68	
	——	566

Estes resultados referem-se a ambos os sexos.

Em Pindamonhangaba cruzam-se duas estradas geraes, de grande importancia: a que vae da capital da provincia á côrte, e a que vem do sul de Minas a esta.

Para o Rio de Janeiro eram exportados em tropas os productos do municipio pelo porto mais visinho, que é o de Ubatuba. Presentemente esses generos em sua quasi totalidade, vão ter á côrte pela estação da Caxoeira, na estrada de ferro de d. Pedro II.

Por esta cidade passa a Estrada de ferro do Norte, destinada a ligar a cidade de S. Paulo á capital do Imperio; e espera-se que seja entregue ao trafego em pouco mais de um anno.

O commercio na cidade é muito limitado, reduz-se á venda de generos de consumo nos domingos, e ao mingoado trafico entretido por vinte lojas de fazendas seccas, das quaes apenas oito pertencem a nacionaes. (m)

Existe nesta cidade uma typographia.

Possue um hospital de caridade funccionando regularmente e prestando bons serviços ao municipio.

A gravidade de caracter das familias de Pindamonhangaba, é uma circumstancia, que tem sido notada por mais de um escriptor.

O presbytero Ayres Casal, o pae da geographia brasileira,

(l) Motivado pela epidemia das bexigas, subiu muito.

(m) Estas lojas representam o valor de 500 a 600 contos de réis em generos.

escrevendo em 1817, diz o seguinte : « Seus habitantes têm ama de homens prudentes e comedidos. » (n)

Milliet de Saint Adolphe, diz positivamente que os habitantes de Pindamonhangaba passam pelos mais prudentes e honrados da provincia.

Ainda hoje conservam-se na classe rica, em Pindamonhangaba, tendencias aristocraticas muito caracterisadas, e sentimentos de fidalguia e renome nas familias.

E a classe inferior da população acceita expontaneamente essa superioridade, e a reconhece sempre. Mesmo nos templos está, de tempo immemorial, recebido o uso, que se mantém inalteravel, de occuparem as pessoas gradas o lado direito do altar mór ; os de condição menos nobre tomam o outro lado, e não se misturam com os primeiros.

Terminamos este artigo, transcrevendo as palavras do nosso primoroso chronista Pedro Taques, sobre o fundador de Pindamonhangaba.

« Manoel da Costa Leme (o) foi desempenho glorioso de seus nobres ascendentes pelas moraes virtudes de que se ornou.

« Teve um respeito igual aos seus grandes merecimentos, e sempre primeiro voto nas materias da republica, tanto na villa de Taubaté, como depois na de Pindamonhangaba, que elle foi o que com grandes cabedaes, concorreu para esta erecção e obteve da real clemencia d'el-rei d. João V a approvação ; sem

---

(n) Ayres Casal, 1°, 24°, 1817.

(o) Francisca Romeira Velha Cabral, natural de S. Paulo, casou com Antonio Bicudo Leme, denominado o via-sacra, irmão do alcaide-mór, Braz Esteves Leme, naturaes de S. Paulo, teve oito filhos :

1.° Margarida Bicudo Romeira.
2.° Maria Bicudo Cabral.
3.° D. Francisca Romeira Velha Cabral.
4.° D. Elena do Prado Cabral.
5.° Izabel Bicudo.
6.° Frei Serafim de Santa Rosa.
7.° Antonio Bicudo de Brito.
8.° Manoel da Costa Leme.

Nobliarchia Paulistana, por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, manuscripto que foi publicado pelo Instituto Historico, de 1869 a 1872.

embargo de se ter acclamado a dita villa sem ordem sua e só por ambição do desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor geral de S. Paulo, que acclamou villa o lugar e capella de Pindamonhangaba, onde a maior parte da nobreza de Taubaté e S. Paulo se achava estabelecida, sendo naquelle tempo Manoel da Costa Leme o mais potentado e venerado de todos.

« Casou na matriz de S. Paulo a 13 de Abril de 1693, com d. Maria Domingues, filha de João Paes Domingues e de sua mulher d. Custodia Dias. *Em tit de Beteme.* » (p)

Pindamonhangaba dista de :—S. Luiz, 7 legoas—Cunha, 10 —S. Bento, 9—Tremembé, 1 1/2—Lagoinha, 5—Ubatuba, 18—Guaratinguetá, 7—Campos do Jordão, 5—Taubaté, 3.

LISTA DOS VIGARIOS DE PINDAMONHANGABA

1.° Francisco Garcia Baptista, era vigario a 1° de Dezembro de 1727.
2.° Manoel Lopes Taiba, era vigario a 26 de Outubro de 1731.
3.° Luiz Francisco Nunes, era vigario a 8 de Fevereiro de 1736.
4.° Caetano Gonçalves Chaves, era vigario a 26 de Julho de 1745.
5.° João de Moraes, era vigario a 7 de Setembro de 1752, e entregou a
6.° Salvador de Camargo Lima, que tomou conta a 7 de Setembro de 1752 e entregou a
7.° Caetano de Araujo Filgueira, que tomou conta a 16 de Março de 1756 e entregou a
8.° Pedro da Fonseca Carvalho, que tomou conta a 17 de Janeiro de 1757 e entregou a
9.° Firmiano Dias Xavier, que tomou conta a 26 de Junho de 1762.

(p) Teve dous filhos : João Paes Domingues, casou em Taubaté a 30 de Janeiro com d. Izabel Pedrosa. D. Francisca Romeiro Velha, casou com Antonio da Cunha Porto, d'el-rei, tenente-coronel das ordenanças de Pindamonhangaba e Taubaté.

10.° Timotheo Corrêa de Toledo, já era vigario a 18 de Setembro de 1764.
11.° Antonio Luiz Mendes, já era vigario a 30 de Novembro de 1767.
12.° Salvador de Carvalho Molem, já era vigario a 2 de Novembro de 1770.
13.° José de Andrade e Silva, já era vigario a 30 de Outubro de 1782, entregou a igreja a
14.° Manoel Marques de Miranda a 15 de Junho de 1783.
15.° Luiz Justino Velho Columbreiro, (collado) era vigario a 15 de Dezembro de 1790.
16.° Francisco de Oliveira Carvalho, (collado) era vigario a 23 de Janeiro de 1828.
17.° Antonio Manoel Cezar, era vigario a 6 de Fevereiro de 1836.
18.° Antonio Moreira Cezar de Almeida....
19.° Conego João Nepomuceno de Assis Salgado, (collado) passou a 20 de Dezembro de 1846.
20.° Conego Tobias da Costa Rezende, Maio de 1868.

E' o que consta dos livros de visitas e do Tombo, com excepção do ultimo.

Pindamonhangaba.

BENEDICTO M. HOMEM DE MELLO.

Aphorismo

Quando vires um rico, não lhe perguntes como ganhou: pergunta-lhe como *passou*. A riqueza é sempre filha da economia.

GENERAL AROUCHE.

Os Phenicios no Brazil

Ha tres annos ou mais abalou-se o mundo scientifico com a nova da descoberta de um penedo ou padrão com uma inscripção em lingua antiga, perto da Parahyba, imperio do Brazil.

O dr. Ladislau Netto, digno director do Museu Nacional, a quem fôra remettida uma cópia da dita inscripção, rodeou-se de livros, estudou, tressuou e, a cabo de muitas vigilias, conseguiu decifral-a nos seguintes termos:

« Foi erguida esta pedra pelos Cananeus Sidonios que da « cidade real a commercio sahiram. Sem mim (?) pela remota « terra montanhosa e árida, escolhida dos Deuses. Deusas no « anno nono e decimo (decimo-nono?) de Hirão nosso rei po- « deroso, e sahiram de Azion-Gaber, no mar Vermelho, e « embarcaram gente em navios dez, e estiveram no mar, « juntos, annos dous, ao redor da terra de Africa, e foram « separados do commandante, e se—desligaram de seus com- « panheiros, e chegaram aqui duas vezes dez (doze?) homens « e tres mulheres, nesta costa ignota que eu, servo de Astarte « poderosa (Mutuastarte infeliz?), tomei em penhor. Os Deu- « ses e Deusas tenham de mim compaixão. »

Trata-se de uma inscripção em lingua phenicia!

Como era de esperar ferveram em artigos eruditos os jornaes de todo o mundo, e ao laborioso dr. Netto vieram a granel epistolas gratulatorias de Renan e de outros corypheus da paleographia oriental.

Só o *Novo Mundo*, com inquebrantavel scepticismo, impugnou a authenticidade da descoberta, chegando até a ridicularisar os esforços do estudioso interprete!

E o peor é que fez mossa: o proprio dr. Netto deixou-se ganhar pela desconfiança de que era apocrypho o achado, ou antes de que fôra victima de uma perfeita logração.

Em o *Novo Mundo* de 23 de Abril de 1874 vem um *fac-simile* da inscripção e tambem a carta em que o dr. Netto externa as suspeitas que concebera.

Não sabemos em que pé se acha hoje a questão: nada mais sobre ella temos lido ou ouvido.

Cabe, pois, fazer ora tres perguntas:

1.ª—Não seria possivel terem estado os Phenicios no Brazil?

2.ª—Caso exista a inscripção em Phenicio ou Cananeu, poderá ter sido interpretada?

3.ª—Existirá ella realmente?

Difficil é responder: todavia, apesar da nossa reconhecida incompetencia, procuraremos adduzir algumas considerações.

I

A Phenicia foi a dominadora dos mares.

As armadas de Tyro e de Sidon, sulcando o Mediterraneo, despejaram na costa da Lybia os colonisadores de Utica, de Carthago e de varias outras cidades: além das Columnas de Hercules (1) fundaram Gades; ás costas aparcelladas do sudoeste da Bretanha iam buscar estanho; do Baltico traziam ambar... As quilhas phenicias não se temiam a mares grossos, não recuavam diante do desconhecido.

A Lybia occidental foi costeada pelo Carthaginez Hannon, que, segundo os calculos de Renell, extendeu o seu *periplo* ainda além da Serra Leôa: sessenta navios com 30.000 pessoas a bordo compunham a frota punica.

Os segredos da mysteriosa região, Troglodytas, campinas incendiadas e até os *gorilhos* ultimamente descobertos de novo por Chaillu, foram revelados ao mundo pelo nauta audaz que só deu volta ao leme quando lhe escasseiram os viveres.

E não é o principal.

Seis centos annos mais ou menos antes de Jesus-Christo,

---

(1) O estreito chamado hoje Gibraltar. E' provavel que, ao passarem-no pela primeira vez, erigissem os Phenicios padrões ou pilares commemorativos, dedicados a Hercules Tyrio. D'ahi o nome.

Necho, rei do Egypto, alimentava o projecto de abrir commercio entre a Europa e as Indias: para realisar seus intentos começou por mandar cavar um canal que devia pôr em communicação o Mar Vermelho e o Mediterraneo; tendo, porém, já perdido cento e vinte mil homens, deu de mão á empreza repellido, no dizer de Herodoto, por um oraculo que o avisou de que «estava trabalhando para o estrangeiro» *(tô barbáro autòn proergázesthai)*, mas com maior probabilidade em virtude da objecção que foi ultimamente derribada pelo sr. Lesseps—a pretensa superioridade de nivel do mar arabico.

Não desanimou, comtudo, o monarcha emprehendedor: voltando as vistas para outra parte, commetteu a marinheiros phenicios a circumnavegação da Africa.

Os atrevidos embarcadiços fizeram-se ao largo partindo do Mar Vermelho, desceram pelo oceano Indico, dobraram os cabos chamados hoje das Agulhas e da Boa Esperança, subiram pelo Atlantico e, ao cabo de tres annos, tendo passado pelas Columnas de Hercules, surgiram nos portos do Egypto.

O já citado Herodoto, que nos conservou a narração desta viagem extraordinaria, duvida da sua authenticidade pelo facto de terem affirmado os nautas que, ao costear o meio-dia da Africa, tinham visto o sol á direita. E isto é o que mais serve para confirmar a verdade: ao sul do equador tinha isso infallivelmente de dar-se.

Quatro centos annos mais tarde, no reinado de Ptolomeu Evergeto, egual commettimento foi levado a cabo por Eudoxo de Cyzico, viajante grego, que conseguiu transportar-se por agua do Mar Vermelho ao Mediterraneo.

Parece difficil de crêr que sem bussola e com primitivos navios de remos se tenham effectuado viagens tão descommunaes: a difficuldade, porém, desapparece desde que se reflecte poderem taes viagens ser feitas sem perder-se de vista a terra um só dia.

Accresce que os navios phenicios, chamados por extensão *navios de Tharsis*, arrasados, ligeiros, fortissimos e quiçá a certos respeitos melhores do que os nossos, prestavam-se de modo admiravel tanto á navegação costeira como á do mar alto.

Da solidez desses navios falla amiudadas vezes a Escriptura Sagrada. Dous exemplos entres muitos:

« Tu quebras *as naus de Tharsis* com vento oriental. » (*Psal. XLVIII, 8.*)

« Porque o dia do Senhor dos Exercitos será contra todo o « soberbo e altivo, e contra todo o exalçado, para que seja « abatid , e contra todos os cedros do Libano, altos e subli- « mes, e contra todos os carvalhos de Basan, e contra todos « os montes altos, e contra todos os outeiros levantados; e « contra toda a torre alta, e contra todo o muro firme; e « contra todos *os navios de Tharsis*, e contra todas as pin- « turas desejaveis. » (*Isaias, II, 12—16.*)

Em ambas as passagens o sentido é que *os navios de Tharsis*, exemplos de robustez, nada poderiam contra a vontade de Jehovah.

Espaço agora para um testemunho de viagens analogas, succinto, é verdade, mas insuspeito, irrefragavel, infallivel.

Lemos ainda na Escriptura Sagrada:

« Tambem o rei Salomão fez naus em Azion-Gaber que está « junto a Eloth, á praia do mar de Suph, na terra de Edom. « E mandou Hirão com aquellas naus a seus servos, mari- « nheiros que sabiam do mar, com os servos de Salomão. E « vieram a Ophir, e tomaram de lá quatro centos e vinte ta- « lentos de ouro; e os trouxeram ao rei Salomão. » (*I Reis*, IX, *26—28.*)

« Porque o rei tinha no mar *as naus de Tharsis*, com as « naus de Hirão: uma vez em tres annos tornavam *as naus* « *de Tharsis*, e traziam ouro e prata, dentes de elephantes e « bugios e papagaios. » (*I Reis, X, 22.*)

« E tambem os servos de Hirão e os servos de Salomão, « que de Ophir tinham trazido ouro, trouxeram madeira de « Almug e pedras preciosas. » (*II Chron. IX, 10.*)

O nome de Ophir, segundo a opinião mais seguida que é a do doutissimo Huet, bispo de Avranches, era dado particularmente ao pequeno paiz de Sofala, na costa oriental da Africa.

A frota, pois, hebraico-phenicia, largando de Azion-Gaber, ia pelo Mar-Vermelho, dobrava o Promontorio dos Aromas (Cabo Guardafui) descia pelo oceano Indico, estanceava em Ophir, carregava, depois seguia sempre pelas costas africanas, subia pelo Atlantico, passava pelas Columnas de Hercules e surgia finalmente nos portos de Tyro ou de Sidon.

Que concluir?

Pois não seria possivel que um navio, desgarrando-se da conserva em occasião de tormenta ou de cerração, emmarasse-se muito a oeste, e, trazido sem rumo pelos ventos e correntes, viesse dar á costa do Brazil?

Não foi isso mesmo o que aconteceu a Pedr'Alves Cabral que, tentando evitar as calmarias do Golpho de Guiné, perdeu-se e veio, sem o querer, lançar ferro em Porto Seguro?

Possivel, provavel, certo até que um dos navios da frota de Hirão e de Salomão, separando-se da conserva veio parar ao Brazil, si é authenticá a inscripção: a perfeita concordancia de data, nomes, tempo da navegação, usos e costumes que existe entre os dizeres do padrão gravado e a noticia biblica auctorisa a assim concluir.

II

A lingua phenicia ou carthagineza propriamente dita não existe mais: restam-nos della apenas alguns fragmentos que se podem classificar da maneira seguinte: 1.°—Dizeres de inscripções e legendas de medalhas, moedas, sinetes, etc. 2.°—Nomes proprios que occorrem em obras de escriptores gregos e latinos. 3.°—Um trecho de alguma extensão e varios outros menores no *Pœnulus* de Plauto.

Somenos em excesso seriam estes dados para que só por elles se podesse levar a cabo qualquer tentamen philologico-historico; a não haver uma lingua perfeitamente conhecida que tivesse com o Phenicio connexão intima e, se é licita a expressão, consanguinidade uterina, tudo quanto a nós chegou dos fragmentos tyrios e sidonios seria como si nada fôra.

Existe felizmente tal lingua: é o Hebraico.

E provas a esta asserção, achamol-as abundantes.

Salvo este ou aquelle, os caracteres do alphabeto phenicio são os mesmos do Samaritano ou Hebraico-Antigo: algumas

lettras até, *lamed*, *nun*, *pe*, *sin*, por exemplo, são quasi identicas com as correspondentes do alphabeto hebraico ora em voga.

Santo Agostinho que viveu na Africa quando ainda o Carthaginez era fallado, referindo-se a essa lingua e ao Hebraico. diz:

« *Istæ linguæ non multum inter se differunt.*, (*Quæst. in Jud.* lib. 7. qu. 16.)

Fallando de nosso SALVADOR, affirma:

« *Hunc Herœi dicunt Messiam, quod verbum linguæ punicæ* « *consonum est, sicut alia permulta et pene omnia.* » (*Cant. lit. Petil.* 2—104.)

Em outra parte observa: « *Cognatæ quippe sunt linguæ* « *istæ et vicinæ, Hebræa, Punica et Syra.*» (*In Joan* tract. 15.)

Tambem S. Jeronymo dá-nos valioso testemunho: « *Tyrus* « *et Sidon, in Phœnices litore principes civitates etc. Quarum* « *Carthago colonia. Unde et Pœni sermone corrupto, quasi* « *Phœni appellantur. Quorum lingua linguæ Hebreæ magna* « *ex parte confinis est.* (*In Jer.* 5—25.)

Uma consideração que não deve passar desapercebida é a seguinte, que nos-depara o estudo da Escriptura Sagrada: Os Hebreus para entenderem-se com os Phenicios não tinham necessidade de trugimão ou interprete; Abrahão, por instancia, comprehendia perfeitamente a linguagem dos Cananeus, e Jonas as dos marinheiros de Tharsis em um de cujos navios se embarcára para furtar-se ao mandato do SENHOR. Ora os Phenicios em sua propria lingua chamavam-se *Cananeus*, que quer dizer *habitantes das terras chans*, e o já citado Santo Agostinho testifica que, quando se interrogavam os Carthaginezes sobre a sua viagem, a resposta invariavel era—*Somos Cananeus.*

O douto orientalista Gesenius, cuja opinião sobre tal assumpto é a mais auctorisada dos tempos modernos, é de parecer que entre o Hebraico e o Phenicio ha a mesma differença que entre o Sueco e o Dinamarquez, que entre o Polaco e o Bohemio, isto é, quasi nenhuma.

Será, pois, conclusão rasoavel que, por meio do Hebraico, poderia ter o intelligente e erudito dr. Netto traduzido perfeitamente a inscripção da Parahyba.

E nem de outro meio se tem servido os paleographos para interpretar as passagens conservadas por Plauto, e tudo quanto resta do idioma dos antigos senhores do mar.

III

Diz o *Novo Mundo* (numero citado), referindo-se ao *facsimile* da inscripção da Parahyba: « Não ha de faltar quem queira queimar as pestanas para procurar decifral-o correctamente, e no fim reconhecer que o seu estudo e a sua cêra foram perdidos, desde que não sabemos si com effeito a inscripção foi achada n'uma pedra ou n'uma taboa, si pelo sr. *Costa* ou pelo sr. *Ferraz*, si na Parahyba do Rio de Janeiro ou na Parahyba do Norte de Pernambuco—si não sabe-se si a inscripção é apocrypha ou não. »

A isto sempre se póde contrapôr:

Em a—*Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil, pelo padre Simão de Vasconcellos*—, obra que sahiu dos prélos de Henrique Valente de Oliveira, em Lisboa, no anno de 1663, livro II, § 29, pagina 78 da edição que no anno de 1864 fez sahir á luz no Rio de Janeiro o dr. J. C. Fernandes Pinheiro, lê-se:

« Na altura da cidade da Paraiba em sete gráos da parte do « Sul para o sertão, em um lugar hoje dezerto e solitario, se « vê outro penedo com duas pégadas de um homem maior, « e outras de outro mais pequeno; E CERTAS LETTRAS ESCULPI- « DAS NA PEDRA. Este lugar é achado cada passo dos Indios « que de suas aldeias vão á caça; e tem para si que aquellas « pégadas são de S. Thomé: e segundo o que affirma S. Chri- « sostomo, e S. Thomaz, que acompanhava a S. Thomé, um « dos discipulos de Christo, as segundas pégadas menores de- « vem ser deste. As LETTRAS pretenderam os Indios arremedar

« aos nossos Padres nas aldeias, mas não se entendeu até agora « a sua significação (2). »

E ainda mais :

O *fac-simile*, apezar de ter sido feito por uma copia da copia executada por pessoa ignorante das linguas orientaes, é tão distincto e perspicuo que *nem uma* só de suas lettras offerece a minima duvida, quando levadas a cotejar com os caracteres phenicios e hebraicos-velhos que vêm nas obras de Gesenius ;

O uso de levantar padrões gravados em commemoração de descobertas fazia como que parte das instituições phenicias ;

O culto de Astarte (Astareth, a Venus Aphrodite dos Gregos,) parece ter-se extendido a todos os lugares em que estancearam os Phenicios ; o que prova o zelo religioso e quiçá propagandista que elles tinham, e de que é uma instancia a inscripção ;

A expressão — *Deuses e Deusas* — é traducção litteral mas pouco expressiva da formula—*Baalim-Astharoth*—, plural de —*Baal—Astoreth*—, com que os Assyrios e Cananeus designavam a fusão dos elementos masculino e feminino, a força productora da natureza que era o objecto principal de seu culto. Desta formula temos exemplos na Escriptura Sagrada :

« E clamaram a Jehovah, e disseram :—Pecamos, pois deixamos a Jehovah, e servimos a *Baalim-Astaroth.* » *(I. Samuel*, XII, 10).

« Então os filhos de Israel tiraram de entre si *Baalim-As-*
« *taroth. (Ibidem*, VII, 4)

Para não ir mais longe : admittindo-se mesmo que houvesse um antiquario gaiatão que puzesse em campo todo o seu saber para forjar uma inscripção phenicia, com o fim unico de pregar uma peça ao dr. Ladislau Netto, como refutar o testemunho do padre Simão de Vasconcellos, testemunho insuspeito pela candida ignorancia que revela, e que conta hoje 212 annos de publicidade ?

———

(2) Conservamos a orthographia da edição da Côrte.

E como siquer lembrar de confundir a Parahyba do Rio de Janeiro, povoação central da comarca de Petropolis, a mais de 22 graus de latitude sul, e até hoje VILLA, com a Parahyba do norte de Pernambuco, a menos de 7 graus da mesma latitude, porto quasi maritimo, capital de provincia, fundada em 1579, e já CIDADE em 1663?

. . . . . .

Parece que a inscripção existe; que, apezar de Camões, Vasco da Gama, Pedr'Alves Cabral e outros *em quem poder não teve a morte* andaram a fazer descobertas

por mares já de muito navegados

que OS PHENICIOS ESTIVERAM REALMENTE NO BRAZIL!

Oxalá desperte este tosco artigo a attenção de quem tenha saber e meios para poder elucidar tão importante ponto historico.

Campinas, 14 de Outubro de 1876.

JULIO RIBEIRO.

Flores!... Flores!...

(LOGOGRIPHO—POR LETTRAS)

Doira-te a face a alegria	4, 5, 6, 3.
Contente estás—pomba triste?	4, 3, 2, 8.
Sentes acaso a harmonia	2, 5, 4, 8.
A que té Deus não resiste?	3, 4, 8, 4.
Do jardim colheste a rosa	1, 2, 3, 4.
Que a *Deusa dellas* beijou?	1, 2, 3, 4, 8.
Pede ao Senhor que ditosa	3, 4, 8.
Guarde a *estrella* que a creou...	8, 6, 7, 4, 3.

Pede ao Senhor que ditosa
Guarde a bella e as bellas flores...
Que nunca venda chorosa,
Em vez dellas—seus amores!

UMA PAULISTA.

LIÇÕES DE HISTORIA PATRIA

PELO

DR. AMERICO BRASILIENSE

PUBLICADAS PELO

EDICTOR-PROPRIETARIO — JOSÉ MARIA LISBOA

Um volume de 356 paginas--Preço, 3:000 rs.

Estas lições abrangem o periodo historico desde o descobrimento do Brasil até a creação da relação de São Paulo, isto é, 1873.

Além das lições traz ainda um appendice dos factos mais importantes succedidos de 1873 até hoje.

O livro que é assás interessante pela clareza e cópia de factos não mencionados em outras obras elementares de Historia Patria, torna-se mais curioso na parte em que tracta de acontecimentos desde a Minoridade em diante (1840).

Nesse periodo em que o reinado entrou em nova phase refere o author destas *Lições* os successos mais importantes da historia geral do paiz e os que mais de perto prendem-se á provincia de S. Paulo, taes como: *a revolução de 1842, a organisação de forças paulistas para a guerra do Paraguay, combates em que ellas entraram, esclarecimentos sobre os officiaes de Voluntarios da Patria,* creação de companhias de linhas ferreas, etc., etc.

—

Deste livro tem-se occupado, com muito encomio, entre outros jornaes: o *Globo*, a *Reforma*, o *Jornal do Commercio*, a *Provincia de S. Paulo*, etc., etc.

—

Enviam-se exemplares pelo correio, registrados, a 3:400 rs.

O Paulista

JORNAL DO GOVERNO PROVISORIO INSTALLADO EM SOROCABA EM 1842.

A 17 de Maio de 1842 foi o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar *proclamado*, na cidade de Sorocaba *presidente interino desta Provincia pelas auctoridades civis e militares, pelo Batalhão das Guardas Nacionaes e mais cidadãos do municipio*, reunidos nos Paços da Camara Municipal.

Esta deferiu-lhe o *juramento de defender o imperador e a Constituição até a ultima extremidade.*

As phrases sublinhadas são as que se lêm na acta da sessão da Camara Municipal naquelle dia.

Eis como rompeu o movimento revolucionario desta provincia denominado—*Rebellião de 1842.*

Neste artigo, que destino ao *Almanak* do intelligente e laborioso sr. Lisboa, não trato de narrar todos os acontecimentos, que então se deram.

Limito-me a dar esclarecimentos ácêrca da *folha official O Paulista*—pouco conhecida nesta Provincia e talvez nunca vista em outras.

A's 10 horas da noute de 17 de Maio o ex-regente Feijó, que se achava em Campinas, teve conhecimento do que houve em Sorocaba nesse dia.

A 18 sahiu d'aquella cidade e a 20 chegou a Sorocaba.

Dedicado auxiliar do *presidente interino* resolveu fazer sair á luz um jornal, *orgam do governo.*

Foi publicado o primeiro numero a 27 de Maio, o segundo a 31, o terceiro a 8 de Junho e o quarto e ultimo a 16.

Tenho á vista a collecção : eis o resultado do exame, que faço de cada numero.

O Paulista tem 21 centimetros de comprimento, e 15 de largura, quanto ao formato.

A parte escripta, ou *de composição*, tem 16 centimetros de comprimento, 15 centimetros e 30 millimetros de largura.

Esta em cada columna contém 14 1/2 quadratins ; o comprimento 4 5.

Já se vé que é um jornal de diminutas proporções.

Foi publicado na *Typographia do governo.*

No *Paulista* a parte, que comprehende a inserção dos actos do governo, de todas as providencias, e occurrencias relativas ao movimento das forças, se inscreve—*Artigos de officio*, ou *Artigos officiaes.*

Além destes ha artigos politicos.

Encontram-se no 1° numero os seguintes : *programma, Causas da actual Revolução*, e *Artigos officiaes.*

No 2° vem primeiramente—*Artigos de officio*—, em seguida uma declaração de Feijó a respeito de sua viagem a Sorocaba, *Providencias naturaes e dadas para não sermos victimas, Erro fatal* ;

No 3°—*Artigos officiaes, Erro fatal* (continuação) *Considerações que deve fazer todo Brazileiro, Desconfianças do presidente Baiano* ;

No 4°—*Artigos de officio, O Governista, A Lei das Reformas dos codigos, A dissolução da camara.*

Dos *artigos politicos* do *Paulista*, em todos os numeros, se deprehende claramente : que a *folha official* considerava causas da *rebellião* as leis de interpretação do Acto Addicional, da reforma do Codigo do Processo e da criação do conselho de Estado :

Que o partido revolucionario se declarava ardente defensor do throno e da Constituição :

Que Vasconcellos era tido por elle como o principal director da politica do paiz, e como fiel executor della, nesta Provincia, o barão de Monte Alegre.

A revolução tinha por fim, segundo se lê no 1° numero do *Paulista*, forçar *o ministerio a retirar-se sendo substituido por outro, que não fosse socio ou condiscipulo de Vasconcellos, livrar o imperador da coacção em que se achava, e obter a revogação das tres leis*, a saber, *a chamada interpretação do Acto Addicional, a lei das Reformas do Codigo, e a do Conselho de Estado.*

A publicação da *folha official* cessou logo depois da entrada das tropas commandadas pelo barão de Caxias em Sorocaba a 20 de Junho de 1842.

Occupada a cidade pelo chamado *Exercito pacificador*, Feijó, que ali permaneceu, por alguns dias, ainda escreveu artigos, pretendendo fazer sahir á luz o 5º numero do «Paulista.»

Não o conseguiu porém.

Dentre os escriptos destinados áquelle numero conservo 4 da penna do ex-regente Feijó.

São esses, que abaixo vão publicados.

Deu-m'os em Piracicaba, quando ali estive em 1869, o sr. Miguel Dutra.

Se nenhuma utilidade póde resultar aos leitores das linhas, que venho de traçar, seja-me dado ao menos dizer que com ellas mostro a attenção que merecem-me os acontecimentos de nosso paiz.

O estudo da historia nacional, na opinião do distincto sabio portuguez, o sr. A. Herculano, é de alta importancia para os povos.

Estou de accordo com este pensamento, e creio que elle enunciou uma verdade incontestavel, quando disse :

« A falta de amor das velhas cousas da patria é indicio certo da morte da nacionalidade, e por consequencia do estado decadente da ultima ruina de qualquer povo. »

S. Paulo, 8 de Novembro de 1876.

A. Brasiliense.

ARTIGOS DE OFFICIO

A Coluna libertadora regresou para esta cidade por aver noticia, de que as forsas contrarias pertendião atacala sem ser apercebida. E quando isto não acontesa, reforsada ela com nova gente de Itapetininga, Faxina, e Araraquara, poderão eispurgar algumas povoasões visinhas de alguns inimigos, que as incomodão ; depois caminharão seriamente a tomar a capital.

Apenas xegarão á Campinas 150 omens ; apesar de todas as cautelas, forão apercebidos, e antes que se reunise o numero, que se pertendia reunir, forão atacados as 3 horas da tarde do dia 2 por alguns 600, entrando neste numero mais de 100 de tropa de linha. Os nosos resistirão pormais de 1 hora, e acabado o cartuxame das pesas, fugirão deixando a bagagem, e

poucos mortos, constando ser muito grande a perda entre mortos e feridos dos inimigos; mas breve sofrerão as consequencias deste atentado.

Continuão com actividade as providencias e preparativos para uma aporfiada luta. Vão-se por em pratica os ataques de guerrilhas, e emboscadas pelas estradas todas, com cujo sistema seremos invenciveis.

Apesar das dificuldades das comunicações, receberãose das vilas do Norte, pelas quaes é mui provavel, a esta hora, estarem em marxa sobre a capital.

Consta que a comarca de Coritiba pertendia aclamarse Provincia.

—

A PROVINCIA DE CORITIBA

A noticia de que tratavase na comarca de Coritiba, de aclamarse Provincia, parecenos um sonho. Tão pequena povoação pertender carregar com as despesas de uma Administração independente, onde é indispensavel uma Presidencia, uma Asemblea Provincial, uma Tesouraria, Forsas, etc., etc., onde alem das despesas tem de ser incomodada tanta gente; e que alem diso nunca obterão respeito do governo geral em rasão desua pequenes; e que ao principio tem de lutar só contra a perseguisão dele, por que o atentado é não só contra as leis, mas contra a Constituição com efeito parece sonho; mas depois que lemos o *Governista*, onde se aprova esta triste lembransa e como se aconselha, então não duvidamos que o mesmo Governo tenta iludir os Coritibanos por esta pueril vaidade privandonos assim dos auxilios destes. Comarca de Coritiba! nós vos desejamos toda a prosperidade, acautelaivos porém de quem vos aconselha um crime, edo qual nenhuma vantagem vos resulta. Alerta! atendei bem para esse mimo fatal, que se vos oferece. Unidos, somos Paulistas, mas divididos, seremos presa do Governo.

—

SUSPENSÃO DE GARANTIAS

Com rasão se dis « que um abismo xama outro abismo » O Governo provocounos: quis conhecer té onde pode xegar o

pundonor dos Paulistas: nada tem poupado para desenvolver noso valor e nossa teima e para esmagarnos, não duvidou pisar ainda uma ves aConstituisão. Esta permite a Asemblea gera suspender as garantias nos 2 unicos casos « *rebelião ou invasão de inimigo pedindo a seguransa do estado.* » Não estando porem reunida a Asemblea, e *correndo a patria iminente perigo poderá o Governo, etc.* Tem o governo naverdade usado já algumas veses deste direito; mas delegalo aos Presidentes éfóra dos casos marcados na Constituisão! é atentado inaudito! mas tudo deve esperarse do ministerio actual!

Estão com efeito suspensas as garantias nesta Provincia pelo Presidente Baiano desde 22 de Maio té 22 deste, emque estamos e por uma simples ordem sua! Nem ao menos dignarse publicar o decreto, que a auctorisava! e nem ao menos mencionar a data!!!

Brasileiros! onde estamos? ainda acreditareis que tendes Constituisão? A nosa Constituisão actual é a vontade de Vasconcelos eisecutada fielmente pelos Ministros de Estado: que vergonha! Infelis Imperador, que apenas podeis xorar sobre as desgrasas de vosos subditos, sem poder retirar da vosa presensa eses monstros, que nos devorão!

Brasileiros, libertai voso monarca, pondeo em estado, de que nos posa governar segundo os impulsos de seo inocente corasão, e os ditames da Constituisão; alias pereceremos todos.

—

O GOVERNISTA

A folha do Governo continua suas mentiras. Não se esqueseo de nos: muito teria que diser tálves com verdade; mas para desempenhar o conceito que dela se forma, lansou mão somente de falsidades. E entre outras, que calamos, notaremos unicamente o avansar descaradamente que requeremos uma pensão a S. M. I. por não podermos ir ao Senado; quando nós apenas em uma carta particular ao senr. Antonio Carlos, a qual andou impresa, lhe rogamos obtivesse da generosidade do Imperador uma pensão de 600$000 por que aviamos vendido o pequeno estabelecimento, que tinhamos em S. Paulo, e que antes de aprontarmos outro em S. Carlos fomos atacado de

parlesia e que por esa causa pouco progreso podia ele ter; e mostravamos que a Nasão não tinha prejuiso, por que deixando de receber o subsidio de 3:600$000 uma ves, que não pudesemos acumular, ainda o Tesoiro lucrava. Esta é a verdade, bem como, que S. M. concedeunos não 680$000, porem 4 contos, e sem a eisclusão que lembrvamos, e não só em atensão aos servisos prestados, e notese que nunca alegamos servisos, como por axarmonos enfermos.

Lembramos isto não ao redactor, mas ao publico paraque saiba o como obtivemos a dita pensão, que tanto molesta a alguem. Desde 1821 servimos ao Brasil por ser noso dever, e não para pedirmos paga deses poucos servisos que prestamos.

QUADROS

(COPIA DE UM ORIGINAL CASTELHANO)

A GUERRA

Descamba a tarde; ao seu clarão incerto,
Com a rédea solta ao peito malferido,
Solitario corsel cruza perdido
O campo de batalha já deserto.

De sangue e lôdo e de suor coberto,
Cravando o olhar e apurando o ouvido,
Interroga o montão d'onde um gemido
Ouviu de moribundo; está bem perto.

Estaca alli então, e dilatando
A entreaberta narina, o ar aspira.
Chegam os corvos p'ra o festim nefando;

Apaga o sol a funeraria pyra,
Remexe o bruto a çarça resfolgando,
A fronte lambe ao paladino e expira!

A PAZ

O albor da aurora, meigo de carinho,
De luz inunda o mòrro e a várzea inteira,
E de amor e consolo mensageira
Ouve-se a alegre voz de um sinozinho.

Espadanam as aguas no moinho,
Busca o zagal a bella companheira,
E a chusma dos passaros palreira
Anda ufana a voar de ninho em ninho.

Tudo é repouso e calma e harmonia ;
Na curva azul do céu immaculada,
Convidando ao prazer desponta o dia ;

E, rica de esperança e abastada,
Bençams d'alma feliz a Deus envia
A mãe juncto de um berço ajoelhada !

S. Paulo, 1876. LUCIO DE MENDONÇA.

Porte das cartas na provincia de S. Paulo em 1827

Os portes das cartas remettidas á côrte do Rio de Janeiro, villas do Norte, Santos e as de Jundiahy, S. Carlos, Ytú, Sorocaba e vice-versa, são reguladas identicamente, a saber: até 4 oitavas por 20 leguas 20 réis,—por 40 leguas 40 réis,—por 80 ditas, 80 réis,—por 100 ditas, 100 réis.

Pezando porém as mesmas cartas, além das 4 oitavas arrecada-se a quantia em que importa o seu justo pezo. Observe-se, que para proceder-se no porte com regra, reputam-se, v. g. desta cidade para o Rio de Janeiro, 5 distancias, sendo cada distancia de 20 leguas, e que á proporção do que pezam as cartas assim se carrega o porte por classes, de 2 em 2 oitavas, de maneira que pezando 4 1/2 oitavas, calcula-se em 6 ditas, e paga 150 e assim por diante. Aquellas cartas que são seguras pelos particulares, pagam geralmente além do porte 480 para a Fazenda.

João Quirino do Nascimento

Meu Lisboa.—Queres que te eu mande algum escripto do finado meu irmão dr. João Quirino do Nascimento, de saudosissima memoria, para o teu *Almanak Litterario*. Sei quanto prezavas aquelle espirito de primeira ordem cujos raios aureolavam um dos mais bellos corações que tem vindo á terra. Deixou elle pouca cousa de sua penna. Entretanto fazia versos cheios de sentimento e contos tão graciosos e tocados de tanta naturalidade, como aquelle da *Sinhara* em que sempre me fallas.

Guardo com verdadeiro ciume as pequenas peças litterarias que ficaram de meu chorado irmão. O meu desejo é reunil-as em um volumesinho, precedido da sua biographia, a qual supponho ser eu a pessoa mais habilitada para traçar com precisão e verdade, e dal-as ao publico, ou, ao menos, aos amigos em quem, me parece, conserva-se a maior saudade por um homem cuja existencia vimos amanhecer nas mais esplendidas galas para ennoitar-se repentinamente entre as paredes humidas do tumulo.

Não quero, porém, deixar de corresponder ao apreço que votas á sua lembrança. Ahi te envio um dos sonetos que elle fez quando se terminou a guerra do Paraguay, dedicado a um dos nossos mais valentes soldados. Faz parte de uma collecção em que acham-se outros de igual valia e, entre elles, alguns estygmatisando certas figuras e certos factos d'aquella campanha, e em que se vê que o seu talento era superior ainda mesmo no difficilimo genero da satyra.

Adeus.

Do amigo do coração

F. Quirino dos Santos.

Campinas, 31 de Outubro—1876.

A BARROSO

Ousado marinheiro, se o infinito
Mal, nos seios, contem o excelso feito,
Como de um rio no canal estreito,
Guardar teu nome, como no granito?

Chamassem-te—Oceano—, e n'elle escripto
O nome, qual o povo tem no peito,
De orgulho o mar rompêra o proprio leito
Crendo-o para tal gloria circumscripto!

Quando as ballas, rasgando o escuro espaço
Davam ás aguas por baptismo honroso
O sangue de Mariz n'um estilhaço,

Quem ergueu-se adiante victorioso?
Quem aos nossos mostrava erguido o braço?
Foi—Barroso—: chamavam-te—Barroso—!

João Quirino.

O homem de Deus

... Ei-lo, não qual o desfiguram inimigos, e não raro a propria fraqueza, mas qual o formou o Christo-Deus, seu mestre e seu modelo.

Mancebo, voltou as costas ás seducções da belleza corôada de flores, da fortuna vestida de oiro, da gloria cingida de loiros, para inebriar-se na contemplação do Christo, coroado de espinhos, coberto de opprobrio, cravado na Cruz!

A visão do Crucificado invadiu-lhe a alma inteira e espavoriu todas as visões voluptuosas, que vinham povoar-lhe a imaginação esbraseada...

Uma vez acommettido pela paixão do *divino*, ergueu para o alto a fronte transfigurada, esqueceu o estigma do proscripto e as concupiscencias que o chamavam para a terra.

Emquanto seus companheiros de edade atiravam-se na desapoderada carreira das glorias ou das volupias, elle... o escolhido do Senhor, occulto na sombra do sanctuario, devorava com avidos olhos o santo calix, onde se bebe o *vinho que germina virgens*, sonhava com João o moço reclinado ao seio de seu Mestre e cuidava ouvir harmonias mysteriosas, que vinham do Calvario e o attrahiam para o alaúde da Cruz.

Um dia, sua mãe segundo a carne viu-o estendido de bruços sobre os degráus do altar... O filho da mulher cahira ferido pela espada do sacrificador! Morrêra o homem—levantou-se o *anjo!*

Como aquelle heroe das lendas poeticas da Grecia de cujas espaduas pendia a pelle do leão vencido, o *anjo* veste-se ainda com os despojos do homem immolado.

Que mixto de simplicidade e de grandeza! Pobre como seu Mestre, como elle trazendo na carne immolada os estigmas da mortificação, uma virtude anima-lhe a existencia e põe em relevo todas as outras—a *caridade!*

Seu primeiro pensamento ao acordar é:—que poderei fazer hoje pela gloria de Jesus e pelo bem de meus irmãos?—Este interesse supremo não o deixa nunca, nem mesmo entre as pompas do Sancto Sacrificio... face a face com o Sancto dos Sanctos, offerece a hostia sem mancha por estes dous motivos... E ao descer os degráus tremendos do altar, com a bocca ainda cheia de mysterio divino, os labios ainda tinctos no sangue do Cordeiro, já sente o peso das almas que carrega na sua. O catre do pobre enfermo não tem para elle repugnancia; o perdão das offensas não lhe é sacrificio; a distribuição da esmola é seu recreio; a infancia desvalida, sua sociedade predilecta; os pobres, os afflictos, os miseraveis são seus amigos... *Quis infirmatur et ego non infirmor?*

Para terminar o quadro, digamos que essa caridade, que reveste fórmas tão amaveis, não desdenha as sanctas indignações... No proprio interesse das almas, o padre deve ser por estado o inimigo da doutrina perversa. Aquelle que abraça o peccador e o lava nas lagrymas e no sangue de seu Deus, deve ter odios terriveis contra o mal. *Qui diligitis Dominum, odite*

malum. O mestre da caridade não derogava a lei do amor, quando fulminava com olhares de ira aos Phariseus, e chamava-lhes *hypocritas, sepulchros caiados*. O padre portanto despósa as divinas aversões que Jesus legou á sua Egreja. Seu amor pelos homens deve fazer delle o assassino do erro—*diligite homines, interficite errores*. Assim o têm visto os povos que se hão apremado em torno dos pulpitos para desalterarem-se na onda sagrada, que cahe dos labios do ungido do Senhor.

Ei-lo, não qual o desfiguram inimigos e com elles a propria miseria, mas qual o formou o Christo, divino auctor do sacerdocio.

PADRE FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES

S. Paulo.

A traços largos

IV

PAULO EIRO'

Em Maio de 1871—morria no hospicio de alienados em São Paulo, aquelle desditoso moço,

Cursou durante algum tempo as aulas do Seminario Episcopal, conseguindo pouco depois, matricular-se no primeiro anno da Faculdade de Direito.

Não chegou ao fim da carreira; deu os primeiros passos, e encontrou a loucura.

Param esparsas, em mão de alguns, muitas producções desse infeliz poeta, que de bôa nota, e merecida, gozou na republica litteraria. As suas poesias revelam talento e suave inspiração. Pena é, que andem por ahi—dispersas, sem que encontrem mão caridosa que as enfeixe, como em precioso ramalhete para a litteratura nacional.

No naufragio da loucura a sua razão eclypsou-se; convêm que as suas bellas producções não se abysmem na onda escura do esquecimento.

M.

O MAIOR LABORATORIO
HOMŒOPATHICO
DA AMERICA DO SUL

PROPRIETARIO E FUNDADOR

ANTONIO GONÇALVES DE ARAUJO PENNA

Unico estabelecimento deste genero premiado nas exposições nacionaes de 1873 e 1875 e na exposição internacional do Chile de 1875, pela pureza e perfeição de seus productos, fornecedor das sociedades de beneficencia Familias Honestas, 29 de Julho e Industrial, e da enfermaria homœopathica do S. Sacramento, creada pela Santa Casa de Misericordia, e de muitos estabelecimentos pharmaceuticos, especiaes e mixtos; possuindo valiosos attestados dos mais conceituados medicos homœopathas e elogiado por toda a imprensa da côrte.

O abaixo assignado acaba de reformar seu grande laboratorio, enriquecendo-o com as ultimas descobertas da sciencia medica homœopathica, tanto com novos remedios importados da Europa e dos Estados-Unidos, como com livros recentemente publicados no paiz e no estrangeiro, podendo fornecer por preços modicos, não só a particulares como a outros estabelecimentos, visto receber tudo em grande escala e directamente do estrangeiro.

Completo sortimento de ricas caixas de todos os tamanhos, contendo medicamentos em tinturas, globulos ou pilulas; tinturas mãis e triturações de todos os medicamentos indigenas e exoticos; chocolate homœopathico; livros de medicina homœopathica, em portuguez, francez, e inglez; opodeldocs de bryonia, rhus, arnica e guaco, para rheumatismo; e tudo mais que pertence á homœopathia. Em Brotas tem o annunciante um deposito de remedios, em casa do sr. José Ribeiro de Camargo Barros.— Em Santos recebem-se encommendas em casa do sr. Benedicto Narciso de A. Sobrinho, na rua de S. Bento n. 6.— Em S. Paulo, o sr. dr. Antonio José Monteiro de Mendonça, rua de S. José n. 67.—Em S José dos Campos, o sr. Bento E Salles. Recommendo a todas as pessoas do interior, que dirijam seus pedidos em carta fechada a

Antonio Gonçalves de Araujo Penna

RUA DA QUITANDA N. 47, RIO DE JANEIRO

Predicção

DO MONGE ROSENDO ENCONTRADA ESCRIPTA COM LETTRAS MUITO GRANDES NA LIVRARIA DO CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO RIO DE JANEIRO, E ATTRIBUIDA A FREI RODOVALHO, FRANCISCANO, PAULISTA E BISPO NOMEADO DE ANGOLA

I

Lusiadum populi, mente alta condite vestra ;
Quæ servat vobis facta morata, Deus.

II

Principis effigie cusum cùm fulserit aurum :
Occultum Regem non procul esse, docet.

III

Pontificis summi, et sanctæ commercia Romæ,
Interdicta, negant posse latera sese.

IV

Hæc simul ac fiunt, tunc, Lusitaniæ, gaude ;
Non dubito adventu spes sibi certa veniet.

V

Imperium capies toti dominaberis orbi ;
Et Solimi muri sub tua sceptra cadent.

Versão portugueza

Considerai, Portuguezes !
Os successos demorados,
Que na mão do Omnipotente
Estão para vós guardados.

Quando virdes na moeda
O Principe que Deus guarda,
Bem podeis capacitar-vos
Que o Rei occulto não tarda.

Impedindo-se o commercio
De Roma e do Padre Santo
E' certo que o mesmo Rei
Já não póde tardar tanto.

E quaudo assim aconteça
Revive, Lisia! gostosa;
Porque tens certa a esperança
Da vinda que é duvidosa.

Tu formarás um imperio
Onde os outros tem os seos,
E os muros da Terra Sancta
Virão tambem a ser teos.

PADRE F. X. DOS PASSOS.

NOTA

O clero paulistano soube sempre manter, pela sua parte, o glorioso renome da Provincia.

De seu seio sahiram no correr dos tempos talentos que illustraram a egreja e o estado: não menos de sete padres de São Paulo foram elevados ás honras episcopaes. São elles o padre dr. Guilherme Pompeo de Almeida, bispo nomeado de Missões; padre Oliveira, arcebispo de Braga; padre Luiz Rodrigues Villares, bispo do Funchal; frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, bispo eleito de Angola; d. José Antonio dos Reis, actual bispo de Cuiabá; padre Diogo Antonio Feijó, bispo eleito de Mariana; d. Antonio Joaquim de Mello, bispo distinctissimo desta Diocese.

O padre Francisco Xavier dos Passos, discipulo das celebres aulas de d. frei Manoel da Ressurreição, e delle famulo, foi muito notavel por seus talentos, aos quaes a veia poetica dava mais realce.

Ainda joven consta ter composto e feito representar no palacio episcopal uma comedia escripta em latim com variada metrificação; mas della, como de suas outras composições, só resta a lembrança.

Era natural de Santos.

P. A. do Valle.

Conventos

Segundo uma estatistica de 1827, havia n'essa época treze conventos nesta provincia, sendo quatro da Ordem do Carmo, quatro da de S. Bento, e cinco da de S. Francisco.

Os do Carmo possuiam nesta provincia 55 casas terreas e 2 de sobrado, 13 fazendas, 1 data de terras com 3 leguas, 2 acções do Banco do Brazil e 630 escravos.

Os de S. Bento possuiam 76 casas terreas, 14 fazendas, 1 legua de terras em Sorocaba, 500$000 réis a premio, e 113 escravos.

Os de S. Francisco possuiam 45 escravos.

As quatro Ordens reunidas possuiam:

Casas	133
Fazendas	27
Terras, leguas . . .	4
Escravos	788

O rendimento destas propriedades eleva-se á somma de réis 2.917$010.

Os risos das virgens

(A M.)

Os risos puros das gentis donzellas
São nuvens d'ouro no celeste azul,
São meigas flôres exhalando aromas,
São primavéras dos rosaes do sul.

Os risos brandos das mimosas virgens
São hymnos ternos de infinito amor,
São ondas puras de harmonia infinda!
—Astros brilhantes de sideral fulgôr!

Os risos castos das gentis donzellas
São os perfumes dos jardins de Deos,
São sombras vagas de um prazer immenso,
Prazer immenso que demanda os céos!

Os risos ternos das mimosas virgens
São sons ethereos de uma lyra, oh sim!
São alvoradas de alegria extrema,
São castos beijos de um gosar sem fim.

*
* *

Donzella meiga, seductora e bella,
Rosa nascida do meu doce encanto,
Fada mimosa, delicada Nympha,
Dá termo ás ondas do tristonho pranto.

Sécca dos olhos essas doces lagrimas,
Basta de prantos!... Para que carpir?...
Eu quero vêl-a em amoroso abraço,
Cheia de gloria com prazer sorrir!

Taubaté,—1876.

SERVULO GONÇALVES.

Ao 7 de Setembro

RECITADA EM SESSÃO DO ATHENEO PAULISTANO EM 1854

I

Da Liberdade o sol, n'etherea plaga
De prismas esmaltado em seus primores
Por entre nuvens d'oiro em céo d'anil,
Dinisado raiou lá do levante,
No faustoso immortal brasilio dia.
Dia grato aos c'rações ás almas grato
Da edade divinal do Império origem :
Feliz—sete-Setembro—salve ó dia !
Em que se ouviu nos campos d'Ypiranga,
Desd'as praias immensas do Amazonas
De Cabral percorrendo a terra virgem
Do Prata ribombar té nas correntes
Do Americano heróe—Pedro Primeiro
O brado heroico—Independencia ou morte !

II

N'esphera das nações mais uma estrella
Radiante fulgurou, do céo d'America
A um outro hemispherio do universo
Seus raios scyntillantes expandindo :
Em prol, mais um soldado, do progresso
Nas alas se alistou das nações livres :
Mais um facto doirado para a historia
Surgiu no centro—oceano litterario
O immenso Brazil—Gigante excelso
No solo americano, augusto Imperio
Com magestade ergueu-se pompa e galas
No averno sepultando a tyrannia

Do despotismo cruel—ferocidade :
O phanal abraçou da humana especie,
Encarnação de Deus—ó Liberdade
E auriverde pendão desenrolando
Bradou p'ra sempre—*Independencia ou morte !*

III

Hossanas elevando a Jehovah
Com hymnos de victoria—a Liberdade,
Os filhos de Tupá saudam gratos
No Sete de Setembro, salve ! salve !
Ao eterno separar da ferrea Lisia
Qu'ao Gigante no berço amargurava
Com frio despotismo originado
Nas plagas inimigas transatlanticas !
Na terra divinal da Santa Cruz
Ergueu-se uma nação—Brazil, Brazil
Cançada de soffrer vontade Lusa
Do captiveiro o jugo sacudindo
Por terra arremeçou, aos pés calcando
Algemas e grilhões de ferro e bronze,
Tremulando o pendão da liberdade
Bradou p'ra sempre—*Independencia ou morte !*

Do vale a vastidão, do monte as grimpas
E ar, e céo, e terra, e mar, e mundo
Repet'em éco—*Independencia ou morte !*

J. M. Almeida Moraes.

Tieté.

Araçoiaba, Arasoiaba ou Birasoiaba, como se encontra em alguns documentos, significa : *Coberta do sol.*

FABRICA DE CHAPÊOS

A VAPOR

DE

BIERRENBACH & IRMÃOS

EM CAMPINAS

CASA FIL'AL

EM SÃO PAULO

55--Rua de S. Bento--55

Alem de grande quantidade de chapéos que se fabricam em seu estabelecimento, recebem tambem da Europa as nltimas novidades.

No seu deposito em S. Paulo ha o mais completo sortimento de chapéos para homens e meninos, assim como FINISSIMOS chapéos para SENHORAS e MENINAS, do mais apurado gosto e modernissimos, como terão occasião de vêr os que se dignarem honrar o nosso estabelecimento.

Seus preços são modicos.

*

OPODELDOC DE GUACO

INVENTADO E PREPARADO POR

ANTONIO GONÇALVES DE ARAUJO PENNA

approvado pela junta central de hygiene publica, autorisado pelo governo imperial, premiado pelo jury da exposição nacional de 1875, e pela exposição internacional do Chile do mesmo anno, e prescripto pelos medicos como poderoso e heroico remedio de applicação topica contra o **rheumatismo** agudo e chronico, nevralgias, queimaduras, etc.

A composição que com este nome foi approvada pela junta central de hygiene publica em 9 de Junho de 1875, e cuja venda foi autorisada pela portaria do ministerio do imperio de 14 de Junho do mesmo anno, é preparada por A. G. de Araujo Penna, estabelecido com laboratorio pharmaceutico á rua da Quitanda n. 47, e authenticada com a sua marca de commercio, devidamente registrada no meretissimo tribunal do commercio desta côrte em 28 de Agosto proximo findo.

O **Opodeldoc de guaco** do annunciante é preparado com o maior cuidado e escrupulo, e está conhecido desde muito tempo como poderoso remedio contra o rheumatismo, queimaduras, nevralgias, etc.

Entre os numerosos attestados de distinctos medicos e de pessoas curadas pelo emprego do **Opodeldoc de guaco,** destaca o annunciante alguns que fazem certo quanto affirma sobre o remedio de sua composição, hoje tão preconisado, que apparecem á venda outras preparações, sob o mesmo nome, vindas do estrangeiro, que não se devem confundir com o **Opedeldoc de guaco,** composição e invenção de A. G. de Araujo Penna, cujos frascos octognos de 60 grammas trazem a marca á margem estampada na união da cinta que cobre o frasco, no fundo deste.

Na exposição internacional do Chile de 1875 obteve o annunciante dous premios pela sua composição do **Opodeldoc de guaco,** na exposição nacional do mesmo anno obteve outro premio pelo mesmo motivo.

Para evitar as grosseiras e fraudulentas imitações, o annunciante previne aos seus freguezes e em geral ao respeitavel publico que todos os productos manipulados ou vendidos no seu laboratorio levam a sua marca, e contra quem della abusar se protesta usar das acções civeis e crimes, auctorisadas pelo Decreto n. 2682 de 23 de outubro de 1875.

47—Rua da Quitanda—47

RIO DE JANEIRO

ATTESTAM A EFFICACIA DO **Opodeldoc de Guaco**
OS EXMS SRS.:

Dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada
Dr. Marcellino Pinto Ribeiro Duarte
Dr. Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga (de Campinas)
Dr. Januario José da Silva (de Ubatuba)
Dr. João Lopes de Araujo
Dr. José Lopes Trovão
Dr. José Rodrigues dos Santos
João Pinto Dourmond (pharmaceutico de Campinas)
Dr. Ildefonso Simões Lopes
Dr. João do Nascimento Guedes
Dr. José Antonio Nogueira de Barros
Dr. Ernesto de Souza Oliveira Coutinho
Dr. Germano Francisco de Oliveira
Dr. Candido Borges Monteiro
Dr. Braz Dias da Matta
Barão da Lagôa
José Ribeiro de Camargo Barros (presidente da camara municipal de Brotas)

Coronel Antonio Carneiro Leão
Bernardino José Coelho
Maximo Innocencio Furtado de Mendonça
Tiburcio Guedes de Carvalho
Jeronymo Moreira da Rocha Brito
Leonel Alves da Silva
Bento Araujo Pereira
Francisco Domingos Machado
José Antonio Barboza de Siqueira
Ovidio Saraiva de Carvalho
Balthazar de Almeida Arruda
Francisco Foster Vidal
Benedicto José de Oliveira Junior (Rio Claro)
Luiz Baptista Cabral
Daniel José de Camargo (Taubaté).

Agentes :

Em S. Paulo—O sr. dr. Antonio José Monteiro de Mendonça, rua de S. José n. 67.
Em S. José dos Campos—Sr. Bento Emygdio de Salles.
Os quaes distribuem gratuitamente almanaks e prospectos.

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA
MACHADO E SILVA

TEM O SEU ESCRIPTORIO DE ADVOCACIA Á

Rua do Commercio—31, sobrado

E' encontrado todos os dias uteis das 11 1/2 da manhã ás 2 da tarde.

O dr. Joaquim Xavier da Silveira

NOTAS PARA UMA BIOGRAPHIA

A historia litteraria da Provincia de S. Paulo muito teria a dizer sobre este distincto paulista, se Deus não o houvesse chamado tão cedo ao repouso celestial.

Alma nobre e pura, espirito vivaz e enthusiasta, coração terno e apaixonado; nasceu Silveira para ser um dia grande poeta e grande orador.

O verbo da eloquencia manava-lhe dos labios sempre ardente e abundante. Sua voz sonora e attrahente, seu gesto facil e natural, seu porte altivo e nobre, tudo se alliava nelle na mais bem acabada harmonia.

Nos clubs e nas grandes reuniões populares sua palavra era uma chamma celeste: cahia no seio das massas para acordar nellas os generosos sentimentos do coração, a justiça, a egualdade, a fraternidade.

Não era como o volcão que tudo devasta e consomme; era como o fogo do céo que alumia e purifica. O joven orador paulista não concitava as turbas á insubordinação e á revolta, mas apontava-lhes a trilha de seus deveres, aconselhando-lhes o exercicio de seus direitos:—harengava mas não conspirava.

Na tribuna judiciaria, foi ahi que o joven paulista déra mais vezes copia de seu talento oratorio.

Os annaes de nosso tribunal registram com orgulho o nome do dr. Joaquim Xavier da Silveira; os triumphos, quasi sempre explendidos, que tanta vez alcançou em pról do fraco e do opprimido, vivem na memoria popular como uma tradição gloriosa para a nossa Provincia.

Como orador judiciario, dissertava menos do que declamava; procurava mais excitar as paixões do que convencer o entendimento; fallava mais ao coração do que ao espirito dos juizes: era o sentimento em acção.

Si nos fosse dado parodiar a phrase elegante de um escriptor francez a respeito de Lamartine, diriamos que Silveira era uma harpa eolia pendurada na tribuna.

Sua elocução era facil e pura; a phrase sem artificio e sempre ornada.

Como poeta, eram as paixões do coração as cordas mais sonoras de sua lyra.

Discipulo de Lamartine, poeta que adorava e que mais lia, seu estro moldava-se a todas as variedades do genero lyrico.

Sem que fosse poeta descriptivo, bosquejava as scenas da natureza como um reflexo das emoções da alma.

Seu verso sempre harmonioso resentia-se comtudo de certo abandono de fórma: — era mais um ponto de contacto com o grande auctor da *Novissima verba*.

Lia, porém não estudava os nossos poucos poetas de escolha, excepto Alvares de Azevedo que quasi sabia de cór.

A terra de Alexandre Gusmão e tantos outros paulistas notaveis, a importante cidade de Santos, foi o berço do distincto paulista.

Descendente de paes pobres e honrados, fôra destinado á carreira do commercio á qual se entregou durante pouco tempo.

Não podendo, porém, resistir á sua vocação para os estudos, veio para S. Paulo e aqui, depois de um brilhante curso de preparatorios, matriculou-se na Faculdade em 1861.

Desde o seu primeiro anno juridico adquiriu Silveira bellissima nomeada, que conservou até o anno de sua formatura.

Desde logo seu talento oratorio e poetico se revelou em todo o seu viço.

Nas associações litterarias, que então pullulavam na capital, nunca se fez ouvir o joven orador sem que fosse ardentemente applaudido e festejado.

Nos jornaes academicos que então se publicavam em grande numero collaborava activamente escrevendo muitas poesias de primôr, contos, pequenos romances e outras composições.

Em 1865 recebeu a carta de bacharel em direito, e obteve então a maior demonstração de apreço que podia receber de seus collegas: foi unanimemente eleito orador do anno para a collação do gráo academico.

Durante o curso juridico gozou Silveira da estima geral de seus companheiros de estudos: de trato sempre ameno, de maneiras affaveis e delicadas, alliava elle a bondade do coração á elevação da intelligencia.

Formando-se em 1865, Silveira estreou na advocacia, carreira que seguiu sempre.

Dedicou-se de preferencia á advocacia criminal, na qual colheu inestimaveis louros.

Não se lhe arrefeceu na aridez da vida pratica o ardôr da litteratura e da poesia: cultivou sempre as lettras, nunca deixou de escrever e de cantar.

Achando-se o anno passado em Santos, cidade de seu nascimento; o flagello da variola que então assolava aquella laboriosa população, atacou-o com toda a sua intensidade, e no seio de seus parentes e amigos finou-se o distincto paulista aos trinta e cinco annos de edade, deixando mulher e filhos.

Legou-lhes escassos recursos, mas um nome brilhante.

Seus escriptos em prosa e em verso colleccionados em livro dariam interessantes volumes; muitos delles, infelizmente, nem conheceram a publicidade.

A cidade de Santos tributa á memoria do dr. Joaquim Xavier da Silveira um culto de admiração e de amisade.

Poeta e orador, seu nome brilhará na historia da litteratura paulista a par dos seus mais bellos talentos.

S. Paulo, 2 de Novembro de 1876.

Paulo Egydio de Oliveira Carvalho.

Curiosidades paulistas

Em 1827 o valor das terras apropriadas para a cultura do assucar e do café era computado á razão de 1:200$000 por legua quadrada.

Nessa mesma época cultivavam-se os seguintes fructos exoticos:

Azinheira, amexeeira, amoreira, amendoeira, cidreira, damasqueiro, gingeira, jambeiro, limoeiros, limeiras, laranjeiras, mamoeiros, marmeleiros, maceeiras, nogueira, oliveira, pecegueiros, pereiras, pinheiro de Portugal, parreiras, romeiras, bananeiras, melão, melancia.

A maçã

(DE EHRARD)

Da maçã, digo, não gosto,
mas desconheço a rasão.
Em summa, excellente fructo
que assaz procurado é;
terão razão, mas bofé,
Da maçã não gosto, não.

Meu tio, (aliás bom homem,)
cultiva-as no seu quintal
mas... oh! que tio seguro!...
A ellas não deito a mão,
deixo-lh'as todas, e juro:
da maçã não gosto, não.

Se dermos credito á Biblia,
um desses fructos do mal
causou a *quéda* de Adão.
Fosse eu no Eden, ver-se-hia
qu'inda lá hoje estaria...
—Da maçã não gosto, não.

Alguem, cujo nome calo,
sujeito um tanto maduro
diz-me: « a tua opinião
ha de mudar no futuro. »
—Pensas?... pois confirmo ainda:
—da maçã não gosto, não.

—« Se conhecesseis um pouco
deste mundo a teimosia,
que a murros firma a questão!...
—Provaste o fructo algum dia?
—Nunca! repliquei irado,
Da maçã não gosto, não.

Comtudo exigiu que eu désse
certa fidalga—uma tarde—
midha franca opinião :
—Qual dos fructos que conhece
prefere? Eu disse enleiado :
—da maçã não gosto, não.

—Oh ! não gostais ! vós !... Por certo
nem posso prestar-vos fé.
E da altiva castellã
as roseas faces ao perto
miro... Desde então, bofé !
gosto muito da *maçã*.

1876.

EZEQUIEL FREIRE.

A egreja de Santa Iphigenia

Em um manuscripto de 1795 encontramos o seguinte, relativo àquella egreja .

« Em dias de Janeiro deste anno (1795) se disse a primeira missa na capella de Santa Iphigenia e Santo Elesbão. As taipas desta capella ha bastantes annos se principiaram pelos negros irmãos desta confraria, que estava no Rosario dos pretos; comtudo nunca passaram de seu principio. Agora, porém, alguns irmãos mais devotos, pedindo esmolas de todas as qualidades, fizeram a presente capella, que é mais um *palheiro* do que outra cousa. Comtudo, como já é capaz de ter missa, haverá mais vontade de dar esmolas, e assim ella terá augmento. Para se poder concluir, eu e outros andamos um dia tirando esmolas pela cidade. »

Araraquara

Algumas palavras sobre este municipio, tão cheio de vida, e tão rico de esperanças, tão invectivado pela ignorancia, pelo egoismo, pelo interesse, e pela paixão.

E assim cumpro um dever que me é imposto por um amigo, soldado do progresso, e um dos porta-estandartes da civilisação.

Para satisfazel-o, lutei com o meu *nada* e fui vencido!

Se elle pediu-me *uma palavra* sobre litteratura! Eu litterato? Crédo!

Escrevendo a historia cavalheirosa de qualquer Rei—*Sancho pança*—com palavrões á Castellar, ou á Victor Hugo, ou os amores de um *qualquer mortal* com feições de fidalgo brazileiro ou americano, arriscava-me a *catar* as flores no céo, e as estrellas na terra!

Naturalmente bom e compassivo, o Lisboa que já me conhece *a fundo*, facultou-me a escolha. Em vez de uma palavra sobre litteratura, duas de *historias!*

Mil vezes peior! Eu historiador? Impossivel methaphisico!

Seria prender a minha pobre rasão nas *têas* de uma narração pia, e rigorosamente chronologica, e ella desesperada, romperia os *tenues laços*, e levaria commigo o meu Lisboa por esses vastos, e interminaveis campos da imaginação, por essas regiões incommensuraveis do ideal!

Mas então uma quadra, ou uma oitava, em vez de historia? Eu poeta?

Milhões de vezes peior ainda! Impossivel como a infallibilidade do papa, e como a irresponsabilidade do Rei!

Além disso a época do terço protestaria contra a *quadra*, e El-Rei D. Sebastião contra a *oitava*, elle que soube substituir os *dous terços* pelos *dous quartos* dos quaes expulsou a *Sentinella* com um formidavel pescoção que lá foi ella cahir *de bruços* no salão representativo onde continuará a montar a *guarda constitucional!*

E a poesia do *terço, ou dos quartos*, transformando-se nessa grita horrorosa dos descontentes, levar-me-hia a não realisar o *empenho de honra*, compromettendo talvez a *Provincia de São Paulo;* quebrando, quem sabe, se a minha *Tribuna*, e em vez da *Reforma* proclamando como a unica necessidade do seculo, a regularidade do *Correio* que deve ser *Diario* na opinião do *Coaracy!*

E podiam até qualificar-me de *Polichinello!*

E depois de *qualificado* nem o *Faria* me desqualificaria; nem o Gama daria com a *trama*, e nem o Ulhôa votaria á tôa!

O que fazer—uma vez mettido em tal *sipoada?* Mãos á obra!

E seja lá o que fôr, fará gemer o Lisboa, isto é, o prélo na época em que chora... a morte dos *tercistas*, contando ao mesmo tempo o triumpho inglorio dos *quartistas*, e a victoria explendida do que entrou na casa dos *nove-fóra-nada!*

Nada, portanto, de poesia, de litteratura, de *historias*, e de *politicas!*

E em vez de biographia de um Rei fatalmente *sabio;* de um bispo necessariamente *virtuoso*, escrevâmos a deste municipio em ligeiros traços.

Esta villa é do tempo de Adão, e porisso hoje uma das mais prosperas; inferior a poucas cidades; superior a muitas pela sua população, pela sua lavoura, pela sua riqueza, e assombrosa pela fertilidade do seu solo.

O seu territorio *engóle* Portugal e o meu *Lisboa* de *atravessado!*

Confina com as villas do Belem do Descalvado, S. Carlos, Brotas, Jahú, Lençóes, Ribeirão preto, Batataes, e com as provincias de Minas, Goyaz e Matto-Grosso

Situada nas contravertentes dos rios Tieté, Mogy, ou rio Pardo, ou rio Grande, o seu territorio estende-se até o Paraná, comprehendendo duas serras apropriadas para a cultura do café, cada uma dellas o berço de importantes municipios, e de populosas cidades. Não tem um só palmo que não esteja sob o dominio privado, e por toda a parte se vê o sêllo indelevel do trabalho activo e perseverante. Ha mais de cincoenta annos que não ha noticia de um só indio entre aquelles rios, não obstante haverem já contado ao meu bom amigo *dr. Marqois*

que eu, n'uma caçada, *embolei* dous indios nas margens do Mogy, a quatro leguas desta villa!

Que furioso carapetão á jesuita!

A nossa villa, situada n'uma colina elevada, retalhada de excellente agua *que se bebe no pote*, reune todas as condições hygienicas e economicas para uma cidade de immensas proporções.

A sua população superior a dez mil almas, morigerada e emprehendedora, recommenda-se pela pureza dos bons costumes, e pelo amor á economia e ao trabalho, e pelo seu devotamento á patria.

Na guerra do Paraguay, em proporção á sua população, este municipio esteve na vanguarda com a sua aguerrida legião de voluntarios, que, ou ficaram mortos no campo da batalha, ou voltaram doentes e inutilisados, ou só depois de concluida essa campanha, a maior da America do sul.

Municipio de fronteira, torna-se entretanto notavel pelo espirito de ordem, e respeito ás auctoridades e ás leis dos seus habitantes.

De ordinario os criminosos que por ahi se encontram, não são *filhos legitimos paulistas*, e sim naturaes de outras provincias, que buscam o apoio e a garantia que lhes offerece a immensidade, e a vastidão do nosso territorio.

Dizem elles:—Deus é grande, mas o matto é maior!

Esta villa compõe-se de 233 casas e duas egrejas—a de Santa Cruz e a Matriz.

Actualmente a Matriz está em obra; por sobre a antiga se edifica uma nova que alli se levanta imponente e magestosa.

Construida de pedra e cal, segundo a planta de um engenheiro, vae ser um dos melhores e mais bellos templos da provincia.

A commissão directora dessa obra notavel compõe-se dos seguintes e importantes cidadãos: dr. José Cesario da Silva Bastos; tenente coronel João de Almeida Leite Moraes; capitão Joaquim de Sampaio Peixoto; capitão José Luiz de Sampaio e Antonio Pereira de Aguiar. A commissão já dispendeu para mais de quinze contos, e a obra apenas tem chegado á parte superior.

Dizem os mestres que está construida segundo as regras da arte, com todas as condições de solidez alliada á belleza.

E' digna a commissão dos applausos populares.

A nossa cadeia, casa de camara ao mesmo tempo, vae ser retocada, e então ficará um excellente edificio, um elegante sobrado.

Temos uma loja maçonica—A Cruz d'Oeste—composta do que ha de bom, e melhor em nossa sociedade, funccionando regularmente em nome da caridade, da paz, da concordia, da harmonia, da amisade e do trabalho.

Segundo um apontamento estatistico extrahido da collectoria temos 33 negociantes de fazendas, 42 armazens; 4 *tabernas;* 3 cartorios; 5 machinas de café, e 2 a vapor; 4 açougues; 3 hospedarias; 1 bilhar; 3 boticas; 2 advogados; 1 medico; *muitos curandeiros;* 1 photographo; 1 dentista; 2 funileiros; 3 selleiros; 2 alfaiates; 2 marceneiros; 2 pintores; meia duzia de sapateiros; duzias de carpinteiros, etc., etc.

Muitas casas boas e regulares, algumas empapeladas e mobiliadas modestamente; as ruas direitas; as calçadas existentes tão boas como as de Ytú.

Podem-se construir quantos chafarizes quizer o progresso, ou o futuro desenvolvimento da povoação, em ponto o mais elevado.

Povoado este municipio por *criadores*, em geral mineiros, *filhos legitimos* de Pouso Alegre, Campanha, Caldas, Ouro fino etc., póde se dizer que até 1868 só exportou o boi e o porco.

A lavoura da canna até então desenvolvera-se, mas nunca, senão ultimamente, exportou-se o assucar. As safras não chegavam para o consumo.

A peste na cayana, e a grande animação para a cultura do café immobilisaram alguns engenhos, e hoje importamos muito assucar de Capivary, Santos e outros logares, se bem que a nossa producção exceda ainda a dez mil arrobas.

Entretanto não ha municipio que tenha melhores terras, e melhor clima para a cultura da canna. *Nos tempos da cayana* o lavrador cortava a canna successivamente por espaço de 8 a 10 annos sem replanta-la uma só vez!

Dir-se-hia que era *silvestre* ou *natural!* Até hoje ainda as nossas terras não se prestam á cultura da *canninha*. Conheço desde 1855, em S. Lourenço, alguns *quarteis* de terreno até

hoje occupados com a canna, e que presentemente ainda são *fortes de mais* para a *canninha*.

O café, porém, veio disputar o terreno á canna, e á criação, absorvendo-lhes os braços.

E de 1868 a esta parte, quando apenas se contavam aqui e alli alguns mil pés de café augmentaram-se extraordinariamente as respectivas plantações.

Eis porque, e principalmente as grandes geadas de 1870 e 1871 não fizeram algum mal; encontraram os nossos cafeeiros no berço.

D'ahi o desanimo, e algum estremecimento em nosso progresso agricola.

Reconhecendo, porém, os lavradores—que os cafeeiros novos—ainda mesmo nesses municipios *encantados e onde Jesus Christo andou passeiando*, muito soffreram, como eu os vi, e *muita gente boa viu*, continuaram as plantações de modo, que hoje, podemos dizer sem receio de seria contestação, que temos para mais de um milhão e quinhentos mil pés de café distribuidos pelos seguintes bairros, comprehendidos n'uma circumferencia de tres a quatro leguas:

Bairro do *Chibarro* desde o *Correntes* até as *Cruzes*, comprehendendo parte do Jacaré—810 mil pés, destes formados 377 mil pés; producção exportada 40 mil arrobas mais ou menos.

Bairro das *Almas*, *Rancho queimado*, etc., 553 mil pés, destes formados 203 mil pés; producção exportada 23 mil arrobas;

Bairro das *Furnas*, *Fortaleza*, etc., 150 mil pés; destes formados 110 mil pés; producção exportada 12 mil arrobas;

Total—um milhão, quinhentos e dezenove mil pés; destes formados seiscentos e noventa mil pés; producção de sessenta a setenta mil arrobas.

No anno de 1877 a colheita attingirá a mais de cem mil arrobas; os nossos cafeeiros floresceram como nunca, e como em parte alguma.

E dentro d'aquella circumferencia temos para mais de 2,500 alqueires de terras altas apropriadas para o café, e fóra della, não só ha muita terra propria, por ora incalculavel, como muita plantação de café n'uma distancia de quarenta leguas, por exemplo no Rio Preto.

Não ha um só municipio na provincia que produza mais café do que este, embora os *engenhosos sabios*, com suas *engenharias* marcassem *engenhosamente* — S. Carlos do Pinhal — como o limite extremo da cultura do café, quando além desta villa temos ainda toda a margem esquerda de Mogy, a serra de Jaboticabal e a do Rio Preto, composta de terras altas, e excellentes para essa cultura e com o melhor clima.

Aqui o lavrador, « no anno da falha », colhe pelo menos a metade; assim o que colheu 4, no anno seguinte colhe 2.

O lavrador João de Almeida, de 7 mil pés formados, colhe, ha cinco annos consecutivos, 700 arrobas annualmente.

O lavrador Joaquim Pinto, de 25 mil pés formados colheu 4 mil arrobas.

O lavrador Antonio Pereira, de 11 mil pés formados colheu 2.500 arrobas.

A viuva Arruda, de 3 mil e poucos pés, colheu 996 arrobas beneficiadas, e remettidas para Santos aos srs. Setubal & Cª.

O lavrador Antonio Franco, nas divisas de Bethlem com S. Carlos, de 10 mil pés, colheu 3 mil arrobas!

E como estes factos podiamos citar muitos n'esta zona que comprehende Bethlem, S. Carlos, Araraquara, Brotas e Jahú.

Em geral as colheitas excedem os calculos dos lavradores.

Nunca, porém, o nosso municipio produz tanto café como o de Casa Branca... lá onde *nove cafeeiros* produzem duas arrobas, quando aqui, segundo os dados officiaes e *engenhosos*, são precisos *34 cafeeiros* para produzirem 1 arroba!...

Revoltante má fé, ou atrevida ignorancia!

Porque não publicam essa *mentira official*, ou essa calumnia *officiosa*?

Os dados officiaes, no tempo em que foram organisados, deviam dizer que os nossos cafesaes em sua totalidade eram novos.

Mas o interesse de um contracto, ou de um privilegio, ou de uma estação á porta, é pessimo conselheiro, e desatinadamente discute e argumenta.

Nos é indifferente ouvir aqui o brado da locomotiva; Araraquara não é o paiz, assim como não o é tambem Casa Branca ou Araras.

Antes de tudo somos brazileiros.

Diga-se portanto a verdade; affirmem-se os factos.

Os lavradores Araraquaranos modestos e despretenciosos, deixam passar em silencio, sem um só protesto, essas heresias e blasphemias *engenhosas !*

Pois bem, protestamos nós.

E protestamos com a nossa exportação, e com os nossos selleiros, com o nosso commercio de importação e exportação, com o nosso activo e passivo.

E ahi estão os cafesaes que podem ser vistos e contados.

Venham vêl-os em Maio de 1877, e acharão o café maduro á disposição da colheita, e as arvores carregadas como os mais afamados e maravilhosos cafesaes da fabula.

Venham vêl-os sem o interesse dos contractos e dos privilegios, e reconhecerão que temos pleno direito a mais *justiça* e a mais *consideração*.

Deixemo-nos de *historias* a proposito, e de *engenharias* de engenheiros !

Digam, porém, o que quizerem ; nós iremos o nosso caminho ao encontro da locomotiva hoje, ou ámanhã.

Quando ella não vier impellida pela mão do governo em demanda de Matto Grosso, nós iremos buscá-la, e fal-a-hemos atravessar os nossos *desertos*, accordando as nossas *florestas*, os *nossos indios*, os *nossos tigres !*

E para isso a nossa situação economica e financeira é uma das mais prosperas.

Raro é o immovel agricola onerado com a hypotheca.

O municipio não deve, talvez 150 contos ; fallem por nós os capitalistas e os commissarios.

Uma riqueza solida repousando sobre propriedades agricolas de valor superior a tres mil contos, segundo uma estimação abaixo do preço commum.

O commercio importantissimo dispondo de inteiro credito nas praças de Santos e Rio de Janeiro ; tendo algumas casas commerciaes que vendem annualmente mais de cem contos de réis.

Desde 1864 que aqui residimos, e ainda não fallio um só negociante, e as liquidações se fazem sem prejuiso de cem mil réis n'uma massa representativa de algumas dezenas de contos.

E desde 1855 conhecemos neste municipio dous processos pelo delicto de roubo ; um praticado por um estrangeiro *filho legitimo* da Italia, outro por um *filho legitimo d'aqui mesmo !*

Diariamente atravessam esta villa, vindos dos sertões de Uberaba, Prata, S. Francisco de Salles, 10, 15 e 20 carros, conduzindo o toucinho e mais generos da terra, que aqui vem comprar o sal, o ferro, e a fazenda, ou vão a S. Carlos, e ao Rio Claro.

E como elles não são *engenhosos*, atravessam o Rio Grande em barcos, procuram esta villa—para irem a Rio Claro e a Campinas, quando deviam procurar a margem direita do Rio Pardo, e Mogy, a linha a mais curva, isto é, a mais recta, e portanto a mais curta!

E os coitados ha mais de trinta annos fazem a volta em torno do globo! Mas se elles não sabem *engenharia!*

E entretanto—34 cafeeiros em Araraquara produzem uma arroba de café, quando em Casa Branca 9 produzem duas!

De um facto isolado conclusão para o todo!

Ah! engenharia do Brazil!

Araraquara, 11 de Novembro de 1876.

Dr. Joaquim d'Almeida Leite Moraes.

Charadas (3)

AO INSIGNE CHARADISTA JOÃO GUERRA

Póde ser—*mais*, *outra cousa*,
Tem origem no latim—1
Um legume conhecido—2
Um adverbio por fim—1

Procura entre os vegetaes
Que por certo me encontraes.

Santos.

J. H. S. Dutra.

*

COLLEGIO PARA MENINAS

EM

SÃO PAULO

DIRIGIDO POR

FRANCISCO RANGEL PESTANA

E

D. DAMIANA Q. RANGEL PESTANA

Funcciona desde o dia 3 de Abril do anno passado, na espaçosa casa n. **31 da rua da Boa-Morte,** este estabelecimento de educação e instrucção, sendo os directores auxiliados no ensino por tres senhoras, uma ingleza e uma allemã, as quaes residem no mesmo edificio.

Além das professoras habilitadas para leccionar diversas materias e especialmente as linguas, alguns cavalheiros distinctos, professores praticos, como os drs.

ANTONIO CARLOS, AMERICO BRASILIENSE, RUBINO DE OLIVEIRA E A. DE CAMPOS

cooperarão com o director no ensino das sciencias que fazem parte do seguinte programma:

Primeiro anno

PRIMEIRA CLASSE

Portuguez, arithmetica, escripta, costura e crochet.

SEGUNDA CLASSE

Portuguez, francez, geographia, arithmetica, crochet e tricot.

Segundo anno

Portuguez, francez, inglez, historia, arithmetica, geographia, desenho linear e calligraphico, costura, tapeçaria e filet.

Terceiro anno

Portuguez, francez, inglez, allemão, italiano, historia,

noções de physica e chimica, cosmographia, algebra e geometria, desenho, musica, dança, costuras, bordados e flôres.

Quarto anno

Portuguez, francez, inglez, allemão, italiano, historia, noções de physica e chimica, cosmographia, algebra e geometria, desenho, musica, dança, costuras, bordados e flôres.

Quinto anno

Portuguez, allemão, italiano, hespanhol, rhetorica e poetica, elementos de geologia, economia domestica, philosophia, direitos da mulher na sociedade brasileira, flôres e outros artefactos de couro, escamas, conchas e cabello.

Sexto anno

Litteratura, botanica, zoologia, repetição de algumas materias do anno anterior e exercicios praticos de ensino.

——

As lições de cathecismo serão dadas em dias determinados, attendendo-se á religião dos paes; assim como a frequencia ás solemnidades do culto terá lugar opportunamente e sem offensa á crença daquelles.

A mais perfeita lealdade será observada no ensino religioso, tomado elle como elemento de educação.

O folheto que se distribuirá brevemente, explicará em todos os seus detalhes o presente programma que ha de ser executado conforme as regras dos methodos de ensino, seguidos geralmente na Suissa, Allemanha e Estados-Unidos.

Condições de admissão:

Interna, por semestre. . . . . 300$000

Externa, passando o dia no collegio, por trimestre . . . . . 100$000

Roupa lavada e engommada, por conta dos paes.

Para elegancia do dormitorio e regularidade dos serviços, o collegio fornecerá cama, lavatorio, bacias, etc., mediante a quantia de 60$000.

Pagamentos adiantados

A um Beija-Flôr

Porque de mim foges gentil avezinha?
Não queres ser minha?... não sou teu amor?
Tu és inconstante, de vezes em quando
Tu andas saltando de flôr em flôr!

Dos lyrios nas hastes—não vês meus enleios?
Por entre gorgeios te libras ao ar...
Com esses desdens—não vês que arrebatas
Não vês que me matas de dôr... de pezar?

Com o setim das azas ás vezes bem breve
Me tocas de leve, ligeira... a fugir.
E vaes do rozal colher os perfumes
Causar mil ciumes... matar a sorrir!

Alegre e faceira me fazes ouvir
Os beijos que furtas a roseo botão,
Eu ouço-lhe os echos que callam bem fundo
No peito profundo rallando-me estão!

Porque de mim foges querida avezinha?
Não queres ser minha?... tu és tão gentil...
De petalas finas—n'um céo côr de rosa
Não queres, mimosa, sorver beijos mil?...

E ella pousando lá n'outra roseira
Que vê mais faceira corando de amôr,
Lhe trina mil notas de ternas estancias
Jurando constancias de—*Beija-Flôr!*

Piracicaba.

R. Motta.

Actualidade da lavoura de café

Um assumpto de grande transcendencia, que muito de perto affecta o estado economico financial do nosso paiz, tem até agora passado quasi desapercebido da imprensa, quando aliás elle deveria já ter dispertado a mais seria attenção dos profissionaes competentes.

Referimo-nos á diminuição na exportação do nosso principal genero—o café.

Sem embargo da effervescencia eleitoral, que domina a todos os espiritos e os torna porisso arredios das questões vitaes do dia, aventuremos todavia algumas considerações ácêrca da nossa agricultura, tão mal barateada e preterida pelos proprios interesses secundarios.

Não resta a menor duvida que a producção do nosso café tem diminuido consideravelmente de tempos a esta parte. Se assim não fosse o nosso municipio exportaria aproximadamente um milhão e quinhentas mil arrobas, attendendo-se ás colheitas anteriores e ás grandes plantações novas que já produzem.

Qual será a causa dessa diminuição?

Poder-se-ha attribuil-a á incuria dos nossos lavradores relativamente ao modo porque cultivam os seus cafezaes?

Cremos que não porque todos os melhoramentos aconselhados pelo processo mais adiantado hão sido applicados com o devido criterio e á luz da pratica, essa excellente conselheira, n'este, como em todos os ramos profissionaes.

Acreditamos, muito pelo contrario, que as causas de tal phenomeno são todas climatericas, como já as previu um outro lavrador em observações suas publicadas no «Diario de Campinas». Effectivamente essas previzões nos pareceram bem fundadas, estudando-se os factos precedentes e actuaes da lavoura.

Porém ainda agora mais se robusteceu esta crença, deparando com as palavras do « Jornal do Commercio », cujo res-

pectivo conceito veio plenamente confirmar o que já tinhamos como fóra de duvida.

Este jornal assim se exprime:

« A colheita não é tão abundante como a principio se prezumia e a diminuição procede das seguintes causas: o veranico de Dezembro e Janeiro fez grandes estragos nos cafezaes, crestou não só a parte mais tenra dos cafeeiros, como tambem os fructos mais novos. De duas boas florescencias que tiveram os cafezaes em Outubro e Novembro do anno passado, a segunda ficou completamente inutilisada e a primeira soffreu reducção consideravel em quantidade e desmereceu em qualidade.

« Na occasião da colheita os fazendeiros conheceram logo que teriam grande differença para menos no sóque, mas a quebra excedeu muito a sua previzão. »

Infelizmente é a pura verdade o que o «Jornal » affirma.

Estamos em identicas circumstancias ás dos lavradores da provincia do Rio de Janeiro.

Digamos agora o nosso fraco juizo a respeito da futura colheita.

Não tivemos felizmente, a visita importuna das geadas que tamanho mal causaram no anno passado em muitos cafezaes; mas, desgraçadamente, tivemos a Invazão desastrosa da praga, conhecida por—bicho do café—a qual produziu grandes estragos nos cafezaes antigos.

Além disso, o nosso clima, ha annos, perdeu o seu caracteristico de estabilidade, que era uma garantia, e tornou-se de uma inconstancia perniciosissima.

N'um só dia, chove abundantemente; em seguida abre-se o sol intensissimo, capaz de torrar tudo; e, o que é mais, depois, sobrevem o vento sudoeste a soprar com tão damninha força, que, em definitiva o resultado é ficarem increspadas as folhas dos cafeeiros, infezados e rachiticos os botões para flôr, porque a athmosphera resfria, rapidamente baixa a temperatura e de subito nos achamos em pleno inverno.

E tal tem sido ás vezes o frio, que chega a dar-se o caso de geadas extraordinarias, como ha poucos dias aconteceu nas proximidades da capital.

Estas causas tem feito com que diversas florescencias tenham sido pequenas, morosas e desiguaes.

Si mais tarde, novas florescencias não apparecerem sob o influxo benefico d'uma temperatura regular, a futura colheita será egualmente escassa.

Para combater os effeitos maleficos da intemperie da estação, só um remedio enxergamos : a instrucção agricola.

Em questões de lavoura andamos ás apalpadellas, se assim bem nos exprimimos.

Não temos, ao menos, noções de chimica, physica, e outras mais sciencias auxiliares, cujo conhecimento é indispensavel ao lavrador.

As circumstancias da lavoura são muito melindrosas.

Os capitaes escasseam ; o braço escravo tende a desapparecer ; a emigração de colonos laboriosos retrahe-se para o nosso paiz ; não ha esperança de nova lei de locação de serviços e a que vigora é defeituosissima, tanto para o locador como para o locatario.

E' pois, de summa gravidade a situação actual, que por isso mesmo está a pedir a mais seria attenção da parte dos palinuros da epocha.

Tregoas, portanto, aos *arranjos*, tregoas á politica esterilisadora, que nem viza a elevação de principios e nem cogita das reformas absolutamente indispensaveis que a nação reclama em bem de todas as industrias e notadamente a lavoura, a principal garantia do bem estar das nossas familias, e a base segura para a prosperidade da patria.

O governo que só inspire-se no bom senso e os nossos representantes que troquem as flores da rhetorica pelos projectos practicos de leis salutares.

O primeiro que desassombradamente esqueça-se dos *vizinhos* que vão sonhar com incouraçados, e os segundos qne convertam os respectivos avultados capitaes em emprestimos hypothecarios, adiantamentos para colonisação e em edificios para escólas, e então o resultado corresponderá infallivelmente ás legitimas aspirações do paiz.

Em uma palavra : com braços, machinas, dinheiro e escólas practicas a felicidade virá.

Campinas, 8 de Novembro de 1876.

Um Lavrador.

Tristeza

A' MEMORIA DE***

O que é feito do porvir que me sorria
O que é feito das venturas que eu gosava?
Que é do riso que nos labios meus brincava
Que é da vida ditosa que eu vivia?

Não sinto mais no peito a alegria
Que meus dias de existencia confortava;
Vejo o sol... elle outr'ora me encantava,
Hoje... é triste p'ra mim que alegre o via!

O sol que me alegrava e o porvir
Os dias tão felizes, de ventura,
Ai!... deixaram-me, de subito, a carpir!

Em vez do riso, o pranto... a amargura,
O peito entumecido a succumbir,
Em vez da qu'rida esposa... a sepultura!

Piracicaba, 24 de Setembro de 1875.

R. Motta.

FIM.

Decifração das charadas do Almanak de 1876

———

Charada 1ª—Hypolito.
2ª—Palavra.
3ª—Parabola.
4ª—Ambuaia.
5ª—Amalia

Charadas decapitadas: 1ª—Brama
2ª—Brema.

Charadas em quadro :—
rima
iman
mana
anão

» 2ª—
gamo
amor
mote
orei.

Charadas novissimas: 1ª—Tormentorio
2ª—Falua
3ª—Macaco
4ª—Serviola
5ª—Lisboa
6ª—Dominador

Logogripho—Remido.

N. B.—Deixam de sahir no presente Almanak diversas charadas, etc., umas por falta da respectiva decifração, que as deve acompanhar; outras por imperfeitas.

———

Os srs. J. M. S. Dutra e A. B. Carneiro, de Santos, foram os principaes decifradores das charadas do Almanak de 1876.

Pindamonhangaba

Ao artigo relativo ao municipio de Pindamonhangaba accrescente-se o seguinte:

Relação dos congregados que concorreram para a conclusão das obras da Matriz da cidade de Pindamonhangaba

PRIMITIVOS

Marcondes e Irmão, fallecidos.
Coronel João Monteiro do Amaral, fallecido.
Barão da Palmeira.
Padre Antonio da Cunha Salgado, fallecido.
Ignacio Bicudo de Siqueira Salgado & Cª
Commendador José Moreira Leite Cezar, fallecido.
Jeremias Gomes de Araujo, fallecido.
Alferes Manoel Ribeiro do Amaral.
Francisco dos Santos Salgado, fallecido.
Antonio dos Santos Salgado, fallecido.
Capitão José Moreira Cezar, fallecido.
Manoel Marcondes Homem de Mello, fallecido.
Luiz Antonio de Araujo.

NOVOS

Capitão Manoel Antonio dos Santos.
Capitão Honorio Pereira Leite, fallecido.
Domingos Marcondes Machado, fallecido.
Barão de Pindamonhangaba, actual.
Baroneza de Parahybuna.
Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga.
Capitão Manoel de Godoy Silva, fallecido.
D. Maria Vieira de Carvalho, fallecida.

CASA BANCARIA

DO

DR. THEODORO REICHERT

Entrando esta casa no 13° anno de sua existencia, continúa a fazer suas transacções de costume, dando e recebendo dinheiro a premio, conforme os estatutos da casa.

S. Paulo, 18 de Novembro de 1876.

DR. THEODORO REICHERT.

LIVRARIA

INTERNACIONAL

DE

Gaspar da Silva

EM

CAMPINAS

Completo sortimento de objectos de escriptorio, papel, pennas, tinta, obreias, canetas, lapis Faber, etc , etc.

———

Esplendida collecção de livros de instrucção, romances portuguezes e francezes, obras de sciencia, obras religiosas, historias populares, etc.

———

Remedios homœopathicos do laboratorio do dr. Carlos Marquois, vice-consul de França nesta provincia.

———

Quadros para salas.

———

Recebem-se encommendas de quaesquer livros.

RUA DO COMMERCIO, 47

CAMPINAS

INDICE

	PAG.
Actualidade da lavoura do café. . . .	183
Acrostico	94
Aphorismo	131
Araraquara	172
Artigos de officio	147
A um engeitado, poesia	13
Batalha de 21 de Maio	95
Barroso (a) soneto	152
Beija-flôr (a um) poesia	182
Brigadeiro Machado d'Oliveira . . .	12
Cantora (a uma) poesia	47
Carta do Senador Vergueiro	76
Carta do Papa Gregorio XVI	58
Caipirinha (a) poesia	33
Casinha de Sapé (a)	28
Chronica paulistana . . . pags.	31, 47, 57
Conto a esmo . . . , . .	44
Conventos	159
Curiosidades paulistas	169
Charadas 1.ª pag. 19—2ª, 37—3ª,	179
Descripção geographica do Brazil . . .	49
Egreja de Santa Iphigenia (a) . . .	171
Egoismo (o) poesia	57
Emilio do Lago	27
Epigramma paulista	75
Epigrammas	91, 104
Fantasia philosophica	91
Francisco Rangel Pestana (dr.) biographia . .	81
Governista (o)	149
Homem de Deus	153
Joaquim Xavier da Silveira (dr.) notas para uma biographia	167
João Quirino do Nascimento	152
Lagrimas e soluços de um patriota . . .	14
Logogriphos	105, 143
Louco, poesia	73
Maçã (a) poesia	170
Madrigal paulista	71
Maria, poesia	123
Martim Lopes Lobo de Saldanha . . .	21
Martim Cabral	56

PAG.

Maxima dos jesuitas 124
Memorias da Faculdade de Direito de S. Paulo . 1
Miguelsinho 46
Musica e o n. 3 (a) 71
Noticia historica biographica de Amador Bueno da Ribeira 107
Não me esqueças, poesia 117
Novissima charada 1ª, 14—2ª, 43—3ª, 75—4ª, 70
Olhar (o) soneto 59
O que é uma eleição no Brazil 39
Paulista illustre (uma) 15
Paulista (jornal do governo provisorio). . . 145
Paulo Eiró 155
Peixes de rios paulistas. 18
Phenicios no Brazil (os) 135
Pindamonhangaba 125
Porte de cartas, etc. 151
Predicção 157
Provincia de Coritiba (a) 148
Quadros (sonetos) 150
Quero fugir-te, poesia 93
Rasgo de eloquencia 51
Rebellião do Rio Grande do Sul 41
Relogio do lar (o) soneto 105
Risos das virgens, poesia 160
Sarú-taiá 35
Senador Feijó 17
Sete de Setembro (o) poesia 161
Soli et semper! soneto 90
Soneto 40
Suspensão de garantias 148
S. Paulo em 1819 53
S. Paulo na balança do imperio. 121
Tristezas 186
Trovas populares em S. Paulo—pag. 16, 27, 37, 46, 51 79, 90, 102, 114.
Uma Ytuana inventora das flôres de côco . . 103
Um Poeta 115
Um edital 118
Vou morrer! poesia 116

TYP. DA PROVINCIA DE S. PAULO, 1876

011206

Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin

Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado

Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo